

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

DANIELA MARIA DO NASCIMENTO HYPOLYTI

**MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: AS REPRESENTAÇÕES DE
TIRADENTES NA HISTORIOGRAFIA, NOS LIVROS DIDÁTICOS E
NA MÍDIA DIGITAL**

**CAMPO MOURÃO – PR
2019**

DANIELA MARIA DO NASCIMENTO HYPOLYTI

**MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: AS REPRESENTAÇÕES DE
TIRADENTES NA HISTORIOGRAFIA, NOS LIVROS DIDÁTICOS E
NA MÍDIA DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

Orientador(a): Dr. Fábio André Hahn

Co-orientador(a): Dr. Marcos Clair Bovo

**CAMPO MOURÃO – PR
2019**

Catlogação na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H998m Hypolyti, Daniela Maria do Nascimento.
Memória e esquecimento : as representações de Tiradentes na historiografia, nos livros didáticos e na mídia digital / Daniela Maria do Nascimento Hypolyti.
– Campo Mourão, 2019.
127 f. : il.

Orientador: Fábio André Hahn.
Coorientador: Marcos Clair Bovo.

Dissertação (Mestrado em Sociedade e Desenvolvimento) – Universidade Estadual do Paraná (Campus de Campo Mourão), Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Tiradentes, 1746-1792 – Teses. 2. Historiografia – Teses. 3. História – Teses. 4. Abordagem interdisciplinar do conhecimento – Teses. I. Hahn, Fábio André. II. Bovo, Marcos Clair. III. Universidade Estadual do Paraná (Campus de Campo Mourão). Centro de Ciências Humanas e da Educação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. IV. Título.

CDU 930.2

DANIELA MARIA DO NASCIMENTO HYPOLYTI

BANCA EXAMINADORA

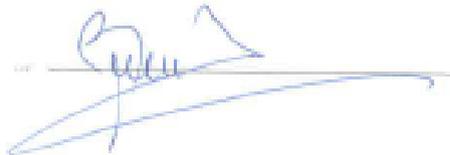
Prof. Dr. Fábio André Hahn (Orientador) - UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr. Marcos Clair Bovo (Co-Orientador) - UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr. Bruno Flávio Loutra Fagundes - UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza - UNICENTRO/ Guarapuava



Data de Aprovação

12/03/2019

Campo Mourão - PR

À minha mãe Maria Lúcia e a meu pai José.
Inspiração e base fundamental de minha caminhada.
A vocês todo meu amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de rememorar o caminho trilhado. Não poderia deixar de realçar a importância e ao mesmo agradecer aqueles que estiveram ao meu lado nessa tão sonhada trajetória de vida.

Em primeiro lugar agradeço a Deus. Obrigada Senhor, por tudo o que tens feito por mim e por tantas coisas boas que já me deste.

Aos meus pais, Maria Lúcia e José, que sempre primaram pela minha educação. Agradeço por acreditarem em mim e nos meus sonhos. Por muitas vezes, mesmo sem compreender ao certo o caminho que eu estava trilhando vocês estiveram ao meu lado, me apoiaram e souberam compreender os momentos em que precisei estar ausente. Aos demais familiares – em especial ao meu avô Gerson – que mesmo distantes vibraram comigo a cada conquista.

Ao meu amado esposo Denilson, por ter estado ao meu lado e por ter acompanhado cada etapa desta jornada. Agradeço por ter sabido lidar com os meus momentos de ansiedade e por ter compreendido as minhas ausências.

Ao meu orientador, Dr. Fábio André Hahn, pela confiança em mim depositada no caminho que trilhamos desde a graduação até a conclusão do mestrado. Obrigada pela presença amiga, por acreditar em mim, nesta pesquisa e por me orientar permitindo que a minha voz sempre fosse ouvida. Estendo os agradecimentos ao meu Co-orientador, Dr. Marcos Clair Bovo, pelos diálogos incentivadores durante a construção e desenvolvimento desse estudo.

Aos professores da minha Graduação em História e aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão, pelo conhecimento compartilhado e que foram fundamentais não só para a minha formação, mas para a construção dessa pesquisa.

Aos inúmeros amigos e amigas que trouxeram alegria e leveza ao meu cotidiano e que mesmo distante sempre encontraram uma forma de estar presente. Entre eles quero nomear: Deividi, amigo que o mestrado me presenteou e que levo para a vida e, a minha prima Andrea pelos diálogos nas tardes de domingo que muito contribuíram para a construção dessa pesquisa.

E por fim, a Fundação Araucária, pelo apoio financeiro que permitiu que eu pudesse ter dedicação exclusiva, contribuindo assim, para um melhor desenvolvimento dessa pesquisa.

Muito obrigada!

Diziam os positivistas que os mortos governavam os vivos, o passado o presente. Ao reler a história com os olhos de hoje talvez pudéssemos dizer que os vivos, ao tentar reconstruir o passado, tentam governar os mortos na ilusão de poderem governar a si próprios. Ou, em versão pessimista, na frustração de o não poderem fazer.

José Murilo de Carvalho

RESUMO

HYPOLYTI, Daniela Maria do Nascimento. **Memória e esquecimento: as representações de Tiradentes na historiografia, nos livros didáticos e na mídia digital**. 124f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2019.

Tiradentes é uma figura emblemática na história brasileira, sendo o seu nome disseminado como herói nacional e representado sobre inúmeras facetas, mas permanecendo por vezes mal compreendido. Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo investigar as representações de Tiradentes analisando diferentes formas de linguagem que podem ser utilizadas na elaboração de uma história pública sobre a formação da identidade brasileira, personificada na sua figura. A pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo foi dividida em três momentos: a) revisão da historiografia produzida a partir da década de 1990; b) investigação e análise das notícias jornalísticas que circularam na internet no feriado de 21 de abril dos anos de 2014-2018; c) verificação e análise dos livros didáticos de História dos anos finais do Ensino Fundamental inseridos no Guia do Livro Didático, vinculado política do PNLD, referente ao ciclo trienal 2017-2019. A natureza interdisciplinar deste estudo encontra-se fundamentada nos aportes teórico-metodológicos dos campos da História, Sociologia, Comunicação Social e Educação.

Palavras-chave: Tiradentes; História Pública; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

HYPOLYTI, Daniela Maria do Nascimento. **Memory and Oblivion: The Representations of Tiradentes in Historiography, Textbooks and Digital Media.** 124f. Dissertation. Interdisciplinary Graduate Program of Society and Development. Paraná State University, Campus of Campo Mourão. Campo Mourão, 2019.

Tiradentes is an emblematic figure in the history of Brazil. His name has been disseminated as a national hero and represented on numerous facets, but sometimes, remaining misunderstood. In this sense, the research aims to investigate the representations of Tiradentes, by analyzing different forms of language that can be used in the elaboration of a public history about the formation of the Brazilian identity, which had been personified in its figure. The quantitative and qualitative research was divided in three moments: a) revision of the historiography produced as of the 1990s; b) research and analysis of the news stories which circulated on the Internet during the holiday of April 21, 2014-2018; c) verification and analysis of the History textbooks of the final years of Elementary School included in the *Guia do Livro Didático*, linked to the *PNLD* policy, referring to the triennial cycle 2017-2019. The interdisciplinary nature of this study is based on the theoretical-methodological contributions of the fields of History, Sociology, Social Communication and Education..

Keywords: Tiradentes; Public History; Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Tiradentes como Alferes	59
Figura 2: Tiradentes retratado por Décio Vilares	59
Figura 3: Obra intitulada <i>A leitura da sentença</i>	61
Figura 4: Obra Jornada dos Mártires	63
Figura 5: Tiradentes ante o carrasco	65
Figura 6: Tiradentes esquartejado	65
Figura 7: O martírio de Tiradentes	67
Figura 8: Tiradentes, painel de Candido Portinari	70
Figura 9: Leitura da sentença de Leopoldino Faria	74
Figura 10: Tiradentes, pintura de Alberto Veiga Guignard	75
Figura 11: Charge de Laerte publicada na versão impressa da Folha de São Paulo	91
Quadro 1: Livros didáticos de História (ciclo 2017-2019)	53
Quadro 2: Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2014	86
Quadro 3: Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2015	90
Quadro 4: Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2016	97
Quadro 5: Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2017	101
Quadro 6: Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2018	107

SUMÁRIO

ENSAIO INTRODUTÓRIO: AS REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	12
CAPÍTULO 1: A REPRESENTAÇÃO DE TIRADENTES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	22
1.1 A construção de um herói para a República	22
1.2 A construção de um herói para a República	35
CAPÍTULO 2: A MEMÓRIA DE TIRADENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA.....	43
2.1 o livro didático de história: um lugar de memória.....	43
2.2 A retratação de Tiradentes nos livros didáticos de História	51
CAPÍTULO 3: A (RE)PRODUÇÃO DA MEMÓRIA DE TIRADENTES NA MÍDIA DIGITAL.....	79
3.1 Mídias digitais: espaço aberto para a construção de histórias e memórias	79
3.2 O feriado de 21 de abril e a representação de Tiradentes nas narrativas produzidas por portais de notícias	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICES	124
Apêndice A - Livros didáticos de História PNLD 2017-2019	124
Apêndice B - Reportagens publicadas em portais de notícias entre o período de 2014-2018	124

ENSAIO INTRODUTÓRIO

AS REPRESENTAÇÕES DE TIRADENTES: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

No Brasil, o dia 21 de abril é feriado nacional de Tiradentes. Apesar de ter sido celebrado pela primeira vez no ano de 1890, em homenagem à memória de Joaquim José da Silva Xavier – popularmente conhecido como o Tiradentes –, o feriado foi incluído no calendário brasileiro somente no ano de 1965, por meio da promulgação da Lei Federal nº 4.897, de 9 de dezembro. Com a implantação dessa lei, Tiradentes foi oficialmente declarado patrono cívico da nação brasileira e, como forma de lembrar o seu “holocausto” e a sua “gloriosa” representação republicana, o dia 21 de abril foi decretado feriado nacional. Para celebrar essa data, ficou também prescrito, em parágrafo único, que festividades deveriam ser programadas anualmente.

Com a instituição dessa lei no ano de 1965, Tiradentes passou a integrar o calendário brasileiro como sendo a única personalidade histórica a possuir um feriado em sua homenagem, visto que os outros feriados correspondem, ou a eventos políticos que marcaram um determinado período da história do Brasil, ou são de cunho religioso. De todo modo, ao direcionar a atenção para a maneira como são comemoradas as festividades que integram o calendário brasileiro, é possível observar que no feriado do dia 21 de abril parece existir um desinteresse coletivo em torno dessa comemoração. Não se percebe uma compreensão consensual dos motivos que fizeram de Tiradentes um herói. No feriado, Tiradentes é geralmente lembrado, não como sendo herói da República, mas apenas como parte do movimento da Inconfidência Mineira. Além disso, as solenidades que marcam essa data ocorrem de forma localizada. Isto é, independentemente de esse dia ser feriado em todo o território nacional, Tiradentes é comemorado de fato em apenas algumas cidades brasileiras.

Consequentemente, se comemorar, segundo Helenice Rodrigues da Silva (2002), significa reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento, não é isso que vemos acontecer no Brasil quando se trata dessa data cívica. A ideia da comemoração presente em uma festividade cívica tem um sentido de comemorar juntos, de lembrar juntos, de rememorar algum evento ou figura histórica de forma coletiva. Ocorre, no entanto, que, ao transferir essa ideia de comemoração para o feriado do dia 21 de abril, percebe-se que, no contexto nacional, essa data aparece mais como sendo um dia ocioso do que como um motivo para se celebrar. Em vista disso, somos conduzidos, nesse estudo, aos seguintes questionamentos: Tiradentes é a única figura brasileira que tem um feriado em sua

homenagem, mas, afinal, quem é ele? Por que existe um feriado em sua homenagem? Qual é a função social dessa comemoração?

Essas questões, ao serem incorporadas a um debate historiográfico, possivelmente podem apresentar respostas, mesmo que parciais. Quanto ao “grande público”, será que as respostas a essas questões chegam a ele? E se chegam, como são transmitidas?

O contexto em que essa listagem de questionamentos está inserida coloca em evidência que até os dias atuais existem questões em torno da figura de Tiradentes que não foram esclarecidas ou foram deturpadas ao longo do tempo. Tiradentes é uma figura pública que possui repercussão nacional, seja por causa do feriado, da sua historicidade, ou de qualquer outro elemento. Ao dirigir o nosso olhar para a produção historiográfica, veremos que uma historiografia tradicional nacionalista sobre Tiradentes e a sua transformação em herói foi produzida entre o final do século XIX a meados do século XX.

Segundo Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2001), essa produção histórica à sombra de influências positivistas demonstrava certa preocupação em enaltecer a Conjuração Mineira e a figura de Tiradentes, uma vez que Tiradentes se tornou popularmente conhecido em razão dos desdobramentos da organização do levante mineiro ocorrido no final do século XVIII. Aproximadamente cem anos após ter ocorrido o movimento mineiro, Tiradentes foi “desencaixado” do seu vínculo local – a Conjuração Mineira –, e foi apropriado e revalorizado dentro da concepção de República. Além disso, durante a República, Tiradentes foi promovido a herói republicano e, em seguida, foi elevado ao posto de herói nacional.

Cabe pontuar, todavia, que a história de Tiradentes escrita por uma vertente nacionalista não foi a única produzida pela historiografia. A partir da década de 1990, com a comemoração do Bicentenário da Conjuração Mineira e Centenário da Proclamação da República, historiadores trouxeram à baila uma reflexão mais crítica sobre os movimentos, seus significados e sua historicidade¹. Autores como José Murilo de Carvalho (1990) e Paulo Miceli (1994) lançaram um olhar crítico e analítico sobre a construção e a manipulação de símbolos e de personagens nos anos iniciais da República, deixando, assim, lacunas para novas discussões.

Os historiadores, mais do que discutir sobre o bicentenário da Inconfidência e o centenário da República – a começar com uma revisão da historiografia tradicional que havia sido produzida –, procuraram discutir a apropriação e a transformação da figura de Tiradentes

¹É importante pontuar que no período do regime cívico-militar, inaugurado em 1964, Tiradentes voltou à tona em várias leis que regulamentavam sua figura heroica, no entanto, não foi encontrada uma produção historiográfica sobre maneira como a representação da figura de Tiradentes foi interpretada durante esse regime. (BALAROTTI, 2009, p. 204).

em herói republicano e nacional, abordando questões que até então não tinham sido postas em xeque. Em seus trabalhos, esses autores evidenciaram que existem silenciamentos em torno das apropriações e das representações de Tiradentes que precisam ser mais bem compreendidos, não só por pesquisadores, mas também pela sociedade, que é quem celebra essa comemoração do dia 21 de abril, e que é quem tem Tiradentes como símbolo de heroísmo.

Isto posto, a historiografia – que se caracteriza como o ponto de partida para responder aos questionamentos apontados acima sobre Tiradentes –, oferece uma possibilidade de compreensão no que diz respeito ao contexto histórico em que Tiradentes está inserido. Mesmo assim, no entanto, no interior desse objeto de estudo, que é a representação de Tiradentes, se manifesta um fenômeno que é a questão da ampliação de audiência do conhecimento produzido nos debates acadêmicos sobre a apropriação e a transformação da sua figura em herói.

Se as respostas para a compreensão de elementos constitutivos de uma identidade nacional – como é o caso da memória de Tiradentes – são abordadas em uma dimensão historiográfica, é preciso buscar entender como elas chegam ao público e quem são os responsáveis pela sua produção e reprodução em diferentes meios.

Nos últimos anos se tem notado um aumento de interesse pelo campo da história, tanto por profissionais internos como por profissionais externos a essa área acadêmica. O interesse por esse campo do conhecimento, segundo Jurandir Malerba (2014, p. 31), “[...] articula-se de modo orgânico com a recente explosão ruidosa de formas populares de apresentação do passado”.

A história tradicionalmente foi produzida em e para determinados grupos, o que, durante o século XIX, representava uma ação de legitimação de poder. Ao longo do século XX, o público-alvo da escrita da história mudou muito lentamente, representando um impacto mais significativo apenas no final do referido século com o advento das tecnologias de comunicação e com o rompimento do encastelamento do discurso dentro dos muros institucionais.

Especialmente no século XXI o livro impresso já não é mais a única ferramenta de comunicação da História. A História não mais se produz apenas nas academias. É cada vez mais perceptível a presença de historiadores, leigos, amadores e diletantes a frente da história que vem sendo produzida e praticada por meio de diversas mídias na sociedade contemporânea.

Se de um lado se pode observar a história sendo produzida e praticada por uma diversidade de perfil de profissionais que utilizam para isso variados mecanismos, de outro lado conseqüentemente, o que se observa é um crescimento na dimensão de audiência entre os mais diferentes públicos que a história é capaz de atingir. Para Malerba (2017, p. 7) tanto essa alteração do perfil do produtor de história, quanto a expansão vertiginosa do seu público consumidor nas últimas três décadas “[...] se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet”.

A difusão da internet tem oferecido aos historiadores e profissionais não especializados na área, possibilidades de interação para com o público leitor a partir das versões eletrônicas disponíveis nas plataformas digitais, dotadas de recursos interativos e dinâmicos. Na atualidade, o leitor internauta “[...] tem acesso aos artigos e reportagens de todas as edições com as imagens, pode acessar sites de museus, tem informações sobre eventos relacionados à área, exposições, lançamentos de livros, filmes, etc.” (FONSECA, 2016, p.191). Tudo isso é publicado na internet. Qualquer indivíduo pode ter acesso a esses e a diversos outros conteúdos que tratam de temáticas e objetos históricos, para isso, basta ter em mãos um dispositivo eletrônico com internet.

Nesse sentido, Luciana Heymann et al. (2014) relata que é possível observar que, na contemporaneidade, os lugares de produção do saber, de atuação dos historiadores e do método histórico se multiplicaram, indo além dos departamentos e dos centros universitários. Segundo Bruno Leal Pastor de Carvalho (2017), o conhecimento produzido sobre o passado assumiu na atualidade muitas formas e moradas. Nota-se que a apresentação do passado vem sendo realizada em uma linguagem mais popular, por profissionais – especializados ou não – nas mídias, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo no interior de organizações privadas.

Essa crescente prática de produção de conteúdos históricos para audiências não acadêmicas tem conquistado cada dia mais espaço e tem sido o centro de reflexão e debate em um campo que ainda está se firmando no Brasil que é o campo da História Pública. Todavia, apesar da história pública ainda ser uma definição em aberto no nosso país, ela permite pensar as relações entre a História enquanto uma disciplina e área de atuação e, nos seus mais variados públicos.

Nessa perspectiva Ricardo Santhiago (2016, p. 26) informa que a História Pública enquanto um espaço de debate abriga

[...] tudo aquilo que tem sido pensado e escrito em chaves como: usos da memória; usos do passado; demanda social; percepção pública da história; divulgação científica da história; interpretação e curadoria; empoderamento e pesquisa-ação; apropriações midiáticas, literárias e artísticas da história - assim por diante.

Entretanto, no Brasil – diferente do que ocorre em países como Estados Unidos, Austrália entre outros, em que já se discute a história pública há quase cinquenta anos –, o campo da História Pública ainda é de certa forma uma discussão recente. Para Bruno Flávio Lontra Fagundes (2019, p. 88),

[...] no Brasil, o tema está chegando ainda, mas chegando rápido, em vários fóruns de debate: nas ANPUHs e encontros de historiadores, em mesas-redondas, minicursos, simpósios temáticos, comunicações livres, dossiês de revista, artigos livres, palestras, rodas de conversa e alguns poucos livros, organizados no Brasil, principalmente pela Rede Brasileira de História Pública, a RBHP.

Ao direcionar a atenção para o percurso da História Pública no Brasil, Santhiago (2016, p. 26-27) informa que o curso *Introdução a História Pública* que ocorreu na Universidade de São Paulo no ano de 2011, impulsionou a popularidade desse modo de pensar e fazer história no país. A realização desse curso resultou no primeiro livro brasileiro sobre o tema, *Introdução à história pública* (2011), que Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Rovai organizaram, com base no programa do curso e contando a colaboração de outros autores convidados. No ano seguinte em 2012, foi realizado o 1º Simpósio Internacional de História Pública, também na Universidade de São Paulo, a realização do simpósio resultou naquele mesmo ano, na criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP).

De todo modo, Michael Frisch (2016, p. 57) chama a atenção para o fato de que “[...] embora a história pública possa ser nova no Brasil enquanto um campo que busca reconhecimento acadêmico e público, ele não é nada novo em termos de prática e interesse”. O autor relata que em 1997, quando veio ao Brasil participar de um encontro da Associação Brasileira de História Oral, se deparou com um leque de trabalhos que sinalizava como o impulso da história pública estava fortemente enraizado no solo da cultura brasileira.

Posto isto, a história feita para o público e pensada a partir deste campo da História Pública adquire muitas formas. Ao voltar à atenção para o objeto de investigação desse estudo que é a figura de Tiradentes, temos não só a história acadêmica, mas a sua divulgação em diferentes meios e os seus públicos no horizonte de preocupações das entrelinhas desse trabalho.

Em meio a esse contexto, cabe, portanto, a pergunta: Qual é o papel da historiografia hoje? Qual é o impacto na divulgação da história? Talvez seja necessário repensar, como destaca Malerba (2017), o formato em que a história está sendo escrita nas universidades e a maneira como ela está sendo produzida e/ou reproduzida fora dos “muros acadêmicos”. Pensar no público não especializado e no modo como o conhecimento histórico está sendo transmitido a esse público, abre precedentes para se pensar no compartilhamento e expansão do conhecimento histórico produzido academicamente, para além do público acadêmico.

Para verificar a maneira como as questões elencadas sobre Tiradentes são tratadas nos debates produzidos por profissionais da História e se a forma como elas chegam até o público permite entender quem é Tiradentes e os possíveis motivos de existir um feriado em sua homenagem, optamos por averiguar em um primeiro momento, os interesses envolvidos e os elementos que garantiram a transformação de Tiradentes em herói nacional em uma dimensão histórica, tendo como referência a historiografia que tem sido produzida sobre a representação de Tiradentes. Na sequência, escolhemos investigar dois mecanismos que possuem uma ampla audiência e que produzem/reproduzem história para um grande público: o livro didático de História e a mídia digital.

O livro didático é um material que, até a atualidade, cumpre um papel fundamental na formação social. Caracterizado como uma mídia impressa, o manual escolar é um instrumento de ampla circulação. Ele é um dos primeiros materiais a que o aluno tem acesso ao iniciar a vida escolar. Nos livros de história, em particular, estão impressas as emoções, a memória coletiva e os símbolos que constituem a identidade de um povo. Ademais, Ernesta Zamboni (2003) afirma que a formação de uma identidade nacional na escola começa com esses materiais e com a sacralização de certos acontecimentos históricos. O material didático vem desempenhando, até os dias de hoje, uma importante função na busca por um conhecimento e compreensão de simbolismos e de práticas que constituem o passado e que se manifestam de diferentes formas no presente.

A mídia digital, por sua vez, ao lado do material didático, se caracteriza, atualmente, como um entre os principais meios para comunicar e se aproximar do grande público. As mídias, como apontam Evelyne Bévort e Maria Luíza Belloni (2009), fazem parte dos processos de socialização das novas gerações. A difusão da internet ampliou os meios de comunicação e garantiu para a mídia digital um importante papel de mediação entre a realidade e o público. Acreditamos, dessa forma, que tanto o livro didático como a mídia digital – em especial as publicações que circulam em forma de notícia na internet –, se

consagram no século XXI como espaços em que a história mais aparece para o grande público.

Por conseguinte, consideramos fundamental investigar como esses dois suportes – mídia digital e livro didático – constroem, cada um a seu modo, um entendimento sobre Tiradentes e o feriado nacional. O objetivo é compreender tanto como Tiradentes é representado no dia 21 de abril em notícias que circularam na internet entre os anos de 2014 e 2018, quanto como ele é retratado nos livros didáticos de História utilizados atualmente em instituições públicas nos anos finais do ensino fundamental².

Este estudo, portanto, se propõe em apresentar uma análise do modo como Tiradentes é representado na historiografia produzida a partir da década de 1990, nos portais de notícias e nos livros didáticos de História. A contribuição dessas representações de Tiradentes, para a compreensão da apropriação e a transformação de Tiradentes em um símbolo republicano e de identidade nacional, será explorada nessa pesquisa, do ponto de vista da história pública.

De todo modo, todos os questionamentos levantados aqui são importantes para refletir não apenas os elos de história, memória e esquecimento que recaem sobre a figura de Tiradentes na contemporaneidade, mas também promove uma reflexão acerca da necessidade da ampliação de audiências do saber que tem sido e que está sendo produzido dentro das universidades por profissionais da História. Se as respostas para a compreensão de elementos constitutivos de uma identidade nacional – como é o caso da memória de Tiradentes – são abordadas em uma dimensão historiográfica, é preciso buscar entender como elas chegam ao público e quem são os responsáveis pela sua produção e reprodução em diferentes meios.

Todas as questões elencadas nesta pesquisa exigem um olhar analítico que transcende o caráter disciplinar de uma área restrita, exigindo que o foco se direcione para diferentes ângulos, permitindo maior flexibilidade das interpretações. Ao exprimir essa necessidade de olhar para além das fronteiras disciplinares, isso não significa que estamos negando ou negligenciando a importância que a disciplina de História tem para a compreensão das representações de Tiradentes e dos elementos que o constituem como herói, ou até mesmo, da formação disciplinar que se caracteriza como nosso ponto de partida. Afinal, foi esse modelo de conhecimento especializado, produzido no desenvolvimento da ciência moderna, que,

² A escolha por esse recorte temporal 2014-2018, assim como pela retratação de Tiradentes na historiografia, nos livros didáticos e mídias digitais foi motivada durante a graduação da pesquisadora, mediante uma atividade de intervenção que foi realizada no ano de 2014 em uma escola estadual da cidade de Campo Mourão, por meio do subprojeto *Ensino de História: práticas, metodologias e espaços de formação*, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa a Docência (PIBID), da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão.

segundo Olga Pombo (2005, p. 4), “[...] deu origem a todos os conhecimentos e a todo o bem-estar”.

A sociedade contemporânea, no decorrer do seu desenvolvimento, tem, contudo, revelado problemas que se apresentam como desafios para a produção do conhecimento. São problemas que, por muitas vezes, não podem ser compreendidos a partir e somente por meio de uma ótica disciplinar. Claude Raynaut (2011), ao discutir os desafios da produção do conhecimento na contemporaneidade, relata que colaborações entre pesquisadores com formação marcada por uma alta especialização se impõem como uma tentativa de buscar compreender a complexidade que se manifesta no interior de um objeto de investigação no mundo contemporâneo.

Em vista disso e dos questionamentos elencados neste estudo, buscaremos compreender, por meio de uma discussão interdisciplinar, a complexidade que se expressa nas representações de Tiradentes e na produção de uma história das audiências de sua transformação em herói republicano e nacional. A articulação entre diferentes disciplinas, a partir de uma integração, contribui para compreender a história sob novas audiências enquanto um fenômeno que se revela nas representações de Tiradentes.

Por conseguinte, quando falamos em interdisciplinaridade, não dá para pensar interdisciplinarmente seguindo algumas receitas metodológicas. Não existe ainda uma definição consensual de interdisciplinaridade. Héctor Ricardo Leis (2005, p. 5) explica que, num sentido profundo, “[...] a interdisciplinaridade é sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada [...]. Existem sempre, portanto, várias reações interdisciplinares possíveis para um mesmo desafio do conhecimento”.

Sendo assim, a interdisciplinaridade é entendida neste trabalho como uma abordagem que implica em adotar uma nova postura para lidar com a natureza complexa dos desafios contemporâneos da produção do conhecimento (RAYNAUT, 2011). Para fazer frente a esses desafios é necessário olhar para além das fronteiras do saber, pois, como mostra Edgar Morin (1996), a produção do conhecimento não ocorre em uma ilha. Ao contrário disso, ela é peninsular. É preciso olhar acima dos muros disciplinares sem negar a sua importância, já que é a partir da disciplina que será possível enxergar o conhecimento como um continente, e assim ver que tudo está interligado e em permanente construção.

A interdisciplinaridade pensada por Raynaut (2011) como uma alternativa para se tentar compreender os problemas complexos que estão emergindo na contemporaneidade também será pensada neste trabalho. A interdisciplinaridade será aqui pensada como uma alternativa para entender questões que se manifestam nas representações e nas apropriações

da figura de Tiradentes no cenário atual, e que também pode ser caracterizado como um problema contemporâneo. Consequentemente, ela será pensada para alcançar a compreensão de um segundo elemento, que é a audiência do conhecimento produzido por profissionais da História sobre a transformação de Tiradentes em um símbolo de identidade nacional.

É importante destacar que, considerando a natureza interdisciplinar desta pesquisa, a investigação realizada aqui se encontra fundamentada nos aportes teórico-metodológicos do campo da História, da Sociologia, da Comunicação Social e da Educação. O diálogo entre essas diferentes áreas do conhecimento possibilita compreender a construção e a memória de Tiradentes em meio ao processo de desenvolvimento e de mudança que ocorreu no meio social em um período de mais de um século.

A partir dos elementos até então apontados para a realização dessa pesquisa, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre os interesses que contribuíram na transformação de Tiradentes em herói republicano e nacional. Tendo como referência os autores José Murilo de Carvalho, Paulo Miceli, Thaís Nívea de Lima e Fonseca, entre outros, que integram a historiografia nacional produzida a partir da década de 1990, e levando em consideração a conjuntura política do final do século XIX e início do século XX, discorreremos acerca da interpretação que a referente historiografia tem a respeito de Tiradentes e da instituição do feriado nacional. Abordamos, neste capítulo, a ideia de nação, fundamento essencial que influenciou na construção de símbolos, na apropriação de personagens e de eventos históricos do passado. Para refletir sobre a representação de Tiradentes e a celebração do dia 21 de abril, estabelecemos um diálogo entre os conceitos de: representação (Roger Chartier); comemoração/rememoração (Helenice Rodrigues da Silva); memória e identidade (Michel Pollack); memória (Jacques Le Goff); memória individual e coletiva (Norbert Elias).

O segundo capítulo refere-se à retratação de Tiradentes nos conteúdos dos livros didáticos de História. Apresentamos, nesse segundo capítulo, uma discussão em relação à valoração da memória de Tiradentes nas coleções de livros que foram avaliados, selecionados e inseridos no Guia do Plano Nacional do Livro Didático 2017, referente ao ciclo trienal 2017-2019. A partir dos dados que foram coletados, analisamos o modo como o conhecimento produzido sobre Tiradentes pela historiografia é transposto no livro didático, e se a maneira como a representação de Tiradentes é retratada nesses materiais contribui para o entendimento das questões elencadas no início desse ensaio sobre Tiradentes e o feriado do dia 21 de abril.

O terceiro capítulo corresponde às representações de Tiradentes que são produzidas e reproduzidas na mídia digital. Analisamos, nesse capítulo, os resultados da investigação realizada das notícias que circularam na internet no feriado nacional do dia 21 de abril entre os anos de 2014-2018. A partir dos dados coletados, verificamos, assim como no caso do material didático, a divulgação do conhecimento histórico produzido sobre Tiradentes pela historiografia nos portais de notícias, e avaliamos para qual compreensão de representação de Tiradentes e entendimento da comemoração do dia 21 de abril os discursos que circulam em *sites* de notícias contribuem.

Por fim, a retomada da problemática de investigação, norteia a apresentação dos resultados obtidos, de modo a estabelecer um paralelo entre as representações de Tiradentes averiguada nas diferentes fontes que foram investigadas nessa pesquisa. As reflexões desenvolvidas e apresentadas permitem pensar a importância social do conhecimento histórico e as formas populares de apresentação do passado, para uma compreensão, não só da construção da figura de Tiradentes, mas de questões que constituem o saber e os elementos identitários de uma sociedade.

CAPÍTULO 1

A REPRESENTAÇÃO DE TIRADENTES NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Este capítulo tem por objetivo discutir os interesses envolvidos e os elementos que contribuíram na apropriação da figura de Tiradentes e sua transformação em herói. Assim, nele serão examinadas: (1.1) a construção de um herói para representar o regime republicano; (1.2) a comemoração do feriado nacional do dia 21 de abril enquanto um lugar de memória.

1.1 A construção de um herói para a República

A construção de um herói para a República se desenvolveu dentro de um quadro de transição política fortemente marcado por disputas entre monarquistas e republicanos. No momento em que a República foi proclamada, todos continuaram ligados, de uma forma ou de outra, ao regime anterior. Os indivíduos de uma sociedade não deixam de ser monarquistas ou se tornam republicanos de um dia para o outro. De todo modo, o caso que envolveu a criação do herói republicano durante a formação do novo regime veio, de alguma forma, exteriorizar o esforço e a dificuldade que a República teve – em meio às transformações que ocorreram no cenário político no final do século XIX e até meados do século XX – para encontrar uma imagem capaz de integrar a classe política ao restante da população e exprimir a legitimidade do novo sistema político.

O Brasil, que até o dia 15 de novembro do ano de 1889 havia sido governado pela casa de Bragança, deixou de ser uma monarquia para se tornar uma república. Entretanto, a proclamação da República não significou, no contexto da política nacional, uma ruptura definitiva com o regime monárquico e imperial (JURT, 2012). Os republicanos, tendo consciência de que, mesmo após assumirem o poder, os ideais produzidos pelo regime monárquico continuariam a exercer forte influência sobre uma expressiva parcela da sociedade brasileira, se viram diante da necessidade de elaborar uma representação coletiva e visível, para que nela a população pudesse se identificar com os valores da República recém-instalada.

A construção de um conjunto de representações coletivas foi um trabalho mais do que necessário naquele momento político, pois, para um país como o Brasil, que havia conhecido e sido governado desde o processo de colonização por um regime pautado nos valores monárquicos, a instalação de uma república viria simbolizar, naquele contexto de mudança política, o que Joseph Jurt (2012) conceitua como um “poder sem corpo”. Para compreender

melhor essa questão, vale ressaltar que, durante o período em que o Brasil foi administrado pelos Bragança, a corporeidade do poder estava representada na pessoa do rei e/ou imperador, que era caracterizado, por sua vez, como uma espécie de portador do poder divino. Ao olhar para a figura do monarca, a sociedade visualizava nele a representação do poder a que estava sujeita, pois o rei e/ou imperador era considerado a cabeça da comunidade encarnada no corpo político.

Diferente do que ocorria na monarquia, quando os republicanos chegaram ao poder, eles não possuíam esse corpo representativo. Diante disso, Carvalho (1990) chama a atenção para o fato de que, no momento em que a República fora proclamada, o novo regime se viu em meio à necessidade de elaborar um conjunto de representações com referências coletivas, aí incluindo símbolos, alegorias, rituais e figuras emblemáticas, e que fosse forte o suficiente para refletir a representação visível de sua potência e do direito, e que fosse, simultaneamente, adequado para substituir a corporeidade do poder revelado anteriormente em um governo absolutista. Afinal, a ideia de nação que estava sendo formada sob a liderança de um sistema republicano “[...] não podia se reconhecer na pessoa do monarca que representava a permanência da comunidade política” (JURT, 2012, p. 472).

A busca pela representatividade desejada não seria uma tarefa fácil para o regime que havia acabado de ser instalado. No momento em que a República fora proclamada, tudo ainda estava muito indefinido no quadro da política nacional. Ao mesmo tempo em que era preciso construir uma identidade que estivesse de acordo com os valores que estavam, de certa forma, materializados no Manifesto Republicano³ publicado na década de 1870, era também primordial contornar as tensões que se revelavam no campo da política e no meio social.

Os primeiros anos da República foram anos de grande agitação. Na esfera política, a disputa pelo poder de diferentes grupos evidenciava a crise que permeava a instalação do novo sistema político. A luta entre as forças que disputavam o poder foi aos poucos revelando as fragilidades do novo regime. Além da disputa pelo poder entre monarquistas e republicanos, existia também um embate entre os projetos políticos dos próprios grupos que haviam se unido para proclamar a República. Para derrubar a monarquia, civis e militares deixaram a rivalidade de lado e formaram uma aliança entre si. Entretanto, na ocasião em que se tentou organizar o novo regime, os ideais desses grupos entraram em choque (COSTA, 2007).

³ Manifesto Republicano de 1870. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817_523/mod_resource/content/2/manifeto%20republicano%201870.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2017.

A hostilidade entre as forças civis e militares foi ficando cada vez mais perceptível. Cada grupo procurava dar a sua versão da história, reivindicando para si a glória do movimento republicano⁴. Segundo Emília Viotti da Costa (2007, p. 398), “[...] as divergências que os dividiam repercutiam em conflitos no Parlamento e eclodiam em movimentos sediciosos que polarizavam momentaneamente todos os descontentamentos, reunidos desde monarquistas até republicanos insatisfeitos”. Conspirações, conflitos e revoltas eclodiam de várias partes, sinalizando a instabilidade na política e na sociedade brasileira.

A movimentação que promoveu a investida contra Canudos exemplifica a disputa por maior participação nas decisões políticas entre indivíduos que haviam participado da implantação da República. O episódio ocorrido no final do século XIX no sertão baiano, conforme explica Jacqueline Hermann (1996, p. 81), não só mostrou a maneira como o cenário de transição política e de tensão entre as forças civis e militares tornou Canudos o maior inimigo da nação, mas também “[...] marcou tragicamente o processo de transição que deu origem ao regime republicano”. A autora afirma que, apesar de o conflito envolvendo Canudos ter sido fruto de uma idealização de cunho militar, a conjuntura política “[...] fez da destruição de Canudos a prova necessária e urgente para a confirmação de um compromisso assumido com os princípios de um governo verdadeiramente republicano” (HERMANN, 1996, p. 83).

Após Floriano deixar o poder em 1893, a elite paulista deu início ao primeiro governo civil, tendo à frente o presidente Prudente de Moraes. A partir de então, militares que haviam participado da proclamação passaram a reclamar a falta de reconhecimento mais amplo dos civis de sua participação na República. Nesse contexto de lutas entre forças políticas, Antônio Conselheiro e seus seguidores se tornaram, de uma hora para a outra, uma ameaça à ordem republicana e à construção de uma nacionalidade. Conselheiro foi acusado, por membros republicanos, de defender a restauração da monarquia. Iniciou-se, então, uma espécie de campanha, na qual civis foram acusados de não manter a ordem e a fidelidade desse grupo às ideias republicanas passou a ser questionada. Em meio a essa conjuntura, Prudente de Moraes se viu, em 1897, diante da necessidade de destruir Canudos para que o projeto civil pudesse se concretizar (HERMANN, 1996).

Ao considerar mais cuidadosamente esse contexto político, Hermann (1996) direciona o seu olhar para elementos que permitem compreender que o ataque a Canudos foi construído sobre bases de interesses e de lutas políticas entre as forças civis e militares e que, sendo uma

⁴ Para entender melhor o quadro de disputas políticas entre civis e militares, ler Emília Viotti da Costa, *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. Capítulo 10: Sobre as origens da República (2007), p. 402-407.

ameaça ou não à ordem republicana, Canudos foi destruído em nome da República. De todo modo, vale ressaltar que, a partir do que foi exposto, o que nos interessa entender é a maneira como foram sendo produzidas as conspirações e as divergências que marcaram a disputa pelo poder no plano político pelos diferentes grupos apontados por Hermann (1996).

Acredita-se que a forma como essas conspirações foram elaboradas contribuiu, de algum modo, para a construção de uma idealização de que os sertanistas famintos eram opositores da nação e os líderes conselheiros defensores da monarquia. O entendimento dessa construção ajuda a pensar a maneira como o novo regime trabalhou na tentativa de diminuir as distâncias entre os valores populares e os valores da República. Utilizando uma estratégia parecida com a que originou a idealização de que Canudos era inimigo da nação, os republicanos, logo que o novo regime foi implantado, buscaram apropriar-se do imaginário social por meio do discurso e da criação de símbolos, mitos e alegorias, com a intenção de “[...] manipular os sentimentos coletivos no esforço de criar um novo sistema político, uma nova sociedade, um homem novo” (CARVALHO, 1990, p. 11). A nação, enquanto uma comunidade de nascimento que despontava com o governo republicano, não era uma coisa dada e pronta – ela precisava ser construída dentro dos valores de república.

Esse trabalho de manipulação do imaginário popular, realizado nos anos iniciais da república, se caracteriza como uma das estratégias que foi utilizada pelos republicanos como uma tentativa de se estabelecerem no poder e de se integrarem à classe política na sociedade brasileira. Considerando a importância que a elaboração do imaginário tem no processo de legitimação de qualquer regime político, Carvalho (1990) destaca:

[...] é por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro [...]. (CARVALHO, 1990, p. 10-11).

Para os republicanos, a manipulação do imaginário – além de ter se caracterizado como um instrumento importante para que o novo regime viesse a legitimar o seu poder – foi também fundamental para lidar com a ausência de envolvimento popular percebida no próprio ato da implantação da República. O insignificante número de pessoas inscritas nos partidos republicanos e o distanciamento do povo no evento que marcou o Quinze de Novembro “[...] era particularmente incômoda, na realidade intolerável para republicanos autênticos, pois uma república sem povo era a negação de tudo o que a propaganda prometera, era a desmoralização do novo regime” (CARVALHO, 1993, p. 16).

A falta de envolvimento direto de uma significativa parcela da população brasileira com o novo regime, ao mesmo tempo em que preanunciava como se encontrava a sociedade no momento em que estavam acontecendo as transformações políticas, também evidenciava a necessidade de se construir uma identidade capaz de despertar o sentimento coletivo de unidade e de identificação com os valores do novo sistema. Nos primeiros anos da República, o que existia no Brasil era uma população que se encontrava dividida. Na sociedade havia aqueles que estavam descontentes e lamentavam a queda da monarquia, e havia os que exaltavam o novo regime, além daqueles que assumiam uma postura neutra quando se tratava de discussões do cerco político.

Costa (2007), ao analisar as transformações que estavam ocorrendo no cenário político, relata que os monarquistas – vencidos –, aspirando à restauração da monarquia, olhavam para a instalação da República como um grande equívoco, visto que consideravam a proclamação fruto de um levante militar alheio à vontade do povo. Os republicanos – vencedores – por sua vez, ao criticarem a centralização excessiva do poder exercida pelo governo monárquico, julgavam ser a monarquia uma anomalia na América. A proclamação da República, na opinião dos vencedores, era a “[...] concretização de uma espécie de aspiração popular levada a efeito por um grupo de homens idealistas e corajosos que conseguiram integrar o país nas tendências do século” (COSTA, 2007, p. 389). Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2002), nessa mesma direção, destaca que a população vivenciou, nesse período, um contexto de disputas acirradas entre republicanos e monarquistas.

No seio dessa mesma sociedade também existiam, como foi citado, aqueles que preferiam não se envolver em questões de cunho político. Esse exemplo de indivíduo pode ser encontrado em estudo realizado por Carvalho (1987). Ao discutir a maneira como a sociedade do Rio de Janeiro assistiu à proclamação da República, o autor defende o pensamento de que, se a população havia assistido bestializada, ao evento de a República ser proclamada, sem saber ao certo o que estava acontecendo, conforme afirmou Aristides Lobo⁵ – em carta publicada no *Diário Popular* no ano de 1889 –, era porque, na realidade, ela acreditava que, no governo que tinha acabado de se instalar, não havia caminhos para a participação popular ou, melhor, “[...] o povo sabia que o formal não era sério” (CARVALHO, 1987, p. 160).

Cabe esclarecer, todavia, que esse exemplo de comportamento de uma expressiva parcela da população do Rio de Janeiro não pode ser generalizado e aplicado a toda a sociedade brasileira. Carvalho (1987), no entanto, nos ajuda a compreender alguns aspectos

⁵ Ver CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930): texto e contexto*, 1976.

existentes e que integraram a divisão de opiniões da sociedade perante a instalação de um novo sistema político. A república era um fenômeno novo no cenário nacional. O conceito de “república” estava estreitamente relacionado com o futuro e com a concepção de progresso.

A ideia de progresso, introduzida no discurso republicano e atrelada à emergência de uma cultura nacional, foi aos poucos suscitando, no novo regime, a inquietação de “[...] construir o cidadão patriota, aquele que ama a sua nação, que dela tem orgulho” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 24). O progresso, dentro de uma perspectiva nacionalista, assim como em outras circunstâncias, se caracteriza como a projeção do futuro em uma sociedade em que “[...] as experiências anteriores não eram suficientes para fundamentar as expectativas geradas por um mundo que se transformava tecnicamente” (KOSELLECK, 2006, p. 326). Em todo caso, para gerar expectativas que viessem ao encontro da elaboração de uma identidade coletiva e dos discursos que estavam sendo propagados pelos republicanos, desde a publicação do Manifesto, era necessário fazer com que todas as expectativas relacionadas ao governo anterior se tornassem inseguras.

Benedict Anderson (1989), ao pensar as comunidades nacionais como um arranjo que surge com o fim das monarquias absolutas, permite uma reflexão que acomoda diferentes locais e contextos. A discussão do autor resulta em uma contribuição para o entendimento de que a queda da monarquia veio, de algum modo, a despertar nos republicanos a necessidade da construção de laços que pudessem simular a grandeza da comunidade que estava sendo idealizada. A criação de dispositivos híbridos de representação, com signos visíveis relacionados aos ideais da República, foi um trabalho praticamente inevitável e que os republicanos precisaram realizar para se distanciarem das experiências produzidas pela monarquia. O simbolismo do Império sobrevivia, mesmo após a sua queda. Por isso, a elaboração de referências coletivas como parte integrante de legitimação do novo regime teve, como ponto de partida, a construção do imaginário popular. O vínculo político a partir da proclamação da República não era mais com o divino, mas com o humano e os republicanos precisavam demonstrar isso de alguma forma.

A emergência de construção de uma ideia de nação, de acordo com Anne-Marie Thiesse,

[...] diferentemente de um agrupamento da população definido pela sua sujeição a um mesmo monarca, coloca-se como independente da história dinástica: ela preexiste e sobrevive a seu príncipe. O que constitui a nação é a transmissão, através das gerações, de uma herança coletiva e inalienável. (THIESSE, 2001, p. 8).

A concepção de República e a construção de nação, enquanto uma comunidade imaginada, era uma ideia nova e subversiva para todos. Os republicanos precisavam substituir a imagem da monarquia com símbolos representativos que se sobrepusessem à figura do monarca, ao poder que ele representava e que ultrapassasse as gerações. Sendo assim, o desafio do novo regime era inventariar um patrimônio material em comum, com referências capazes de atingir o imaginário popular (THIESSE, 2001).

No seio da nação que se estava construindo, os republicanos tinham a clareza, porém, de que as visões de república não poderiam ser feitas apenas por meio do discurso. Em atenção ao público de baixo nível de educação formal. Essas visões “[...] teria de ser feito mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, os símbolos, as alegorias, os mitos” (CARVALHO, 1990, p. 10). Durante a formação do governo republicano ocorreu uma verdadeira batalha ideológica para escolher esses símbolos, essas alegorias e esses personagens, uma vez que a finalidade era recriar um imaginário dentro da concepção de república, explica Carvalho (1990).

Os republicanos tiveram, então, uma árdua tarefa para produzir estes símbolos. Carlos Roberto Ballarotti (2009, p. 202) conta que, para realizar esse trabalho, os republicanos brasileiros “[...] contaram com a ajuda dos positivistas, presentes nas fileiras do Partido Republicano”. Os positivistas, identificados por Carvalho (1990) como hábeis fabricantes de símbolos, assumiram um papel importante nesse processo, visto que colocaram os fatos históricos a seu serviço em razão da elaboração de um espírito de civismo. A criação de representações coletivas e a construção de sentidos que permeou a elaboração de símbolos republicanos produziram usos e significados diferenciados no imaginário popular. Entender como esses símbolos foram manipulados, principalmente no que diz respeito à construção do mito de origem da República, é essencial, pois, conforme aponta Roger Chartier (1991, p. 185; 186), as suas significações múltiplas e móveis dependem, em parte, da maneira como as representações coletivas são construídas e percebidas, pois a representação se transformou, em inúmeras situações históricas, “[...] em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada e necessária”.

Em todo caso, os republicanos precisavam de uma nova identidade. Essa nova identidade não carecia, contudo, ser nova em um todo. O importante era ela não ter relação com os valores monárquicos. Com a intenção de encontrar figuras que pudessem legitimar a implantação do novo regime, a República olhou para o seu passado e selecionou eventos, símbolos e personagens que pareceram mais evidentes e capazes de jogar luz sobre os seus ideais. Tendo em vista que “[...] a construção das nações como comunidades de nascimento,

começa pela determinação dos ancestrais fundadores de cada uma dela” (THIESSE, 2001, p. 9). Houve um grande esforço do novo regime em tentar transformar os principais participantes do Quinze de Novembro em heróis. Ocorreu, no entanto, que os candidatos cogitados para ocupar esse posto defendiam concepções muito divergentes entre si.

O resultado insatisfatório do novo sistema político ao tentar promover esses candidatos ao cargo de herói foi comentado por Carvalho (1990). Segundo o autor, Deodoro da Fonseca era um dos candidatos mais óbvios a herói da República, pois, além de chefiar o movimento militar que derrubou a monarquia, teve grande atuação na jornada que proporcionou a implantação do novo regime. Todavia, fatores negativos pesavam sobre a sua figura. Seu republicanismo parecia incerto e a sua fisionomia lembrava o imperador. Outro candidato a herói e que não deixava dúvidas sobre seu republicanismo era Benjamin Constant, porém nele não havia ingredientes de heroísmo, ou seja, não tinha imagem de herói e não havia sido líder militar nem popular. Já Floriano Peixoto, apesar de ter adquirido uma expressiva dimensão a partir da Revolta da Armada no Rio de Janeiro e da Revolta Federalista no Sul brasileiro, dividia alguns setores das classes civis e militares. Logo, a tentativa de mitificação dessas figuras políticas resultou em muito pouco. Carvalho acredita que

[...] a pequena densidade histórica do 15 de novembro (uma passeata militar) não oferecia terreno adequado para a germinação de mitos. Era pequeno o número de republicanos convictos, foi quase nula a participação popular [...]. Os candidatos a herói não tinham profundidade histórica, não tinham a estatura exigida para o papel. Não pertenciam ao movimento de propaganda republicana, ativa desde 1870. Nem mesmo eram reconhecidos como heróis militares [...]. A promoção de Deodoro e Floriano a heróis de guerra foi posterior a sua participação na proclamação da República. (CARVALHO, 1990, p. 57).

A luta em torno do mito de origem revelou as dificuldades em tentar se construir um herói para a República. Heróis são pontos de referência e de identificação coletiva e o regime republicano precisava de uma figura representativa para ocupar esse posto. No caso, José Luciano Queiroz Aires (2009) orienta que essa figura tinha que ter, de alguma forma, a cara da nação. Desse modo, Jurt (2012) relata que os republicanos se viram diante do desafio de encontrar no Brasil uma figura representativa capaz de reunir em si as ideias de ‘liberdade’, ‘nação’ e ‘República’. Como os líderes do movimento não foram autossuficientes para assumir o posto de herói, o novo regime precisou fazer, naquele momento de transição política, o que muitos estados nacionais europeus haviam feito no final do século XVIII e início do século XIX. Eles tiveram que reunir experiências do passado para, a partir daí,

escrever a sua história unida aos ideais republicanos e, assim, tentar despertar nos indivíduos o sentimento de pertença, de amor e de orgulho nacional.

Logo, a busca de um herói para a República teve êxito onde muitos não imaginavam, “[...] quem aos poucos se revelou capaz de atender as exigências da mitificação foi Tiradentes” (CARVALHO, 1990, p. 57). O papel de Tiradentes como força política no Brasil era reconhecido desde meados século XIX. Desde os anos de 1870, sua figura foi utilizada pelo movimento de propaganda dos clubes republicanos. Os clubes de algumas províncias já vinham tentando recuperar a sua memória. No meio intelectual, as discussões realizadas revelaram a disputa que se travou sobre a memória do inconfidente entre simpatizantes da monarquia e da república. Joaquim Norberto de Souza (1943) chefe da seção da secretaria de Estado do Império se envolveu em discussões polêmicas com a publicação da obra *História da Conjuração Mineira* no ano de 1873 (primeira edição). Souza foi acusado de depreciar a imagem de Tiradentes com esse título⁶. Outros trabalhos surgiram em seguida com o intuito de rebater as argumentações do autor e de defender a integridade do inconfidente. Fonseca (2002) informa que um dos trabalhos mais importantes que surgiram no rol das discussões foi *Inconfidência Mineira – Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, do autor Lúcio José dos Santos, publicado em 1927. Em todo caso, mesmo sem adentrarmos em pormenores sobre o verdadeiro papel de Tiradentes no movimento mineiro, é possível notar, a partir de exemplos como esses, que o debate em torno da memória de Tiradentes começou antes da República ser proclamada, e que apesar de reunir as condições necessárias para ser herói, os republicanos tiveram uma difícil tarefa para tornar Tiradentes herói da República brasileira.

Ao realizar um estudo detalhado sobre a disputa entre as correntes ideológicas – liberais; jacobinos e positivistas – pela legitimação do regime republicano, Carvalho (1990) revela que o nome de Tiradentes não foi o único cogitado pelo novo regime para ocupar o posto de herói. Na trama das ideologias, outros nomes também foram apontados para representar o sistema de governo federativo. Frei Caneca foi um dos candidatos que disputou com a memória de Tiradentes o cargo de herói republicano. O frei havia sido herói de duas revoltas: uma contra o absolutismo de D. Pedro I e outra pela independência – Revolução Pernambucana (1817). Carvalho (1993, p. 18) considera, no entanto, que havia uma desvantagem da figura do Frei Caneca em relação a Tiradentes, desvantagem que residia no fato de ele não possuir a mesma ambiguidade e densidade histórica que a imagem do líder da Inconfidência. Tiradentes reunia em si as características de que os republicanos no geral

⁶ Para compreender melhor essa questão, ver José Murilo de Carvalho (1990, p. 62-64).

precisavam. A ambiguidade de Tiradentes misturava “[...] religião e política, rebeldia e submissão, coragem e martírio”. De toda forma, para o autor, a imagem de Frei Caneca poderia até ser a representação de um herói local. O frei possuía certa representatividade na Região Nordeste do país, contudo ele não agrupava elementos suficientes para ser herói nacional.

A imagem de herói de que os republicanos precisavam deveria simbolizar a nação e integrar os respectivos povos. Conseqüentemente, Carvalho (1990) reitera que um dos fatores que ele acredita que pode ter levado uma expressiva parcela dos republicanos a priorizar a figura de Tiradentes foi a questão geográfica. Ele era “herói” de uma área – Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo – que, a partir da metade do século XIX, era considerada o centro político do país e o local onde o republicanismo foi mais forte. Outra característica importante reside no caso de o frei ter participado de duas lutas reais que envolveram sangue e morte. Já no que diz respeito a Tiradentes, o fato de a Conjuração não ter saído do plano das ideias, poupou o líder do movimento de derramar sangue e de agir com violência contra outros indivíduos.

Aproximadamente cem anos depois de o evento ter acontecido, a nacionalização de Tiradentes e a apropriação de algumas das ideias produzidas no levante mineiro no final do século XVIII se tornaram um instrumento eficaz no processo de legitimação do novo regime. Conseqüentemente, a batalha ocorrida pela apropriação da imagem de Tiradentes refletiu “[...] a batalha pela imagem da República, que, enquanto um sistema político, carecia de um mito de origem” (CARVALHO, 1990, p. 141).

De todo modo, cabe esclarecer que, apesar de a República ter associado os seus ideais à imagem de Tiradentes, isso não significa que ele tenha sido uma criação sua. Tiradentes havia se tornado popularmente conhecido em razão dos desdobramentos da Conjuração Mineira (1789), a qual fez dele seu líder. Uma parte dos republicanos, por sua vez, tinha interesse na valorização do movimento mineiro como precursor da independência e fundador da república. É por isso que se apropriaram da imagem de Tiradentes, visto que o novo regime necessitava de uma figura representativa que apagasse o então “herói” D. Pedro I, considerado uma forte imagem da monarquia (BALLAROTTI, 2009).

Durante a primeira metade do século XIX, a memória de Tiradentes se encontrava quase que esquecida. Tiradentes voltou a fazer parte de disputas políticas anos depois de sua morte. Augusto Henrique Assis Resende (2013) explica que, nos anos de 1870, a imagem de Tiradentes passou a ser enaltecida dentro de alguns clubes republicanos. Seu nome começou a ser colocado em jornais e nos próprios clubes. Além disso, a partir de 1880, encontros e

cerimoniais começaram a ser realizados no dia 21 de abril, data de morte do líder dos inconfidentes.

Tiradentes foi sendo aos poucos inserido no centro de disputas políticas entre monarquistas e republicanos. Os republicanos viam a figura de Tiradentes como um instrumento fundamental para o êxito do novo regime. A Conjuração Mineira havia revelado em Tiradentes a “[...] vítima de um sonho, de um ideal, dos ‘loucos desejos de uma sonhada liberdade’” (CARVALHO, 1990, p. 68). A proposta da revolução que tinha como intenção libertar o Brasil do domínio português e a figura humana de Tiradentes como alguém que havia pagado com a própria vida a favor do futuro da nação, começaram a ser utilizadas durante a transição da Monarquia para a República, para promover a consolidação e a instituição do novo sistema de governo.

Fonseca (2001, p. 140) nota que Tiradentes havia assumido ainda no movimento da Conjuração um modelo de conduta cívica e patriótica, uma vez que “[...] morrera por seu ideal de libertação e, embora tenha se rebelado contra a autoridade de sua época, submeteu-se a ela, assumindo sua culpa e aceitando sua condenação”. Esse modelo de conduta foi apropriado e passou a ser utilizado pelos republicanos a seu favor durante a implantação do novo regime. O enraizamento simbólico da Inconfidência e de Tiradentes eram fundamentais para a consagração da República, pois eram elementos que faziam parte de um passado em comum de todos os brasileiros.

Paulo Micelli (1993, p. 51) afirma que, após proclamar a República, os vencedores precisavam de “[...] sangue alheio para danificar uma luta que não houve”. A instalação do novo regime não contou com a participação direta do povo. Logo, o governo recém-inaugurado tratou de transformar a figura de Tiradentes em herói republicano e, ao mesmo tempo, apropriou, em seus discursos, o ideal de liberdade utilizado pelos inconfidentes durante a organização do movimento da Conjuração Mineira (RESENDE, 2013).

Tiradentes e a Conjuração foram utilizados pelos republicanos durante o processo de transição política para promover a implantação e a consolidação do novo sistema político no Brasil, afirma Ballarotti (2009). A morte de Tiradentes no fim do século XVIII, de acordo com Fonseca (2001), estava vinculada à negação monárquica de sua figura. O regime monárquico conferiu a Tiradentes o título de traidor. Os contornos da sentença lançada sobre Tiradentes no processo liderado pelo governo monárquico tencionavam a condenação do líder da Conjuração ao esquecimento. De qualquer maneira, esse foi um prato cheio para ser usado pelos republicanos contra o regime que acabava de ser derrubado, pois como aponta Carvalho

(1990), não tinha como os republicanos exaltarem Tiradentes sem de alguma maneira condenarem o sistema político anterior.

Os republicanos viam a monarquia como um governo que oprimia o povo desde os tempos do Brasil Colônia. A instalação da República era justificada, em seus discursos, como uma emergência para todo o país. Ciente de que a Conjuração Mineira e a figura de Tiradentes contrariavam os valores monárquicos, o novo sistema político deu início a um processo para nacionalizar o movimento e o seu líder. Essa nacionalização, por meio do projeto político de homogeneização de símbolos representativos, se caracterizou como uma etapa importante na busca por legitimação. As mudanças começaram a ocorrer logo que a República foi implantada. Para dar início ao projeto de construção da nação associada à imagem de Tiradentes, foi elaborado,

[...] em dezembro de 1889, um decreto que promoveu a mudança do nome da terra natal de Joaquim José da Silva Xavier, de São José del Rei para Tiradentes. Em 1890 ele já era elevado à condição de herói nacional e o 21 de abril decretado feriado cívico. Em seguida, por iniciativa do Clube Tiradentes do Rio de Janeiro, foi erguida, em 1892, uma coluna, na cidade de Tiradentes, em comemoração ao centenário do 21 de abril. Em 1894 a antiga coluna Saldanha Marinho foi substituída pela estátua do herói, até hoje no centro da Praça Tiradentes, em Ouro Preto. Em 21 de abril de 1910 foi inaugurado, nas proximidades do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um monumento celebrativo da data. Em 1926 inaugurou-se o Palácio Tiradentes, sede do legislativo, também no Rio de Janeiro, tendo à frente a célebre estátua do herói, esculpida por Francisco de Andrade. (FONSECA, 2001, p. 140).

Esses são apenas alguns exemplos. O período que remete ao fim do século XIX a meados do século XX foi de intenso trabalho e investimento em torno da memória de Tiradentes. O enraizamento simbólico da Conjuração Mineira e de Tiradentes foi a chave mestra na constituição de uma nacionalidade pautada na valorização do passado. Fonseca (2001) relata que muitas das suas representações foram construídas e manipuladas em torno de um imaginário popular específico, de modo que Tiradentes foi apresentado em várias dimensões. A intenção dos republicanos era fazer de Tiradentes um herói cívico para integrar o corpo social, pois ele

[...] não antagonizava ninguém, não dividia as pessoas e classes sociais, não dividia o país, não separava o presente do passado nem do futuro. Pelo contrário, ligava a república à independência e a projetava para o ideal de crescente liberdade futura. (CARVALHO, 1990, p. 68).

Tiradentes era o que Carvalho (1990) chama de “totem cívico”, ou seja, nele estava presente uma unidade mística com a qual todos poderiam se identificar. Todavia, “[...] a

aceitação de Tiradentes veio, assim, acompanhada de sua transformação em herói nacional, mais do que em herói republicano” (CARVALHO, 1990, p. 71). Tiradentes unia o país através do tempo e do espaço, no entanto, como a história não havia deixado registros, a sua imagem precisou ser idealizada.

A idealização de seu rosto passou a ser feita não só pelos artistas positivistas, como Villares e Eduardo de Sá, mas também pelos caricaturistas das revistas ilustradas da época. Para os positivistas, a idealização dos heróis era regra da estética comtiana; para os outros, era apenas a tentativa geral de criar o mito e o culto do herói. (CARVALHO, 1990, p. 71).

Tiradentes foi representado com traços de antigos heróis, como caboclo e com vários outros aspectos⁷, todavia as particularidades dos pincéis nos quadros produzidos por artistas da época originaram a associação da imagem de Tiradentes com a ideia de um “cristo” cívico. A matriz cultural religiosa presente na sociedade brasileira foi um instrumento que contribuiu para a aceitação pública de Tiradentes (Cf. CARVALHO, 1990, p. 63-67). Essa aproximação entre a figura de Jesus Cristo e a de Tiradentes esteve presente não apenas nas pinturas, mas na literatura, na historiografia e até mesmo nas condutas de comemoração⁸.

Ademais, cabe esclarecer que a República, além de conferir um rosto a Tiradentes, também realizou todo um trabalho pedagógico para que a população viesse a vivenciar diariamente as ideias que ele representava, pois, do que adiantava fabricar um herói, se a população não tivesse consciência de a quais princípios ideológicos ele estava relacionado!?. Mais do que transformar a imagem de Tiradentes em herói, era preciso também realizar “[...] um trabalho pedagógico, para que parcelas cada vez maiores da população as conheçam e nela se reconheçam” (THIESSE, 2001, p. 8). Havia a necessidade de uma formação pública que colaborasse para que o sentimento de civismo, nacionalismo e patriotismo, transfigurado na

⁷ As obras de pintura vieram após a proclamação da República, já imbuídas da entronização levada a efeito pelo novo regime. Aquelas que se poderia considerar como pertencentes ao gênero da pintura histórica surgiram aproximadamente entre 1880 e 1930, e representavam cenas da trajetória “revolucionária” de Tiradentes, obedecendo à ideia da narrativa linear e épica do acontecimento. Incluem-se, nessa categoria, *Tiradentes* (1880), de Leopoldino de Faria; *Tiradentes Esquartejado* (1893), de Pedro Américo; *Martírio de Tiradentes* (1893), de Aurélio de Figueiredo; *Últimos Momentos de Tiradentes* (1901) e *Prisão de Tiradentes* (1914), de Antônio Parreiras; *Leitura da Sentença* (?), de Eduardo de Sá; *Tiradentes ante o Carrasco* (?), de Rafael Falco; e *O Precursor* (1922), de Pedro Bruno (FONSECA, 2001, p. 281).

⁸ Na literatura, por exemplo, Castro Alves escreveu a peça *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, referindo-se ao “Cristo da multidão” e Luis Gama, abolicionista e republicano, escreveu um artigo para o primeiro número do jornal comemorativo do 21 de abril, editado pelo Clube Tiradentes (1882), com o título “*À forca o Cristo da Multidão*”. Historiadores também fizeram essa associação. As práticas comemorativas do feriado do 21 de abril, oficializado já em 1890, lembravam, em muito, a crucificação de Jesus Cristo. O desfile lembrava a procissão do enterro de Cristo. A multidão saía da Cadeia Velha (prisão de Tiradentes, associada à paixão de Cristo), caminhava em direção à praça (morte de Tiradentes, associada à crucificação) e terminava no Itamaraty (ressurreição, Deodoro como o continuador das ideias republicanas de Tiradentes). (AIRES, 2009, p. 7).

imagem de Tiradentes, fosse despertado. Logo, os republicanos trataram de inserir a história e a memória de Tiradentes no ensino público, além de conferir a ele uma data comemorativa, logradouros, monumentos e praças públicas.

1.2 A comemoração do dia 21 de abril

A primeira festa a ser celebrada no Brasil, após a República ter sido proclamada, foi a de Tiradentes, em 1890, organizada pelo Clube Tiradentes do Rio de Janeiro. Segundo Elisabete da Costa Leal (2006), mesmo diante do entusiasmo da instalação do novo regime, os positivistas brasileiros que atuaram na elaboração de uma cultura nacional atrelada aos valores republicanos perceberam, logo de início, o poder de mobilização que as festas cívicas continham no cenário do jogo político. Sendo assim, logo que a República foi instalada, o novo regime tratou de idealizar e organizar uma comemoração para exaltar a figura de Tiradentes. A criação do dia 21 de abril no calendário brasileiro fazia parte do esforço de positivistas e de republicanos para promover e fortalecer o culto do herói da República.

O surgimento e o estabelecimento dessa comemoração no calendário brasileiro foi uma das formas encontradas para celebrar os precursores da proclamação da República, resumidos na figura de Tiradentes (LEAL, 2006). Conseqüentemente, a organização de uma festa cívica para comemorar anualmente o dia 21 de abril pode ser entendida, dentro da conjuntura da Primeira República, como parte integrante do processo de construção de uma cultura nacional.

Ao trabalhar com as memórias coletivas, Jacques Le Goff (2003) afirma que comemorar faz parte dos programas revolucionários. Um exemplo disso pode ser observado no que diz respeito à Revolução Francesa. Ao tratar particularmente desse episódio francês, o historiador explica que, após esse evento, um intenso trabalho de manipulação de memória foi realizado para inserir as datas cívicas no calendário da França. O estabelecimento de festas como essas fazia parte dos programas nacionalistas, visto que elas se caracterizavam como uma entre as formas de conservar as recordações da Revolução.

No Brasil, após a instalação da República, também foi realizado um trabalho para inserir datas cívicas no calendário republicano. Se na França o estabelecimento dessas festas era uma forma de conservar as lembranças da Revolução Francesa, no caso brasileiro, o estabelecimento dessas festas pode ser pensado como uma das formas de concretizar a construção de uma memória republicana e de fazê-la ser rememorada no coletivo. Em todo caso, vale ressaltar que a implantação de um sistema de governo federativo brasileiro foi bem diferente em relação ao que ocorreu no evento francês e como ocorreu. No Brasil, como

afirmaram Carvalho (1990) e Jurt (2012), a proclamação da República não contou com um envolvimento direto da população. Para tentar reduzir essa distância – entre povo e República – e, ao mesmo tempo, conquistar o apoio popular, positivistas brasileiros e republicanos se envolveram em um intensivo trabalho de manipulação de símbolos, para dar ao novo regime a representação de que ele tanto precisava.

De todo modo, as referências à história republicana francesa, assim como a de outros estados nacionais europeus que se formaram no decorrer do século XIX, foram de grande utilidade no aprofundamento do estudo e no esforço de legitimação do novo sistema político no Brasil (CARVALHO, 1993). Uma das contribuições da Revolução Francesa na formação de uma identidade nacional republicana brasileira esteve estreitamente associada com o desafio de encontrar uma figura que correspondesse aos interesses e ao projeto da República. Le Goff (2003) relata que, do final do século XVII até o fim XVIII, a comemoração dos mortos entrou em declínio. Em seguida à Revolução Francesa, assistiu-se a um retorno à memória dos indivíduos que já não estavam mais presentes no corpo social. Essa herança francesa, de valorização da memória dos mortos, foi utilizada como uma ferramenta importante na apropriação e na transformação da figura de Tiradentes enquanto herói da República.

Novas nações são fundadas sobre o seu mito, e a República, sendo um poder que despontava no Brasil – ainda que tardiamente em relação a outros países – no final do século XIX, também carecia do seu, uma vez que “[...] o mito de origem é um fenômeno comum a quase todos os sistemas políticos” (CARVALHO, 1993, p. 16). Tiradentes não participou do Quinze de Novembro, no entanto positivistas e republicanos encontraram, na sua figura e na Conjuração Mineira, valores e ideais que estavam relacionados com a concepção da república que estava sendo instalada. O ideal de liberdade que sobreviveu à participação de Tiradentes no movimento mineiro foi um dos elementos que sustentou a promoção de sua figura e o restabelecimento da sua memória aproximadamente cem anos após a sua morte.

Representar a figura de Tiradentes de diferentes formas no corpo social para que a população pudesse conhecer e se reconhecer na sua imagem, como já mencionado, não foi uma tarefa fácil. A elaboração de um conjunto de representações com referências coletivas exigiu um intenso comprometimento dos positivistas e dos republicanos que se envolveram na construção de uma cultura nacionalista pautada no projeto de política da República. De todo modo, levando em consideração que

[...] a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. [...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo ao corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não [...]. Uma relação decifrável é portanto postulada entre o signo visível e o referente significado — o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser. (CHARTIER, 1991, p. 184).

Cabe esclarecer que o uso de estratégias foi fundamental na construção da representação e na valorização da memória de Tiradentes enquanto mito de origem da República. A maneira como os republicanos utilizaram as estratégias simbólicas, inclusive a de conferir ao seu herói uma data comemorativa, está estreitamente associada ao que Chartier (1991, p. 184) interpreta como um “[...] utensílio nacional que os contemporâneos utilizaram para tornar sua própria sociedade menos opaca ao entendimento”.

Formas públicas de socialização foram organizadas pelo novo regime para favorecer e fortalecer o culto do herói da República. Celebrações cívicas estão estreitamente relacionadas com o estímulo dos sentimentos patrióticos, visto que lidam com a história e a memória de um povo. A instituição do dia 21 de abril, enquanto uma data comemorativa particulariza a criação de um lugar de memória, como forma de exaltar a nacionalidade, com isso visando despertar a unidade e o sentimento de pertencimento social de um povo. A nomeação de praças, avenidas e monumentos públicos com o nome Tiradentes foi uma das formas mais usuais de criação de lugares de memórias (FONSECA, 2003).

A construção de uma festividade para Tiradentes era uma das formas de dar visibilidade à imagem do mito de origem da República. Promover uma educação visual republicana a partir das práticas e rituais reunidos na comemoração fazia parte do projeto de produção de uma cultura nacional – cultura essa que, segundo Stuart Hall (2006), para se estabelecer, precisava ter como apoio três elementos: as memórias do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança. Elementos como esses, quando bem construídos dentro de uma lógica de sentidos, constroem laços identitários bem estabelecidos, e o novo regime, por sua vez, precisava construí-los. Afinal, não se pode ignorar que as identidades, como é o caso da identidade nacional, não estão impressas em nossos genes, ou seja, “[...] as identidades nacionais não são as coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48). A identidade,

quando construída sobre alicerces sólidos, permite que a identificação se estenda a uma rede de indivíduos.

O trabalho que envolveu a manipulação da figura de Tiradentes e a criação de uma data comemorativa como estratégia para tornar conhecidos os ideais aos quais Tiradentes foi associado estabelece relação com o que Michel Pollack (1992) conceitua como trabalho de enquadramento de memória. Esse trabalho de enquadramento de memória é realizado, na maioria das vezes, por historiadores, entretanto ele também conta com atores profissionalizados de diferentes setores, organizações e clubes. Para satisfazer as exigências de justificação, “[...] esse trabalho de memória reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro” (POLLACK, 1989, p. 9). Conseqüentemente, as memórias nacionais são produzidas e impostas na sociedade por meio de um trabalho especializado. Sendo assim, a manipulação de símbolos que constituem a memória e a identidade de um povo não ocorre no vazio, pois nela está embutida uma lógica de sentidos.

Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimento e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras [...]. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade. (POLLACK, 1989, p. 10-11).

Esses pontos de referência, caracterizados também como lugares de memória, permitem pensar, no caso de Tiradentes, o lugar do seu enforcamento. Centro de disputas entre monarquistas e republicanos, nele foi construído um monumento em homenagem a Tiradentes e à praça existente foi lhe dado o seu nome (Cf. CARVALHO, 1990, p. 55-73). O local é, até os dias atuais, uma referência a Tiradentes. É uma espécie de lugar onde a sua memória está salvaguardada. Ademais, outros lugares de memória, como logradouros e uma data comemorativa, foram institucionalizados em sua honraria.

Fonseca (2001), ao abordar esses lugares de memória, principalmente no que diz respeito às festas nacionais, não deixa de considerar que a criação desses lugares está vinculada a interesses políticos, pois, em uma perspectiva mais geral, as festas cívicas são vistas como momentos propícios para a afirmação de identidades, de crenças e de valores.

O dia 21 de abril, ao se tornar uma data pública, estabeleceu uma relação com a vida política, visto que a data comemorativa e a memória de Tiradentes foram transformadas, num período entre o final do século XIX e meados do século XX, em memória nacional. Quando a

República foi proclamada no Brasil, assim como nos estados nacionais europeus, ocorreram transformações em todo o corpo social. Elementos que constituíam a monarquia enquanto um poder de direito foram colocados em dúvida. Como visto anteriormente com Costa (2007), a sociedade ficou dividida no momento em que aconteceu a transição política da Monarquia para a República. Até aquele instante, o regime monárquico figurava como um poder estabelecido. Com a sua queda, um novo grupo – os republicanos – procurou se estabelecer. Norbert Elias (2000), ao discutir a configuração social e as relações grupais entre indivíduos de uma comunidade no interior da Inglaterra a partir dos conceitos *estabelecidos* e *outsiders*, oferece um modelo para pensar as relações de poder, mesmo que de maneira resumida, no contexto de disputas em que se envolveram monarquistas e republicanos.

Até o ano de 1889, o regime monárquico se caracterizava como um sistema estabelecido, com pontos de referência, heranças e tradições. No que diz respeito à República, a sua instalação evidenciou um fenômeno novo para a sociedade de sua época. O novo regime, ao ser implantado, precisou elaborar um conjunto com representações coletivas que refletisse os valores de seu governo, pois as raízes monárquicas permaneciam vivas entre alguns setores sociais. Para se legitimar enquanto um sistema político e, conseqüentemente, conquistar o apoio popular, os republicanos precisavam desprestigiar o regime monárquico. Carvalho (1990) relata que, para que a República pudesse se estabelecer no poder, em meio ao cenário de transformações e disputas políticas em que o Brasil se encontrava, seria preciso implantar uma cultura nacionalista atrelada ao conceito de república e ao projeto que ela representava. Do mesmo modo, a construção de uma cultura nacionalista, por meio da criação de símbolos e da definição de figuras representativas, deveria ser convertida em uma memória coletiva.

Pollack (1992), ao abordar a memória como um fenômeno construído social e individualmente, permite observar que a memória tem uma estreita relação com o sentimento de identidade. De todo modo, essa relação entre memória e identidade ajuda a pensar a maneira como foi realizado o trabalho de manipulação de memória para o caso de Tiradentes, visto que, por trás desse trabalho, existia um objetivo maior: produzir a aceitação e a aproximação popular do regime que havia acabado de se instalar – uma vez que, logo que a República foi proclamada, o novo regime tratou de construir uma memória para Tiradentes valorizando os ideais patrióticos do movimento ao qual ele pertenceu no final do século XVIII. Mesmo sem ter participado do evento mineiro, a sociedade absorveu dele uma memória produzida pelo regime republicano, que é, em parte, seletiva e, em parte, herdada.

O passado construído sobre a figura de Tiradentes e transmitido por meio de suas representações foi uma das estratégias utilizada para produzir a aceitação do novo regime e para despertar, ao mesmo tempo, o sentimento de unidade e de pertencimento nacional.

Nesse sentido, Pierre Nora (1993) ao tratar da relação entre história e memória e a problemática dos lugares das memórias coletivas, oportuniza pensar que a memória de Tiradentes enquanto um símbolo de identidade nacional não ocorreu de modo espontâneo, ela foi transformada pela passagem histórica. Os republicanos se apropriaram da imagem de Tiradentes e a partir dela, foram construindo enredos, significados e lugares de memória para associa-lo a ideia de República. Em meio a esse processo, o dia 21 de abril se tornou um lugar oficial de memória dedicado a Tiradentes. A utilização dessa data pelos republicanos fez dela um verdadeiro recurso para promover a figura de Tiradentes no seio da sociedade brasileira.

A criação da comemoração do dia 21 de abril representa um entre os diversos mecanismos responsáveis pelo reavivamento da memória idealizada pelos republicanos. Não obstante, a instalação dessa celebração no calendário brasileiro pode ser associada ao que Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997, p. 10) conceituam como “tradição inventada”.

Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são as reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a ‘invenção da tradição’ um assunto tão interessante.

Cabe esclarecer, todavia, que o fato de uma comemoração ter sido inventada e/ou construída não significa que ela não seja legítima. As tradições podem ser inventadas, construídas ou institucionalizadas, pois o mérito da questão não reside em nenhuma dessas situações de surgimento, mas na memória que a tradição produz no meio social e na consciência dos indivíduos que dela participam. As tradições inventadas possuem justificativa ideológica e a sua instituição ocorre com mais frequência quando uma transformação rápida debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas (HOBBSAWM, 1997). Uma mudança de transformação rápida ocorreu no Brasil no momento em que opositores ao regime absolutista monárquico tomaram o poder. Nesse momento, novas tradições, padrões e símbolos precisaram ser elaborados e, por vezes, manipulados, para substituir as tradições e as heranças até então vigentes.

Diferentes elementos estruturam a memória e precisaram integrar o rol da memória oficial: celebrações, monumentos, personagens, tradições, entre outros. Conforme Le Goff (2003), as festas nacionais, inseridas em uma configuração de memórias coletivas, lembram aos povos recordações que se ligam à instituição política existente – no caso do Brasil, a República. As festas comemorativas são uma característica de regimes nacionalistas. A memória que se faz presente nas festas cívicas “[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos da sociedade”. No que diz respeito à memória coletiva, ela “[...] é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, p. 469-470). A memória, como parte integrante de uma cultura nacional, é como uma propriedade de conservar informações e recordações que precisam ser lembradas.

A elaboração de uma cultura nacional, ao estar atrelada à memória nacional, corresponde às memórias coletivas formalmente constituídas. Em se tratando do dia 21 de abril como feriado nacional, é consenso, entre autores como Carvalho (1990), Fonseca (2001) e Jurt (2012), que a instituição dessa data no calendário brasileiro foi um elemento simbólico que teve grande importância na construção e na consolidação da memória de Tiradentes enquanto herói republicano e nacional. Suprimido e restabelecido por várias vezes durante a República, o feriado produz, de acordo com Fonseca (2001), significados simbólicos que precisam ser levados em consideração na análise dessa celebração enquanto um lugar de memória a Tiradentes.

A institucionalização de uma festa cívica enquanto tradição integra o que Hobsbawm caracteriza como formas públicas de socialização. Segundo Leal (2006, p. 66),

[...] as comemorações públicas ou culturais, exaltando os grandes homens que contribuíram positivamente para a história da humanidade [...]. A vida pública e coletiva, que estimulasse a lembrança do passado da Pátria e as diferentes formas de celebrá-lo, integrava também o culto da Humanidade. Essa proposta de vida social e cultural visava criar uma unidade simbólica entre os cidadãos. Era o conhecimento do passado, da história.

O Ato de comemorar corresponde ao ato de lembrar um acontecimento ou personagem do passado, explica Silva (2002). Comemorações nacionais são objetos de interesses e de disputas políticas. No momento em que a República foi proclamada, a escassez de memória atrelada ao discurso republicano era evidente. A busca de raízes identitárias da nação em um passado histórico foi revelada e transfigurada em Tiradentes. Silva (2002), ao distinguir o lembrar do comemorar, relata que a lembrança faz parte de um processo de elaboração individual da memória, já a comemoração é resultado de um trabalho de

construção coletiva. A comemoração de um fato ou evento corresponde à rememoração de um passado em comum dentro de uma cultura nacional. Desse modo, o dia 21 de abril pode ser pensado como uma data que, ao começar a ser celebrada no ano de 1890, marca um momento da história nacional que veio a reforçar o imaginário coletivo e a despertar a figura nacional, tendo como ponto de referência Tiradentes.

Assim, portanto, Silva (2002), ao afirmar que as lembranças se fortificam graças às comemorações públicas, permite compreender que o estabelecimento da comemoração do dia 21 de abril, enquanto uma tradição que ocorre anualmente no Brasil, veio cumprir a função social de fazer rememorar no coletivo os ideais e os valores a que a figura de Tiradentes está atrelada. Favorecendo assim a promoção e fortalecimento do culto ao herói da república entre os indivíduos na sociedade brasileira.

CAPÍTULO 2

A MEMÓRIA DE TIRADENTES NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Neste capítulo, tomamos o livro didático de História como principal fonte a ser analisada, uma vez que este livro além de ser um material de apoio pedagógico, também se caracteriza como um documento, um lugar de memória. O objetivo é apresentar uma discussão em torno da valoração e manutenção da memória de Tiradentes nos livros didáticos de História que estão sendo utilizados pelos alunos que estão frequentando os anos finais do Ensino Fundamental em escolas públicas brasileiras. Refletiremos se os conteúdos de história que tratam da figura do herói brasileiro permitem compreender: quem é Tiradentes, os possíveis motivos de existir um feriado em sua homenagem e a função social da comemoração do dia 21 de abril.

2.1 O livro didático de História: um lugar de memória

No capítulo anterior, a discussão apresentada a partir da historiografia produzida sobre a representação de Tiradentes evidenciou que o conhecimento histórico desenvolvido no âmbito acadêmico oferece respostas que contribuem para o entendimento da figura de Tiradentes, sua transformação em herói republicano e nacional, e a existência da comemoração do feriado de 21 de abril no território brasileiro.

Nos questionamos, no entanto, se a compreensão desenvolvida pela historiografia sobre Tiradentes chega até o “grande público”. E, se chega, será que ela é transmitida de maneira que permite aos indivíduos compreender a construção da representação heroica de Tiradentes e a comemoração existente em sua homenagem?

Para verificar se a compreensão historiográfica sobre a apropriação e construção republicana da representação de Tiradentes chega a um grande número de pessoas, escolhemos investigar nesse capítulo os livros didáticos de história que estão sendo utilizados no território nacional, por alunos que estão cursando o Ensino Fundamental II, em instituições públicas de ensino.

Além de ser um importante instrumento de apoio pedagógico, o livro didático de história também se configura como um mecanismo que (re)produz o conhecimento histórico para um grande público. Ele é um dos primeiros, e em muitas situações, o principal, ou até mesmo, o único livro, utilizado na aprendizagem histórica durante toda a trajetória educacional dos alunos que estudam nas instituições públicas brasileiras.

Em vista disso, a intenção com essa investigação é averiguar no material didático de história, em específico nos conteúdos produzidos sobre a história do Brasil, se o entendimento historiográfico da memória e da história de Tiradentes encontra-se refletida nesse livro, de forma que viabilize uma compreensão sobre quem foi Tiradentes, a sua transformação em herói republicano e nacional e a sua relação com feriado do dia 21 de abril.

De todo modo, é válido mencionar que a escolha por esses materiais didáticos em específico se deu em razão do papel que a história desempenha enquanto disciplina escolar na formação social e educacional do indivíduo e, principalmente, em virtude do objeto de estudo dessa pesquisa – Tiradentes. A história, enquanto uma disciplina escolar, “sempre trabalhou com as noções de ‘identidade nacional’, ‘cidadania’, ‘Estado’ e ‘nação’. Historicamente, o ensino de história foi marcado desde o século XIX pelo ideário das nacionalidades” (ZAMBONI, 2003, p. 369).

O surgimento da própria história enquanto disciplina escolar está estreitamente relacionada com os debates em torno da questão nacional. Nessa mesma direção, Beatriz Boclin Marques dos Santos (2015, p. 56) esclarece que a história estabeleceu as suas bases como disciplina escolar - em meio ao contexto de consolidação do Estado nacional brasileiro na primeira metade do século XIX –, mediante a tarefa que lhe foi destinada de “[...] contribuir para a construção do conceito de nação ao revelar o passado dos Estados que se formavam”.

Não dá para mencionar, todavia, a disciplinarização da História e o impacto dessa disciplina na formação da identidade nacional sem citar o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. O ensino da História no Brasil possui uma íntima relação com esse colégio. Nele foi criado um programa para o ensino de história no ano de 1838. Programa esse que, de acordo com Ernesta Zamboni (2003) foi por muitas décadas, modelo para o ensino de história em nível primário e secundário.

Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo (2005) relata que a história ensinada no Colégio Pedro II, estava fixada na ideologia das nações. O estudo da origem das nações era considerado fundamental para explicar a importância e o fortalecimento da identidade nacional.

Conhecer como as nações construíram seu passado, sua constituição populacional, os feitos de seus líderes, identificados como heróis pela dedicação dispensada na formação e fortalecimento da nação, parecia ser o caminho e a linguagem mais adequada para se reconhecer como um sujeito identificado com sua Pátria tornar-se-ia capaz de lutar por sua legitimação. Nesse processo de simbolizar uma autoimagem de si mesmos como nação, a

história ensinada apresentava as nações com um conjunto de características homogêneas, capaz de criar um mesmo ideal de nação fundado nos termos básicos de civilização e progresso da humanidade. A nação brasileira seria, portanto, um aspecto particular de um movimento mais geral de formação das nações europeias. Era, portanto, o saber universal sobre a construção das nações que orientava o estudo da Pátria brasileira (TOLEDO, 2005, p.5).

Por conseguinte, cabe destacar que no mesmo ano em que foi criada uma cadeira para o ensino de História no Colégio Pedro II, também foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Pensado nos moldes de uma academia semelhante ao Iluminismo europeu, o IHGB foi criado com a finalidade de,

[...] construir a História da nação, recriar um passado homogêneo, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos históricos, constituir a galeria dos “heróis nacionais”, através do estudo, pesquisa e elaboração de biografias, capazes de fornecer às gerações futuras exemplos de civismo, patriotismo e devoção à Pátria (FERNANDES, 2005, p.125).

Para melhor compreender o trabalho que era realizado pelo IHGB, Santos (2015, p. 59) esclarece em poucas palavras que os historiadores vinculados a esse Instituto deveriam, então, “[...] produzir uma historiografia que iria contribuir para a definição do conceito de nação brasileira e para a construção da identidade nacional”. A autora também pontua que essa historiografia acadêmica produzida pelos profissionais do IHGB foi utilizada como referência pelos professores catedráticos do Colégio Pedro II, na elaboração de compêndios didáticos para o ensino de história aos membros das elites imperiais que frequentavam a instituição⁹.

A história ensinada nesse colégio segundo Toledo (2005) estava atrelada de algum modo aos os interesses do governo imperial. Para lidar com as fissuras e divergências existentes, o governo tinha a intenção de criar uma imagem positiva da nação e de unidade política, por meio do ensino de história. Portanto, “[...] a história oficial celebrativa produzida pelo IHGB foi aprendida por gerações sucessivas de indivíduos que tiveram no Colégio Pedro II o lócus privilegiado da construção deste saber escolar” (FERNANDES, 2005, p. 130).

Com a implantação da República, esta concepção de história continuou e foi aprofundada. A questão nacional seguiu sendo o fio condutor após duas importantes reformas

⁹ A disciplina História desenvolveu-se em circunstâncias muito peculiares, em espaços circunscritos a uma elite intelectual e sob a influência do Estado Imperial, empenhado na elaboração de uma escrita da história nacional e no ensino desta no âmbito escolar (SANTOS, 2015, p. 59-60).

educacionais: Francisco Campos e Capanema¹⁰. Fundamentado no positivismo, os programas focalizavam a história dos fatos políticos, “[...] o discurso histórico, além de ser enciclopédico e elaborado com a ideia de progresso, deveria dar visibilidade à nação, que estava em processo de construção [...]” (ZAMBONI, 2003, p. 370).

Conseqüentemente, o ensino de História nas escolas foi de suma importância para o sucesso de constituição de um sentimento de pertencimento nacional. Geralmente a formação e manutenção da identidade nacional na escola “[...] começa com os livros didáticos, com a sacralização de certos acontecimentos históricos e personagens que os representam” (ZAMBONI, 2003, p. 373).

Circe Bittencourt (2005) afirma que, no que lhe concerne o livro didático não só se configurou como ainda se configura como um dos principais instrumentos de difusão da história nacional. O ensino de História e o próprio livro didático dessa disciplina tornaram-se, de uma forma ou de outra, o espaço planejado para a construção e manutenção de símbolos, personalidades e fatos que caracterizam a história e a identidade da sociedade brasileira.

A história e a memória que é compartilhada, por meio das narrativas, conteúdos, imagens, entre outros elementos que constituem esse livro, expressam e cumprem um papel relevante na constituição e manutenção do corpo social. Personalidades históricas como o herói Tiradentes, as emoções, as memórias coletivas e símbolos que caracterizam os princípios de nacionalidade, bem como os fatos históricos correspondentes à história do país, costumam aparecer de forma mais expressiva nos livros didáticos de história, sobretudo nos capítulos que são destinados aos estudos de História do Brasil.

Em se tratando de Tiradentes – objeto dessa pesquisa –, é válido enfatizar que este é, por sua vez, uma figura emblemática na história do Brasil. Ele é considerado um dos principais pontos de referência de nacionalidade brasileira. Tiradentes – como já foi citado no capítulo anterior – teve participação no movimento da Conjuração Mineira e aproximadamente cem anos após a sua morte sua imagem foi apropriada, de modo que ele foi transformado pelos republicanos em herói da República e, em seguida, foi elevado ao posto

¹⁰ A Reforma Francisco Campos foi à primeira reforma educacional de caráter nacional realizada em 1931, pelo então Ministro da Educação e Saúde Francisco Campos. A Reforma Capanema foi o nome dado às transformações projetadas no sistema educacional brasileiro em 1942, durante a Era Vargas, liderada pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, que ficou conhecido pelas grandes reformas que promoveu, dentre elas, a do ensino secundário e o grande projeto da reforma universitária, que resultou na criação da Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro. História do Ensino de Línguas no Brasil (HELB), disponível em: http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=63:reforma-capanema-pico-na-oferta-de-linguas&Itemid=2 Acesso em: 26 jan. 2017.

de herói nacional. A ele também foi atribuído um feriado no calendário brasileiro. Todos os anos, a figura de Tiradentes é “celebrada” no Brasil no dia 21 de abril.

Diante desse contexto, optamos, portanto, por investigar a forma como a figura de Tiradentes é retratada nos conteúdos que compõem os livros didáticos de história. Analisamos esse material com a intenção de averiguar se ele permite por meio dos seus conteúdos que os alunos – que estão saindo do Ensino Fundamental para ingressar no Ensino Médio – compreendam quem foi Tiradentes e os possíveis motivos de existir um feriado em sua homenagem.

Contudo, antes de apresentar os desdobramentos da investigação que foi realizada sobre Tiradentes nos livros didáticos de história, algumas considerações no que diz respeito a esse material precisam ser feitas, até mesmo para que se compreenda a abordagem que foi realizada e o tratamento que foi atribuído a esse livro, que se afirma como uma notável fonte de pesquisa histórica.

Em primeiro lugar é preciso considerar o processo de elaboração do livro didático até a chegada dele na escola. O livro didático não é elaborado apenas por um autor. Inúmeros profissionais atuam na fabricação desse material. Erinaldo Cavalcanti (2006, p. 269) afirma que fazem parte do processo de elaboração dos livros didáticos

[...] profissionais ligados à pesquisa iconográfica, revisores, diagramadores e editores. Todos eles, de diferentes maneiras desempenham a função de autor, entre as distintas etapas constitutivas de um mesmo livro. Por isso, um livro didático é, antes de tudo, filho de muitos pais e muitas mães, haja vista necessitar do suporte material – ou digital – para ganhar existência, e, não raro, não é o profissional que escreve o texto o responsável pela elaboração material do livro.

Antes de chegar ao destino final que é a escola, o livro didático passa por muitas mãos. Após ser elaborado ele é enviado para o Ministério da Educação (MEC), que os encaminha para as instituições superiores de ensino, para serem avaliados por uma equipe técnica e multidisciplinar especializada, composta por professores do seu quadro funcional e também de outras instituições. Após essa etapa, os livros aprovados são inseridos no Guia *do Livro Didático*¹¹. Esse Guia é enviado pelo MEC, juntamente com os livros didáticos aprovados, para que coordenadores (as) e professores (as) possam escolher o livro com que irão trabalhar.

¹¹ O Guia do Livro Didático é material que é oferecido aos professores desde 2005 e são encaminhados para as escolas juntamente com os livros didáticos para subsidiar na escolha do material. Nele contém resenhas dos livros que foram avaliados e aprovados pelo PNLD e informações necessárias para a escolha das obras destinadas aos estudantes e professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio (CASSIANO, 2004).

Após a escolha, as editoras providenciam a impressão dos livros em larga escala. Os livros impressos são adquiridos pelo governo federal por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹², para na sequência serem distribuídos às escolas públicas de todo o país que aderiram ao programa (CAVALCANTI, 2006, p. 269).

A produção do livro didático, como se poder perceber, está inserida em uma grande indústria editorial que precisa atender às especificidades e regras impostas pela política pública do PNLD. Desse modo, ao investigar o livro didático é preciso levar em consideração que a elaboração, edição, venda, compra e distribuição desse produto aos consumidores finais – instituições escolares –, perpassa toda uma trama de interesses que estão além do contexto escolar.

O PNLD, desde o processo de fabricação até a distribuição dos livros didáticos, apresenta várias fragilidades no interior de sua política. Política essa que precisa ser cada vez mais aperfeiçoada. Inscrito em uma longa tradição, a dinâmica de fabricação, disposição dos conteúdos, entre outros elementos que podem ser encontrados nos livros didáticos é resultado de significativas mudanças que foram e continuam sendo realizadas gradativamente nesse material.

Contudo, a fragilidade existente na elaboração, compra e distribuição desse livro, não descaracteriza a sua relevância no contexto escolar. Na presença física do professor, o livro didático atua como um importante mediador na relação entre aluno e conhecimento. Cavalcanti (2006, p. 274) ao chamar a atenção para a importância do livro didático no trabalho docente e na aprendizagem dos alunos, explica que esses livros

[...] exercem uma significativa influência no exercício docente no ensino de história, podendo interferir de maneira incisiva na forma como uma imensa quantidade de crianças e jovens irá construir suas leituras interpretativas de si, da sociedade da qual faz parte e das demais.

¹² O PNLD foi criado no ano de 1985, por meio do decreto 91.549. Nesse período o país passava por um processo de redemocratização. Em meio a esse processo, debates e discussões promovidos principalmente na área educação contribuíram para o desenvolvimento das reestruturações curriculares. Diante desse contexto, o PNLD surgiu com a finalidade de distribuir para as escolas públicas do Brasil, livros didáticos, dicionários e outros materiais de apoio à prática educativa de forma regular sistemática e gratuita. Executado pelo Governo Federal, promovido pelo Ministério da Educação e gerenciado pelo Fundo Nacional da Educação, a distribuição dos livros por meio do PNLD acontece em ciclos trienais alternados. Assim, todos os anos o programa distribui livros aos alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino Médio, sendo que cada ano a distribuição fica centralizada em um determinado segmento de ensino. No entanto, devido a novas mudanças no PNLD a partir de 2019, o programa será executado em ciclos de quatro anos e não mais de três.

Nesse sentido, Jörn Rüsen (2011, p. 112) afirma que “[...] o livro didático de história é o guia mais importante da aula de história”. Ele é o instrumento que professores e alunos mais utilizam – se é que em alguns casos ele até pode ser o único utilizado - em sala de aula.

Entretanto, apesar da sua relevância no ensino de história, Rüsen (2011) e Cavalcanti (2006) apontam que o livro didático de história e o papel que ele desempenha no processo de aprendizagem em sala de aula são pouco investigados. Segundo Rüsen (2011) os campos dos textos dedicados a temas históricos presentes nesse livro requerem uma análise mais aprofundada.

Como parte do ensino de história, o livro didático de história se caracteriza como um importante lugar para estudar as memórias coletivas e a sua manutenção. Os conteúdos que costumam ser apresentados de forma sistematizada nesse material apontam para um trabalho de enquadramento de memória¹³, que conseqüentemente é realizado na produção das narrativas, na escolha das imagens, nas notas informativas, entre outros elementos que compõe esse livro. Se a memória segundo Michel Pollack (1992) é seletiva. Seletivos são também os conteúdos elaborados nesse livro escolar.

A seleção e organização dos conteúdos que compõem o livro didático de história, conforme Bittencourt (2005), não ocorre de forma aleatória. Eles são cuidadosamente selecionados e refletem uma intencionalidade.

Segundo Cavalcanti (2006.p. 266),

[...] é importante ressaltar que os profissionais responsáveis pela diagramação dos livros têm de atender aos referidos critérios que, em última instância, são definidores de muitos elementos que aparecem nos livros didáticos. Cada informação que aparece nas capas, nas contracapas e na folha de rosto – como título da obra, nome do autor, da editora, área do conhecimento, série à qual se destina, assim como cada ícone ou símbolo – é igualmente elemento de avaliação e, portanto, definido pelos editais lançados pelo MEC.

Diante disso, Alain Choppin (2002) alerta que é preciso estar atento no momento em que se está estudando sobre esse livro, pois as escolhas que são operadas pelos idealizadores desse material não são neutras e os silêncios podem ser reveladores (CHOPPIN, 2002, p. 22).

No processo de ensino e aprendizagem escolar, o livro didático de história se configura como um suporte de transposição do conhecimento acadêmico e atua como um produtor de significados e sentidos. Conforme Bittencourt (2011) este livro se encarrega de transformar a história acadêmica em uma história ensinável.

¹³ Conceito do Pollack citado no capítulo anterior.

No livro didático de história correntemente está a história e a memória considerada comum aos indivíduos de origem brasileira. As memórias coletivas habitualmente são organizadas didaticamente nesse livro escolar e evidenciam, mesmo que indiretamente, o que é importante conhecer para recordar. Sendo assim, ao olhar para o livro didático é preciso considerar que esse material não é apenas um instrumento pedagógico, ele é também um lugar onde a memória coletiva é representada, ele é um produto de grupos sociais, que o utilizam para perpetuar valores, tradições e culturas que são tidas como comum a uma grande comunidade.

O livro didático, portanto, mais do que um instrumento pedagógico é também um documento que preserva informações e que conseqüentemente contribui para a manutenção das memórias coletivas. O livro didático de história se constitui como uma fonte histórica valiosa para pensar os símbolos da identidade nacional, como é o caso da construção da figura do herói brasileiro Tiradentes. A maneira como Tiradentes é retratado nesse livro abre caminhos para pensar a contribuição desse material na compreensão da história e da memória de Tiradentes na sociedade contemporânea.

Pensando a partir dessa perspectiva, trabalhamos com o livro didático, associando-o ao conceito de documento/monumento de Jacques Le Goff (2003). Para melhor entender esse conceito de documento/monumento, o próprio autor explica que o documento é,

[...] antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho [...]. O documento é monumento. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

O documento é, dessa forma, na concepção de Le Goff (2003), um testemunho escrito, um material em que a memória se encontra preservada. A partir desse ponto de vista, o livro didático de História, material de análise de estudo, detém elementos que o caracterizam como uma propriedade, na qual a memória da sociedade e da sua identidade encontra-se preservada e pode ser apreendida por diversas gerações.

História e memória são conceitos que compõem significativamente os conteúdos e o papel do livro didático no ensino escolar, assim como também os esquecimentos que podem se revelar por meio dos silenciamentos nas entrelinhas das narrativas desse livro. Tudo isso

precisa ser ponderado na investigação da retratação de Tiradentes nos livros didáticos de história.

2.2 A retratação de Tiradentes nos conteúdos dos livros didáticos de História

O livro didático escolar, como já afirmou Bittencourt (2005), é um instrumento pedagógico que atua como um importante suporte de transposição do conhecimento que é produzido nas academias. Conseqüentemente, olhar para a maneira como as narrativas são elaboradas nesse livro significa olhar também para o modo como o conhecimento acadêmico está sendo transposto nesse material. Ao investigar, portanto, a maneira como o personagem histórico Tiradentes é retratado nos livros didáticos de história, estamos, ao mesmo tempo, analisando o modo como a historiografia que remete a Tiradentes tem sido (re)produzida nesse livro.

Verificar a presença da memória de Tiradentes nos livros didáticos e a maneira como a sua história e memória está sendo retratada nesses materiais, possibilita uma reflexão sobre a contribuição desse livro para a compreensão da apropriação da figura de Tiradentes pela República, bem como a sua transformação republicana em um símbolo de identidade nacional.

Nas últimas décadas muito se tem discutido sobre os problemas da formação das identidades nacionais. As histórias nacionais “[...] não apenas entre nós, cabe ressaltar, mas em todos os países do mundo ocidental, têm sido questionadas e repensadas, sobretudo no que se refere à produção escolar” (BITTENCOURT, 2005, p. 186). Os apontamentos que vimos no capítulo anterior, acerca da apropriação e transformação da figura de Tiradentes em um símbolo de identidade nacional e a reflexão que faremos agora, no que diz respeito à maneira como o herói brasileiro aparece nas obras didáticas, vêm de uma forma ou de outra, ao encontro dessa discussão sinalizada por Bittencourt (2005).

Para avaliar, todavia, a maneira como a produção historiográfica sobre Tiradentes é transposta nos livros didáticos, optamos por averiguar a representação de Tiradentes nos conteúdos dos livros didáticos de história que se encontram sendo utilizados por estudantes que estão cursando os anos finais do Ensino Fundamental em escolas públicas brasileiras. Acreditamos que essa investigação possibilitará refletir se esse livro oferece condições para que os alunos saiam do ensino fundamental compreendendo quem é Tiradentes e a razão de existir um feriado nacional em sua homenagem.

Os livros que estão sendo utilizados atualmente no ensino de história por alunos do Ensino Fundamental II, referem-se ao ciclo 2017-2019¹⁴ do PNLD. Antes de serem distribuídos para serem utilizados pela comunidade escolar, é válido lembrar que esses livros foram submetidos a um processo de avaliação. Para serem selecionados os livros precisaram estar em conformidade com o nível de exigência estipulado pelo PNLD.

Durante o processo avaliativo para a seleção das obras didáticas, referente ao ciclo 2017-2019, foram selecionadas para compor o Guia do Livro Didático quatorze coleções de livros didáticos de história.

Contudo, o fato dessas quatorze obras terem sido aprovadas, selecionadas e inseridas no Guia do Livro Didático, não garante que a compra e distribuição desse material para as comunidades escolares seja efetivada. Para que isso ocorra, é preciso que a coleção seja efetivamente escolhida pelos professores. De todo modo, só o fato de uma coleção constar no Guia possibilita que ela seja adotada por uma ou mais instituições, visto que são inúmeras as instituições públicas de ensino existente em toda a extensão do território nacional (MIRANDA; LUCA, 2004).

Ao levar em consideração que todas as coleções de livros didáticos de história que foram inseridas no Guia, ou várias delas podem estar sendo utilizadas por diversas escolas públicas brasileiras, optamos por investigar todas as coleções de livros didáticos que constaram no Guia do Livro Didático referente ao PNLD 2017-2019. Entretanto, em virtude da coleção *História para nosso tempo*, da editora Positivo, não ter sido encontrada e nem disponibilizada para análise pela editora, analisaremos nesse estudo treze coleções de livros didáticos de história (quadro 1).

¹⁴ As coleções de livros didáticos de história referentes a esse ciclo de 2017-2019 foram distribuídas às escolas para serem utilizados pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental do ano de 2017 até o ano de 2019. Em 2019 haverá novamente a escolha do material didático e possivelmente um livro de outra coleção passará a ser utilizado por alunos desse segmento a partir de 2020.

Quadro 1 – Livros didáticos de História (ciclo 2017-2019)

	LIVRO	AUTORES E FORMAÇÃO ACADÊMICA	SÉRIE	DISPOSIÇÃO DO CONTEÚDO	IMAGENS
01	Projeto Araribá: Editora Moderna.	<ul style="list-style-type: none"> • José M.I. Madi Filho (licenciado em História e mestre em História da Educação); • Pamela S. Goya (bacharel e licenciada em História); • Letícia O. Raymundo (mestre em Ciência). • Edmar R. Franco (bacharel e licenciado em História); • Cristiane A. C. dos Santos (bacharel e licenciada em História); • Cynthia L. Yosimoto (bacharel e licenciada em História). • Maria L. V. Aguilár (bacharel e licenciada em História); • Rafaela Lunardi (mestre em Ciências). 	8º ano	Unidade 6: A Independência do Brasil e o Primeiro Reinado.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes - painel de Candido Portinari, 1948-1949.
02	Jornadas. Hist - Editora Saraiva	<ul style="list-style-type: none"> • Maria Luísa Vaz (licenciada em História e mestre em História Social). • Silvia Panazzo (licenciada em História e graduada em Pedagogia). 	8º ano	Unidade 4: Crise do Sistema Colonial	<ul style="list-style-type: none"> • A leitura da sentença de Tiradentes, Eduardo de Sá, final do século XIX; • Tiradentes com farda de alferes, obra de José Wash Rodrigues, de 1940; • Jornada dos mártires de Antônio Parreiras, 1928.

03	Vontade de saber história - Editora FTD	<ul style="list-style-type: none"> • Marco César Pellegrini (professor licenciado em História). • Adriana M. Dias (professora, licenciada em História, especialista em História Social e Ensino de História). • Keila Grinberg (professora do PPG na UNIRIO, graduada em História, doutora em História Social, pós-doutora). 	7º ano	Capítulo 12: A expansão das fronteiras da Colônia portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes com farda de alferes, obra de José Wash Rodrigues, de 1940; • Tiradentes, litogravura de 1890, obra do artista Décio Villares • Estátua de Tiradentes em frente ao palácio Tiradentes, no RJ.
04	História.doc: Editora Saraiva	<ul style="list-style-type: none"> • Ronaldo Vainfas (professor, licenciado em História, Mestre em História do Brasil e doutor em História Social). • Jorge Ferreira (professor e doutor em História Social). • Sheila de C. Faria (professora bacharel e licenciada em História, Mestra e doutora em História). • Daniela B. Calainho (professora, graduada em História, mestra em História social e doutora em História). 	8º ano	Unidade 2: A crise do Antigo Regime - Capítulo 7: Ouro e pedras preciosas no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> • A leitura da sentença de Tiradentes de Leopoldino Faria, sem data.
05	Historiar - Editora Saraiva	<ul style="list-style-type: none"> • Gilberto Cotrim (professor de História - rede particular -, bacharel e licenciado em História, mestre em Educação e advogado pela OAB). • Jaime Rodrigues (Professor E. Superior, Bacharel em História e Dr. em História Social). 	8º ano	Unidade 2: As independências na América Latina - Capítulo 8: Independência do Brasil.	Não há

06	Projeto Mosaico: História - Editora Scipione	<ul style="list-style-type: none"> • Claudio Vicentino (professor da Educação Básica, bacharel e licenciado em Ciências Sociais); • José B. Vicentino (professor de História na Educação Básica, bacharel e licenciado em História). 	8º ano	Módulo 2: Tempo de revoluções e rebeliões - Capítulo 4: As rebeliões na América Ibérica	<ul style="list-style-type: none"> • Busto em homenagem a Tiradentes, na cidade Tiradentes (MG); • Tiradentes com farda de alferes, obra de José Wash Rodrigues, de 1940; • Martírio de Tiradentes, de Aurélio Figueiredo e Melo, 1893.
07	Estudar História: das origens do homem à era digital - Editora Moderna	<ul style="list-style-type: none"> • Patrícia R. Braick (professora da Educação Básica e mestre em História). 	8º ano	Capítulo 8: O processo de Independência do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes, pintura de Alberto da Veiga Guignard, 1961.
08	Projeto Teláris - Editora Ática	<ul style="list-style-type: none"> • Gislane Azevedo (professora universitária, mestre em História Social); • Reinaldo Seriacopi (bacharel em Língua Portuguesa e em Comunicação). 	8º ano	Unidade 2: Movimentos Sociais - Capítulo 4: Iluminismo e revoltas na colônia portuguesa.	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da sentença dos Inconfidentes, de Eduardo de Sá, 1866-1940; • Praça Tiradentes, no centro histórico de Ouro Preto, MG; • Tiradentes, litografia de Décio Villares, 1928; • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, 1893.
09	História nos dias de hoje - Editora Leya	<ul style="list-style-type: none"> • Flavio Campos (professor, graduado em História, mestre em História social e doutor em História); • Regina Claro (graduada em História e mestre em História Social). • Miriam Dolhnikoff (professora graduada em História, mestra em História Social e doutora em História). 	8º ano	Capítulo 6: A idade do ouro no Brasil e as revoltas coloniais.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, 1893.

10	História: Coleção Integralis - Editora IBEP	<ul style="list-style-type: none"> • Pedro Santiago (professor universitário e da Educação Básica; graduado em História e mestre em História Social). • Célia Cerqueira (bibliotecária graduada pela UnB); • Maria Aparecida Pontes (pedagoga). 	8º ano	Unidade 3: A construção da democracia - Capítulo 3: Revoltas contra a Coroa.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, 1893; • Tiradentes ante o carrasco de Rafael Franco, 1941.
11	Projeto Apoema : História - Editora do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • Renato Mocellin (professor do E.M. e Mestre em Educação); • Rosiane de Camargo (pós-graduada em História do Brasil e professora da Educação Básica). 	8º ano	Unidade 2: Mineração na América Portuguesa - Cap. 9: Conjurações Mineira e Baiana.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes com farda de alferes, obra de José Wash Rodrigues, 1940; • Tiradentes - painel de Candido Portinari, 1948-1949; • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, 1893; • Martírio de Tiradentes, de Aurélio Figueiredo e Melo, 1893.
12	História: sociedade e cidadania - Editora FTD	<ul style="list-style-type: none"> • Alfredo Boulos Júnior (lecionou na rede pública e privada; mestre em Ciências - área de concentração História Social -; doutor em Educação). 	8º ano	Unidade 3: Terra e Liberdade - Capítulo 9: A emancipação política do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes com farda de alferes, obra de José Wash Rodrigues, de 1940; • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo, 1893.
13	Piatã: História - Editora Positivo	<ul style="list-style-type: none"> • Vanise Maria Ribeiro (pós-graduada em História do Brasil e professora das redes particular e pública); • Carla Maria Junho Anastasia (professora universitária; graduada em História; mestra em Ciência política; e doutora em Ciências Sociais). 	8º ano	Unidade 2: Construção de um novo mundo - Capítulo 6: A independência do Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> • Tiradentes esquartejado de Pedro Américo 1893.

Fonte: Dados da pesquisa

No decorrer do levantamento dessas coleções de livros didáticos de História, realizamos um mapeamento identificando as seguintes informações presentes nesses materiais: disposição do volume e a temática dos conteúdos dos livros em que Tiradentes é retratado; narrativas, imagens, atividades, entre outros elementos que fazem referência a Tiradentes; e perfil dos autores¹⁵ que elaboraram e organizaram os conteúdos das obras didáticas.

Partindo dessas informações, buscamos olhar para a retratação de Tiradentes nos livros didáticos, analisando as aproximações e distanciamentos entre as narrativas do livro e os debates historiográficos sobre a construção republicana da figura de Tiradentes.

Para a realização desse estudo, ao analisar o livro didático de história, consideramos as seguintes qualidades listadas por Rüsen (2011, p. 115): aspectos da utilidade para o ensino prático; utilidade para percepção histórica; utilidade para a interpretação histórica; e utilidade para a orientação história. Essas qualidades, de acordo com Rüsen (2011), precisam estar presentes em um bom livro didático. Uma vez que elas são fundamentais para a aprendizagem da consciência histórica.

Durante o trabalho de mapeamento das treze coleções de livros didáticos que foram disponibilizadas constatamos que Tiradentes é retratado em todas as coleções nos volumes dos livros didáticos de história que são destinados aos 8º anos do Ensino Fundamental. Exceto na coleção *Vontade de Saber História* da Editora FTD, na qual o volume do livro em que Tiradentes aparece é destinado às séries dos 7º anos do Ensino Fundamental. Nesse volume, assim como nos demais, identificamos que a narrativa sobre Tiradentes aparece na temática que trata do movimento que ocorreu em Minas Gerais no final do século XVIII. A diferença é que no livro destinado aos 7º anos, a temática é trabalhada no último capítulo e, nos livros destinados aos 8º anos, a temática está entre os primeiros capítulos a serem trabalhados.

Nessa primeira sondagem, também observamos que em alguns livros o episódio que ocorreu em Minas no final do século XVIII, é conceituado como Inconfidência Mineira e em outros como Conjuração Mineira. Apesar de sinalizarem um mesmo movimento, esses conceitos apresentam significados diferentes. Kenneth Maxwell (1989), ao analisar na segunda metade do século XX, os desdobramentos do episódio mineiro a partir do ponto de vista dos movimentos sociais e econômicos do seu tempo, explica que o termo inconfidência vem dos donos do poder e está atrelado ao sentido de traição, enquanto conjuração

¹⁵ Essa verificação do perfil dos autores foi realizada mediante a consulta do currículo Lattes de cada profissional. Como alguns profissionais não possuem o currículo disponibilizado na plataforma, utilizamos as informações descritas nos livros didáticos e em outros sites do meio digital.

corresponde a uma proposta de revolução, que no caso mineiro acabou sendo mal sucedido. Por isso, Maxwell, assim como outros autores, ao se referir a esse movimento prefere utilizar o conceito de conjuração, em vez de inconfidência.

No nosso caso, nesta pesquisa, quando nos referimos a este episódio de Minas Gerais, utilizamos tanto o conceito de conjuração como o de inconfidência, pois não possuímos uma preocupação em demonstrar se o movimento foi um ato de traição, ou de uma revolução que acabou não se concretizando. O nosso objeto de estudo é Tiradentes, a Conjuração é apenas o plano de fundo para compreendemos a transformação de Tiradentes em herói.

Os livros didáticos, por sua vez, diferente da nossa abordagem, apresentam uma maior preocupação em discutir os desdobramentos da Conjuração Mineira, do que a representação da própria figura de Tiradentes. O que é normal em um contexto de livro didático. Aos eventos históricos geralmente é atribuída uma discussão mais expressiva do que a personalidades e símbolos, como é o caso de Tiradentes.

Na maioria dos livros o conceito de Conjuração Mineira foi o que se sobressaiu. Algumas obras, como poderão ser observadas, chamaram a atenção para a diferenciação dos conceitos. No entanto, não dá para afirmar com exatidão a intenção dos autores ao utilizarem os conceitos em sua narrativa. O que se pode perceber é que os textos produzidos nos livros didáticos apresentam em sua maioria a Conjuração como sendo resultado de um ato revolucionário.

De todo modo, essa questão dos conceitos de Inconfidência e Conjuração é apenas uma observação que consideramos importante chamar a atenção. Porém, ela não é a base de análise desse estudo, o que nos interessa de fato é entender como a figura de Tiradentes é retrada nos conteúdos dos livros didáticos que foram elencados no quadro 1.

Entre todos os livros que foram analisados, o volume do 7º ano, da coleção *Vontade de Saber*, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana M. Dias e Keila Grinberg está entre os que mais chamaram a atenção, pela maneira como abordou a figura de Tiradentes no material. Tiradentes está presente neste livro no conteúdo do *capítulo 12: A expansão das fronteiras da Colônia portuguesa*. A narrativa que trata de Tiradentes está inserida na seção destinada aos assuntos da Conjuração Mineira.

Todavia, apesar do capítulo 12 reservar um maior espaço para abordar a figura de Tiradentes, é importante destacar que a primeira referência ao herói brasileiro pode ser observada logo na apresentação da obra. Para exemplificar, a seção *História em Construção* – composta por textos e atividades que podem ser desenvolvidos com os alunos de forma

complementar –, o livro exhibe as páginas 280 e 281 em miniatura com a intenção de demonstrar a função dessa seção.

Na página 280, constam duas imagens de Tiradentes. A primeira imagem é de autoria de José Wash Rodrigues (1940) (figura 1). Nela, Tiradentes é retratado como um alferes, isto é, com vestes de militar típico da época.

Figura 1: Tiradentes como alferes



Fonte: Livro didático Vontade de saber, p. 280.

A segunda imagem é do artista Décio Vilares. Nela o herói brasileiro aparece de cabelos e barbas longas (figura 2). Na legenda da imagem, há a informação de que a pintura foi feita em 1890 pelo artista republicano, e que, a partir dessa obra, muitas representações de Tiradentes identificavam-no com a figura de Cristo.

Figura 2: Tiradentes retratado por Décio Vilares



Fonte: Livro didático Vontade de saber, p. 280.

Cada uma das imagens ilustrativas está acompanhada de um texto. Ao lado da imagem de Tiradentes retratado como alferes, há um pequeno texto com o seguinte título: “quem foi Tiradentes?”. Em resposta a esse título, o escrito apresenta Tiradentes como um membro ativo da Conjuração Mineira e menciona detalhes do seu envolvimento com o movimento. O texto também aponta para o episódio em que Tiradentes foi transformado em herói nacional pela República, permitindo assim compreender que a imagem de Tiradentes foi apresentada em vários momentos da história do Brasil e defendida por muitos historiadores como um exemplo de luta e sacrifício em defesa da liberdade.

A seguir, ao lado da imagem de Tiradentes produzida por Décio Vilares, há um segundo texto que busca explicar a transformação de Tiradentes em um herói nacional. Um dos trechos desse texto informa que:

[...] quando os republicanos assumiram o poder no Brasil, em 1889, era necessário criar heróis nacionais para simbolizar não apenas o regime que começava, mas também para identificar na figura de Tiradentes as raízes da luta pela liberdade que os republicanos queriam institucionalizar, criando assim, uma imagem positiva do país e do novo regime (PELLEGRINI et al., 2015, p. 280).

O texto continua na página 281 e anuncia que na segunda metade do século XX a figura de Tiradentes e a Inconfidência começaram a ser revisadas. O historiador inglês Kenneth Maxwell e o historiador brasileiro José Murilo de Carvalho, assim como suas respectivas obras, são citadas. Para refletir sobre a intenção dos indivíduos que participaram da organização da Conjuração, é extraída da obra *Devassa da Devassa* de Maxwell a ideia de que,

[...] para esse historiador, a conjuração devia ser compreendida no contexto econômico e político luso-brasileiro do final do século XVIII. Nesse contexto, o que mais motivava os inconfidentes eram os interesses materiais: embora utilizassem como justificativa a defesa da liberdade do povo contra a opressão do governo português, quase todos queriam se livrar das dívidas que tinham com a coroa (PELLEGRINI et al., 2015, p. 280).

Já da obra *A formação das almas*, foi utilizado o trecho que corresponde à tentativa dos republicanos de transformar a figura de Tiradentes em herói. No fragmento retirado da obra de Carvalho, são mencionadas as ações do início da celebração do feriado do dia 21 de abril e da construção de uma estátua do inconfidente em frente ao prédio da Câmara, no Rio de Janeiro, como uma entre as formas de apropriação da memória de Tiradentes pela

República. Logo abaixo do texto, está uma fotografia do Palácio Tiradentes no Rio de Janeiro, na qual é possível identificar a estátua que fora construída pelos republicanos no ano de 1926. Para completar, na parte inferior da página 281, está a seguinte questão: “[...] Por que após a Proclamação da República Tiradentes passou a ser considerado um herói nacional?”.

Isto posto, é possível observar que este livro didático, ao discutir os desdobramentos da Conjuração Mineira, demonstra uma preocupação em apresentar e apontar questões históricas importantes para a compreensão da figura de Tiradentes. As imagens utilizadas e narrativas estabelecem uma relação com a Conjuração, mas também indicam a relação da figura de Tiradentes com a República proclamada em 1889. Os textos historiográficos utilizados como referência aparecem claramente diferenciados em meio à narrativa do livro didático. É possível notar que os debates produzidos pela historiografia sobre Tiradentes encontram-se refletidos no texto desse livro didático de história.

Outro livro que abre precedentes para refletir sobre o processo de apropriação e construção da figura de herói de Tiradentes é o volume do 8º ano, da coleção *Jornads.hist*, das autoras Maria Luísa Vaz e Silvia Panazzo. Neste livro, Tiradentes é retratado na *Unidade 4: Crise do Sistema Colonial*. Na página 141, na seção que trata do descontentamento dos setores sociais contra a exploração colonial, está a primeira referência ao “herói” brasileiro. No centro da página, está a ilustração do quadro *A leitura da sentença de Tiradentes*, produzido no final do século XIX, pelo artista Eduardo de Sá (figura 3). A narrativa dessa página não menciona Tiradentes. No entanto, o retrato de Eduardo de Sá, na qual Tiradentes é a figura central, ocupa um espaço significativo na página do livro.

Figura 3: Obra intitulada *A leitura da sentença*



Fonte: Livro didático *Jornadas.Hist*, p. 141.

Como o próprio título da imagem já esclarece, a pintura retrata a leitura da sentença aplicada a Tiradentes. Pode-se observar, entretanto, que Tiradentes encontra-se acorrentado e de mão no peito na presença de outros presos, de religiosos e agentes do Estado português. No momento ele não parece estar ouvindo a sentença, pois é ele quem fala, atraindo a atenção dos demais. Na área superior, no canto direito da imagem também dá para identificar algumas velas e o crucifixo com Jesus Cristo (Aires, 2009). A representação de elementos que simbolizam a religiosidade e a figura de Tiradentes com cabelos e barbas longas se cruza na pintura de Eduardo de Sá, ilustrada no livro didático.

Tiradentes é apresentado na narrativa deste livro, na seção que trata da Conjuração Mineira. Na página 144, no tópico que discute a punição dos conjurados, Tiradentes é mencionado como o único – entre todos os indivíduos envolvidos na organização do movimento mineiro – que foi executado. As informações sobre a sua condenação está logo na sequência – ainda na mesma página – no tópico *A condenação do alferes*. A narrativa deste tópico aborda a origem humilde de Tiradentes, seus ofícios - dentista, minerador, tropeiro, boticário e alferes – e a sua condenação na devassa, isto é, no processo judicial que foi movido contra os inconfidentes de Vila Rica.

Em resumo, o texto informa que durante o processo Tiradentes assumiu toda a responsabilidade pela organização da rebelião contra a Coroa portuguesa, o que acabou levando a sua execução e esquartejamento no dia 21 de abril de 1792. Como resultado, sua execução foi utilizada pela Coroa para inibir outras manifestações pela emancipação da Colônia. No último parágrafo desse tópico consta o informe de que

[...] a figura de Tiradentes como ‘mártir da Independência’ começou a ser difundida após a Proclamação da República (1889), quando se pretendia valorizar heróis nacionais para romper com o passado monarquista e com a Família Real de origem portuguesa (VAZ; PANAZZO, 2012, p. 144).

Ao lado da discussão da condenação de Tiradentes está a imagem do mesmo, retratado como alferes por José Watsh Rodrigues (ver imagem, figura 1, p. 59). Em seguida, o livro traz uma atividade sobre Tiradentes. A atividade que tem o título *Documento* ocupa todo o espaço da página 145. Nela é proposta a análise da imagem *Jornada dos mártires*, produzida em 1928 por Antônio Parreiras (figura 4, p. 63). Abaixo da imagem está um texto que se constitui por trechos retirados do escrito de Antônio Gasparetto Júnior (2009) *A jornada de Parreiras: da pintura de paisagem aos mártires*.

Figura 4: obra Jornada dos mártires



Fonte: Livro didático Jornadas.Hist, pág. 145.

A figura representa a transferência dos rebeldes da Conjuração para o Rio de Janeiro, capital da colônia naquela época. No quadro de Parreiras, o ponto central se constitui de um vazio. O texto, por sua vez confirma essa representação e ainda esclarece que a produção do quadro foi resultado de uma encomenda realizada em 1928, pelo prefeito de Juiz de Fora, para a decoração da Prefeitura Municipal. Sendo assim, por se tratar de uma pintura para uma autoridade local,

[...] o que se vê na obra não são os inconfidentes como heróis ou homens valentes e vencedores. Parreiras representa o fim de um movimento sem sucesso, cujos revoltosos pagaram com a liberdade, e em alguns casos com vida, o sonho de se tornarem independentes da metrópole [...]. Por representar os protagonistas como derrotados em seus ideais de liberdade, Antônio Parreiras busca ressaltar a firmeza, coragem e a convicção dos inconfidentes. Embora não represente os inconfidentes como heróis, como seria de se esperar, o pintor pretende transmitir uma lição de patriotismo e civismo (GASPARETTO JÚNIOR apud VAZ; PANAZZO, 2012, p. 145).

No lado direito do texto, na margem da página, se encontram duas atividades correlacionadas com a imagem e a narrativa. A primeira atividade questiona o significado da palavra “mártir”. A segunda atividade solicita o estabelecimento de uma relação entre o título da imagem e a visão do autor Antônio Parreiras sobre a situação histórica que ela representa.

Em um contexto geral, o livro didático de História da coleção Jornada.Hist destina pouco espaço para tratar de Tiradentes em sua narrativa. No entanto, ele aponta para a difusão da imagem de Tiradentes como um mártir da independência e/ou um herói após a proclamação da República. As imagens de Tiradentes nos quadros de Eduardo de Sá e de José Wasth Rodrigues ocupam certo destaque em meios às narrativas, o que, de uma forma ou de outra, termina chamando a atenção para a figura de Tiradentes. Em se tratando da imagem de Antônio Parreiras e das atividades da página 145, apesar do nome e da figura de Tiradentes não aparecerem, esta é uma página interessante de se observar. O contexto dela é de extrema

importância para refletir sobre em quais circunstâncias os inconfidentes, entre eles, Tiradentes, foram levados para o Rio de Janeiro. Os fragmentos do texto de Gasparetto Júnior complementam a imagem de Parreiras e transmite, mesmo que nas entrelinhas, uma percepção do espírito de civismo e patriotismo presente nesses mártires. Espírito esse que, apesar de não ter sido mencionado no livro, foi utilizado pela República em seus discursos, para dar materialidade à transformação republicana da figura de Tiradentes em herói.

O volume do livro didático de história destinado às séries do 8º ano, da *Coleção Integralis*, da Editora IBEP - de autoria de Pedro Santiago; Célia Cerqueira e Maria Aparecida Pontes -, apresenta indícios sobre a relação da figura de herói de Tiradentes com a República.

Neste livro, Tiradentes está presente na narrativa, nas imagens e nas atividades. Tiradentes é apresentado neste volume na *Unidade 3: a construção da democracia*, na página 175, no tópico que aborda a Conjuração Mineira. Na narrativa, o primeiro fato comentado é de que um dos objetivos da Inconfidência era proclamar uma república com sede do governo estabelecido em São João Del Rei. A narrativa segue com informação dos desdobramentos do movimento que ocorreu no final do século XVIII. Tiradentes, em meio a esse contexto, é citado como um dos divulgadores das ideias do grupo. O texto também menciona que entre todos os que foram julgados como culpados, Tiradentes foi o que recebeu a maior pena, visto que foi condenado à morte na forca, seguido de esquartejamento.

Na sequência, a página 176 é inteira dedicada a Tiradentes. O tópico *Analisando a imagem* com o tema *Criando Mártires* é uma atividade composta por texto, imagens e questões com referência a Tiradentes. O pequeno texto explica que:

[...] muitas pesquisas de opinião mostram que Tiradentes é um dos heróis nacionais mais conhecidos. Sua figura é associada com frequência, à ideia de um homem que morreu lutando pela pátria e pela autonomia de seu país. No entanto, Tiradentes só se tornou herói nacional após a Proclamação da República, em 1889, quando grupos de apoio ao novo regime passaram a enaltecer a figura de alguém que, cerca de um século antes, havia defendido os ideais republicanos (SANTIAGO et al., 2015, p. 176)

O texto aponta para equívocos na compreensão da figura de Tiradentes, assim como também, menciona que com a sua transformação em herói, diversas representações e retratos foram produzidos e utilizados para promover a sua figura. No centro da página, logo abaixo do escrito estão duas imagens lado a lado que representam Tiradentes. A primeira imagem foi produzida em 1941, por Rafael Falco e retrata *Tiradentes ante o carrasco* (figura 5). A

segunda imagem de autoria de Pedro Américo foi feita em 1893 e apresenta *Tiradentes esquartejado* (figura 6).

Figura 5: Tiradentes ante o carrasco



Fonte: Livro didático Coleção Integralis, p. 176.

Figura 6: Tiradentes esquartejado



Fonte: Livro didático Coleção Integralis, p. 176.

Na primeira imagem Tiradentes aparece na sala do oratório, com cabelos e barbas longas, de peito nu, estendendo a mão para receber do capitânia uma vestimenta branca que usará antes de morrer. Os demais personagens religiosos e funcionários da coroa parecem cumprir seu papel com discrição. Próximo à porta, os soldados aguardam a saída do condenado. Em uma análise detalhada da pintura, Maria Alice Milliet (2001) informa que nessa imagem o pintor procurou ser fiel ao fato histórico, não exaltou nem rebaixou o “herói brasileiro”.

Na pintura de Pedro Américo é possível observar os traços da crueldade contra o corpo de Tiradentes. O corpo esquartejado está estendido sobre o local em que Tiradentes fora enforcado. A cabeça de Tiradentes com sinais de sangue repousa na parte mais alta ao lado de um crucifixo. Sua face apresenta uma grande semelhança com a face de Jesus Cristo. Logo abaixo, a maneira como os pedaços do corpo de Tiradentes foram colocados lembra o formato do mapa do Brasil.

No final da página do livro didático, logo abaixo das imagens se encontram duas questões. Na primeira questão é solicitado que se observe as imagens de Rafael Falco e Pedro Américo, para assim descrever a fisionomia de Tiradentes, levando em consideração a cor de sua pele, a associação com Cristo e a sensação que as imagens transmitem. Na segunda questão, está um convite para se escrever uma redação com o título: “o corpo esquartejado de Tiradentes serviu para unir os brasileiros em torno da República”.

No início do tópico que aborda a Conjuração Mineira, o texto do livro da Coleção Integralis demonstrou uma preocupação em deixar claro que a intenção do movimento era também de proclamar uma república na colônia. Na sequência, a narrativa, as imagens e as questões vão se desenhando no sentido de expressar a apropriação pela República, não só da figura de Tiradentes, assim como dos ideais que permearam o movimento mineiro, justificando desse modo a utilização da história e memória de Tiradentes pelos republicanos.

O livro didático de História do volume do 8º ano, da coleção *Projeto Mosaico: História* da Editora Scipione, elaborado pelos autores Claudio Vicentino e José B. Vicentino, apresenta a relação de Tiradentes com a República em uma nota explicativa na página 71, no *Módulo 2: Tempo de revoluções e rebeliões do Capítulo 4: As rebeliões na América Ibérica*. A nota traz no título o questionamento: *herói ou “inconfidente”?*, seguido da seguinte informação:

[...] o primeiro livro de História a narrar os acontecimentos da Conjuração Mineira foi História do Brasil, do inglês Robert Southey, publicado em Londres [1819-1819]. Na época, o episódio era conhecido como ‘Inconfidência Mineira’, pois seus participantes eram considerados traidores da Coroa (Inconfidente quer dizer infiel, alguém que não se pode confiar). Além da obra de Southey, poucos livros de História deram importância ao assunto. Somente no final do século XIX, com a proclamação da República, cresceu a valorização do movimento. Foi nessa época que Tiradentes tornou-se símbolo republicano, passando de “inconfidente” a “herói”. Ele ficou marcado como um líder de origem pobre. Porém, muitos historiadores colocam em dúvida que Tiradentes pertencesse ao setor popular, pois os estudos recentes demonstraram que ele possuía datás e escravos (VICENTINO; VICENTINO, 2015, p. 71).

Essa nota está presente na discussão do tópico da Conjuração Mineira. A narrativa deste tópico apresenta os desdobramentos da Inconfidência, desde o início da organização até a execução de Tiradentes no dia 21 de abril. Ao lado da nota, está o retrato de uma estátua que representa o busto de Tiradentes na cidade que leva o seu nome em Minas Gerais. Na sequência, nas páginas 72 e 73, a atividade lendo a imagem é apresentada acompanhada de duas imagens de Tiradentes. As imagens ocupam quase todo o espaço da página. Na página 72, Tiradentes é retratado como alferes por José Washt Rodrigues (ver imagem, figura 1, p. 57). A imagem contém várias notas identificando as características dele, bem como os aspectos físicos, vestimentas, postura, entre outros detalhes que o identificam como um militar.

Na página 73, está a imagem *Martírio de Tiradentes*¹⁶, produzida em 1893, por Aurélio Figueiredo e Melo (figura 7). No patamar da forca está Tiradentes de cabelos e barbas longas, túnica branca, olhar voltado para o céu, já com a corda no pescoço se prepara para a morte. Do lado esquerdo de Tiradentes, o frade ajoelhado com o crucifixo em uma das mãos, parece bradar aos céus. No lado oposto, o carrasco cobre os olhos, contrito. No céu sobrevoa algumas gaivotas. A imagem, como se pode observar, é bem diferente da figura produzida por José Washt Rodrigues.

Figura 7: O martírio de Tiradentes



Fonte: Livro didático coleção Projeto Mosaico, p. 73.

¹⁶ Essa imagem também aparece no sumário do livro didático referente ao módulo 2.

Por conseguinte, o livro apresenta logo abaixo do quadro de Aurélio cinco questões. As duas primeiras solicita que se analise e descreva a maneira como Tiradentes é representado na obra de Aurélio e os personagens que o acompanham na pintura. A terceira pergunta, também referente à obra de Aurélio, questiona com qual outra figura histórica Tiradentes se parece. Na questão seguinte, é solicitado que se diferencie o modo como Tiradentes é retratado em cada uma das imagens, e por último pede-se para diferenciar o objetivo de cada obra em representar Tiradentes.

Apesar de Tiradentes ser mencionado apenas nas entrelinhas da narrativa deste livro didático é possível perceber e refletir sobre a sua transformação em herói, tendo como base a nota informativa sobre ele situada em meio ao contexto do movimento da Conjuração Mineira. Uma vez que a nota traz vários elementos interessantes de serem observados e trabalhados. Ela aponta para o significado e uso do conceito “inconfidência” e informa que com a proclamação da República a figura de Tiradentes de inconfidente foi transformada em herói, na qual tornou-se um símbolo republicano. Além dessa nota, as imagens apresentadas no livro também revelam aspectos importantes, visto que elas permitem refletir sobre as diferentes apropriações e representações da figura de Tiradentes.

O livro didático de História do 8º ano, da coleção *Historiar* da Editora Saraiva – escrito pelos autores Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues -, não apresenta atividades nem imagens sobre Tiradentes. Algo, no entanto, que chamou a atenção foi o fato do livro lançar na página 108 na apresentação do *Capítulo 8: Independência do Brasil* o seguinte questionamento: “Os dias 21 de abril e 7 de setembro são feriados no Brasil. Você sabe por quê?”. Em seguida vem à resposta a esse questionamento:

Estas datas relembram a luta contra o domínio colonial português. O feriado de 21 de abril homenageia Tiradentes, membro da Conjuração Mineira. Nesse dia, em 1792, ele foi executado por ordem da rainha de Portugal. Já o feriado de 7 de setembro celebra a independência do Brasil, proclamada em 1822. A criação de datas comemorativas também tem história. Vamos estudar essa história (COTRIM; RODRIGUES, 2015, p. 108).

Na sequência, por meio de uma nota no canto direito inferior da página, o material convida alunos e professores a refletir como ocorre a comemoração dessas datas no local onde eles vivem. Tiradentes e o feriado do dia 21 de abril são mencionados novamente na página 112 e 113, no tópico *Conjuração Mineira* e no subtópico *Representações da Inconfidência Mineira*. O tópico discute primeiramente os desdobramentos do movimento desde o início da organização até a condenação de Tiradentes. Já o subtópico narra a existência de diversas

interpretações sobre o movimento, aponta para os significados dos conceitos “inconfidência” e “conjuração” e esclarece que:

[...] durante o Império, o movimento mineiro não era bem visto pelos governantes que eram descendentes dos monarcas portugueses. Afinal eles haviam reprimido a Inconfidência e punido seus líderes. Já durante a República, os governantes do Brasil mudaram a imagem da Inconfidência Mineira. O movimento passou a ser visto como o primeiro a lutar pela independência do Brasil, e Tiradentes foi transformado em herói do país. Com a República, o dia 21 de abril, data em que Tiradentes foi executado, passou a ser feriado nacional (COTRIM; RODRIGUES, 2015, p. 113).

Deste modo, nesse livro didático se pode observar que os autores abordam a comemoração do dia 21 de abril juntamente com a comemoração do 7 de setembro e tentam demonstrar que essas comemorações estão de alguma forma interligadas, em virtude dos eventos que deram origem a elas. As duas comemorações aparecem como parte do processo que desencadeou a independência do Brasil, visto que a ideia de independência já estava presente, de acordo com a narrativa no episódio Mineiro. Tiradentes e o movimento foram vistos durante um tempo como algo negativo. No entanto, após a Proclamação da República tanto Tiradentes como a Conjuração passaram por um processo de revalorização no Brasil.

A Conjuração Mineira e Tiradentes foram desencaxados do seu vínculo local com Minas Gerais, para serem retratados não apenas como um evento e um símbolo de caráter local, mas nacional. Sendo assim, independente do espaço que esse material destinou para tratar de Tiradentes, o livro possibilita que professores e alunos reflitam - não só a partir do livro didático, mas também de outros materiais de apoio -, que a transformação de Tiradentes em herói e a comemoração do dia 21 de abril são resultados de uma construção republicana.

O livro didático de história do 8º ano, da coleção Projeto *Araribá* da Editora Moderna - de autoria de José M. I. Madi Filho, Pamela S. Goya, Letícia O. Raymundo, Edmar R. Franco, Cristiane A. C. dos Santos, Cynthia L. Yosimoto, Maria L. V. Aguilari e Rafaela Lunardi -, apresenta indícios da construção republicana da figura de Tiradentes enquanto um símbolo de identidade nacional na *Unidade 6: a Independência do Brasil e o Primeiro Reinado*, no tópico que narra os desdobramentos da Conjuração Mineira.

No canto superior esquerdo da página 140 do livro do professor, se encontra um lembrete com os dizeres: “Tiradentes a construção de um símbolo nacional”. A orientação para a discussão da construção do herói está no material digital. Esse material é reservado apenas ao professor, desse modo o aluno só terá acesso a essa discussão se o professor trabalhar essa abordagem em sala de aula, pois no livro destinado aos estudantes nada consta.

Já na narrativa que trata da Conjuração, o nome de Tiradentes aparece em meio ao nome dos outros organizadores do movimento. A pintura *Tiradentes* painel de Candido Portinari, produzido entre 1948-1949, se divide ocupando todo o traçado horizontal inferior das páginas 140-141 (figura 8). Ao lado da imagem tem uma legenda explicando que ela pode ser lida como uma narrativa da Conjuração Mineira.

Figura 8: Tiradentes painel de Candido Portinari



Fonte: Livro didático da coleção Projeto Araribá, p. 140-141.

O painel *Tiradentes* é uma pintura composta por três telas justaposta que no total representam cinco cenas. No livro didático, porém, são exibidas apenas duas telas que apresentam as três primeiras cenas, sendo elas: (cena 1) alferes acorrentados, crianças negras e mulheres nas correntes; (cena 2) a leitura da sentença de Tiradentes; (cena 3) a execução de Tiradentes.

O livro didático dessa coleção, em sua totalidade, não dá uma significativa abrangência à figura de Tiradentes. Entretanto, ele oferece um suporte para que a questão da construção heroica de Tiradentes pelo regime republicano seja trabalhada em um material que está vinculado ao livro pelo professor. Ademais, como esse material digital não foi disponibilizado para análise, não dá para desenvolver nenhuma reflexão acerca do seu conteúdo.

O livro didático de História destinado aos alunos do 8º ano, da coleção *Projeto Telaris* da Editora Ática de autoria de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi, aborda a construção da figura de herói de Tiradentes pela República na atividade da página 97, no *Capítulo 4: Iluminismo e revoltas na colônia portuguesa*. A atividade está associada à discussão das páginas 92 e 93 do tópico *Inconfidência Mineira*. O tópico por sua vez, trata apenas do episódio mineiro e apresenta Tiradentes e os detalhes de sua condenação e execução.

A relação de Tiradentes aparece como mencionado nas atividades *Diálogos* e *Interpretando Documentos* da página 97. A atividade da seção diálogos expõe a informação de que quase cem anos após a morte, Tiradentes foi escolhido como herói da Inconfidência Mineira, e que essa escolha foi feita pelo grupo que proclamou a República, em razão do herói ter feito oposição à monarquia. Dessa forma, Tiradentes se tornou um mito da luta contra o regime monárquico. Em resumo a proposta da atividade é motivar uma conversa entre os usuários do livro referente aos motivos que fizeram de Tiradentes um herói, assim como o de produzir uma reflexão sobre a existência de heróis nos dias atuais e a influência dos meios de comunicação no surgimento de um mito na atualidade.

Já a seção seguinte *Interpretando documentos* apresenta uma sequência de três perguntas que devem ser respondidas de acordo com a interpretação do retrato de Tiradentes produzido por Décio Villares (ver imagem, figura 2, p. 59) e a pintura de Tiradentes esquartejado feita por Pedro Américo (ver imagem, figura 6, p. 65). As questões giram entorno da ideia da transformação de Tiradentes em um símbolo de heroísmo.

Cabe destacar, todavia, que a primeira referência neste livro a Tiradentes e ao feriado do dia 21 de abril, foi feita anteriormente na página 90, na apresentação do capítulo 4. A narrativa não cita a heroicização de Tiradentes, porém chama a atenção para sua figura e para o feriado do dia 21 de abril. A celebração do dia 21 de abril é citada como uma festividade que faz parte das comemorações nacionais, e também como uma forma de homenagem a Tiradentes.

Abaixo do texto está a imagem *Leitura da sentença dos inconfidentes*, produzida por Eduardo de Sá (ver imagem, figura 3, p. 61). A essa imagem é atribuído um grande destaque no livro. Ela ocupa a metade da página da introdução ao capítulo 4. A figura chama a atenção para o personagem Tiradentes e estabelece relação com o texto introdutório do capítulo, já que o texto trata de algumas datas que são consideradas feriados, entre elas o dia 21 de abril. Nesse texto, Tiradentes, assim como o feriado dedicado a sua homenagem, aparecem relacionados com a Inconfidência Mineira.

Outro livro didático que traz uma abordagem da transformação de Tiradentes em herói nas atividades é o volume do 8º ano, da coleção *Projeto Apoema: História*, da Editora do Brasil, escrito por Renato Mocellin e Rosiane de Camargo. A atividade que promove uma reflexão sobre a transformação de Tiradentes em um símbolo de heroísmo está presente no *Capítulo 9: Conjurações Mineira e Baiana*, na seção *Agora é com você*, na página 142.

A atividade de número 2 apresenta em seu enunciado a seguinte informação:

Tiradentes foi um dos mais entusiastas incondientes, apesar de não ter sido o principal líder da Inconfidência. Sua morte tornou-se a grande marca da Inconfidência Mineira, em 1789. Quando a república foi proclamada, em 1889, ele entrou para o quadro de heróis como mártir da independência. Essa transformação se deu quando alguns intelectuais buscavam símbolos que representassem a nação recém-criada. Era preciso descaracterizar o herói da monarquia, D. Pedro I, o proclamador da independência, e para isso precisava-se de uma figura popular. O nome de Tiradentes foi pensado porque ele morreu na defesa da causa republicana e manteve-se fiel a seus princípios durante o julgamento, tendo, inclusive, assumido a culpa sozinho. Essas características o tornavam ainda mais íntegro e popular. Para popularizar a decisão, era preciso divulgar o culto a esse herói: assim, em 1890, o dia 21 de abril foi declarado feriado nacional, lembrando a morte de Tiradentes. Vários quadros em sua homenagem foram pintados, e sua imagem chegou a ser associada à de Cristo. Um decreto de 1965 tornou-o “Patrono Cívico da nação brasileira” (MOCELLIN; CAMARGO, 2015, p. 142).

As questões “a”, “b”, “c” e “d” desse enunciado, seguem discutindo a heroificação de Tiradentes. Nelas são questionados os motivos de Tiradentes ter se tornado um mártir da independência e um herói da nação. O enunciado apresenta um resumo da produção historiográfica que discute a apropriação e revalorização do movimento mineiro e da figura de Tiradentes pelo regime republicano. As questões, por sua vez vêm ao encontro desse enunciado, completando a reflexão da transformação de Tiradentes em herói.

Este livro didático apresenta também no decorrer do capítulo, algumas imagens e outras atividades sobre Tiradentes, só que estabelecendo relação do seu envolvimento com a Conjuração Mineira. Na página 136, Tiradentes aparece como alferes – pintura produzida por José Washt Rodrigues –, a gravura está em meio à narrativa que discute a organização do episódio de Minas Gerais e o julgamento dos envolvidos (ver imagem, figura 1, p. 59). A narrativa continua na página 137 e logo abaixo na seção *Documentos em análise* se encontra um trecho extraído da leitura da sentença de Tiradentes para ser analisada.

Na página 140 e 141 está o retrato *Tiradentes: painel* de Candido Portinari (ver imagem, figura 8, p. 70). O livro apresenta a primeira das três telas que foram produzidas pelo artista¹⁷. A imagem ocupa quase todo o espaço das duas páginas e nela constam várias notas de comentários explicando os elementos presentes na figura. Na página 141, estão algumas questões que estimulam a discussão da obra e seu artista.

Outras duas imagens de Tiradentes aparecem na atividade da página 143. A atividade desta página tem como proposta a análise das imagens: *Tiradentes esquartejado* feita por

¹⁷ A figura apresenta duas cenas: (cena 1) alferes acorrentados, crianças negras e mulheres nas correntes; (cena 2) a leitura da sentença de Tiradentes.

Pedro Américo (ver imagem, figura 6, p. 65) e *Martírio de Tiradentes*, produzida por Aurélio de Figueiredo (ver imagem, figura 7, p. 67).

De um modo geral, o livro didático de história da coleção Projeto Apoeima retrata Tiradentes em várias páginas. Tiradentes está presente nas narrativas, nas imagens e, sobretudo, nas atividades do capítulo em que está vinculado. Nas discussões, Tiradentes aparece na narrativa que trata da Conjuração Mineira. Os indícios que sinalizam uma abordagem da relação da figura de Tiradentes com a República, podem ser percebidos apenas nas atividades. No entanto, mesmo que em uma menor proporção, o material oferece espaço para a discussão da transformação de Tiradentes em um símbolo nacional atrelado aos ideais republicanos.

O livro didático da coleção *História nos dias de Hoje*, da Editora Leya, destinado aos alunos de 8º ano – produzido pelos autores Flávio Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff – apresenta, de maneira quase que imperceptível, um possível indício para a reflexão da figura de Tiradentes enquanto um herói nacional fabricado pela República.

No *Capítulo 6: A idade do ouro no Brasil e as revoltas coloniais* contém uma atividade na página 118, que tem como proposta a análise da imagem *Tiradentes esquartejado*, produzida por Pedro Américo (ver imagem, figura 6, p. 65). A atividade estabelece uma estreita relação com a discussão do tópico que discorre sobre os desdobramentos da Conjuração Mineira, o envolvimento de Tiradentes com o movimento e o julgamento da Devassa. A atividade, por sua vez, é dividida em três questões. As duas primeiras solicitam uma análise dos elementos presente na imagem. A terceira questão incentiva à formulação de uma hipótese dos motivos de Tiradentes ter sido representado daquela maneira, cem anos depois de sua execução, quando a república já tinha sido proclamada.

O livro de história dessa coleção não apresenta uma narrativa, ou qualquer outro suporte que deixe claro a apropriação da figura de Tiradentes e sua transformação em herói pelo regime republicano. Somente a partir desta atividade os alunos muito provavelmente não conseguirão ter acesso a essa informação. É preciso que o professor traga essa discussão para a sala de aula, afinal, a questão permite que isso aconteça. Ou então os alunos terão que pesquisar em outros meios para compreender a figura de Tiradentes como um símbolo de “heroísmo”, ligado não apenas ao episódio mineiro, mas também ao evento da República.

Diferente dos livros didáticos de História apresentados até aqui, os volumes dos 8º anos das coleções: *História.doc*; *Estudar História das origens do homem à era digital*; *História: sociedade e cidadania*; e *Piatã História*, não apresentam em suas narrativas,

imagens, atividades e nenhum outro elemento que permite pensar a construção do herói Tiradentes e a comemoração do dia 21 de abril. Os livros retratam apenas os desdobramentos da Conjuração Mineira, a participação de Tiradentes no episódio e a sua condenação à morte. Em todos os livros destas coleções não há atividades de nenhuma espécie sobre Tiradentes, o que existe são imagens de sua figura em meio ao conteúdo que aborda o contexto da Conjuração, associando a sua morte e a sua história com o episódio mineiro.

O único livro entre os mencionados que apresenta atividades sobre Tiradentes é o da coleção *História.doc* – elaborado por Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de C. Faria e Daniela B. Calainho. Todavia, as atividades também fazem relação apenas de Tiradentes com o movimento mineiro.

No capítulo 7: *Ouro e pedras preciosas no Brasil*, na seção *Documento* da página 121, do livro desta coleção, contém um fragmento extraído da sentença de Tiradentes e no canto direito inferior da página está a imagem *Leitura da sentença de Tiradentes*, elaborada pelo artista Leopoldino Faria, no final do século XIX (figura 9). Na pintura Tiradentes aparece no centro com vestimenta branca, acorrentado a outro condenado. A sua frente estão um funcionário da Coroa Portuguesa e um religioso. Tiradentes com a mão estendida na direção do representante da Coroa parece aceitar a sua sentença.

Figura 9: Leitura da sentença de Leopoldino Faria



Fonte: Livro didático *História.doc*, p. 121

O livro didático da coleção *Estudar História: das origens do homem à era digital* – de autoria de Patrícia Ramos Braick -, traz no Capítulo 8: *O processo de Independência do Brasil*, no tópico que aborda os desdobramentos da Conjuração Mineira, uma ilustração de Tiradentes, produzida por Alberto da Veiga Guignard em 1961 (ver imagem, figura 10, p. 75). A imagem retrata Tiradentes com a corda no pescoço no alto do patíbulo, cercado por

soldados da Coroa e ao redor está a população que foi assistir a sua execução. Tiradentes, assim como a sua condenação aparece na narrativa do subtópico: o movimento da elite mineira.

Figura 10: Tiradentes, pintura de Alberto da Veiga Guignard



Fonte: Livro didático coleção Estudar História: da origem dos homens à era digital.

A coleção *História: sociedade e cidadania* assinado por Alfredo Boulos Júnior, apresenta no livro didático destinado ao 8º ano, no capítulo 9: *A emancipação política do Brasil*, as imagens: *Alferes e Tiradentes esartejado*. Tiradentes retratado com farda de alferes, por José Washt Rodrigues se encontra na margem direita da página 173, em meio à discussão do tópico *Conjuração Mineira* (ver imagem, figura 1, p. 59). Já, a pintura de Tiradentes esartejado, feita por Pedro Américo está presente na margem direita da página 175, ao lado da narrativa que trata da denúncia do episódio mineiro, prisão dos envolvidos e da sentença de Tiradentes (ver imagem, figura 6, p. 65).

No livro didático da coleção *Piatã: História* – de autoria de Vanise Maria Ribeiro e Carla Maria Junho Anastasia –, Tiradentes é citado na narrativa do Capítulo 6: *A Independência do Brasil*, no tópico *Devassa e punições* na página 101. Como o próprio título já informa, o texto trata do julgamento e condenação dos envolvidos na Conjuração. Juntamente com o texto, na margem direita da página 101, encontra-se a imagem de *Tiradentes esartejado* de Pedro Américo (ver imagem, figura 6, p. 65).

Posto isto, nesses quatro últimos livros aqui apresentados, ficou perceptível que a discussão produzida sobre a apropriação e construção da representação republicana da história e da memória de Tiradentes, não se encontra presente nos textos desses livros didáticos de história. Em nenhum momento a relação da República com a figura de Tiradentes é

mencionada. Tiradentes e as imagens que o retratam, aparecem apenas associando-o ao movimento da Inconfidência Mineira ou da Independência do Brasil.

Entre todos os livros que foram analisados nesse estudo, o único livro didático de história que abordou a construção republicana do herói Tiradentes de forma clara, e que permite que tanto alunos como professores conheçam essa construção, foi o livro *Vontade de Saber História*. Nesse livro, a interpretação historiográfica sobre a representação de Tiradentes se encontra presente nas entrelinhas do texto didático, assim como também os textos historiográficos e seus autores aparecem em meio à narrativa didática, fundamentando a relação de Tiradentes com a República proclamada em 1889.

Nos demais livros os indícios sobre a apropriação e transformação da figura de Tiradentes em um herói pela República, logo após o regime republicano ter sido instaurado, aparece de forma tímida em notas informativas e /ou em propostas de atividades. Os alunos, ou a maioria deles, certamente terão dificuldades de compreender a construção republicana da figura de Tiradentes apenas por meio das atividades e /ou notas informativas. Os textos não evidenciam e nem apresentam apontamentos sobre a relação de Tiradentes com república. Quando essa relação é mencionada, ela aparece de forma muito superficial em notas localizadas nas margens das páginas, ou em meio a enunciados das atividades.

Para os alunos terem acesso a esse conhecimento para compreender quem foi Tiradentes e os motivos de existir um feriado em sua homenagem e, até mesmo, para que possam realizar as atividades, os professores precisam desenvolver uma abordagem sobre a apropriação republicana da figura de Tiradentes, a partir de outros materiais de apoio em sala de aula.

É difícil compreender uma determinada construção histórica, como é o caso de Tiradentes, apenas por meio de notas explicativas, atividades com textos de apoio rasos em informações e algumas imagens. Nos livros didáticos que foram analisados, o conhecimento histórico que tem sido produzido sobre a representação republicana nas academias, encontra-se refletido dessa maneira nos livros didáticos que apontaram para a relação de Tiradentes com a República.

Não dá para afirmar se a omissão das discussões historiográficas que permitem pensar a apropriação e construção da figura do herói Tiradentes pela República, ou até mesmo, a inexpressiva forma como Tiradentes aparece em muitas obras, está relacionada com o perfil dos autores que elaboraram os conteúdos, com as questões comerciais, com as políticas que rondam esse material, ou se é um pouco de tudo. A maioria, ou quase todos os autores que aparecem na capa dos livros que foram analisados, possuem formação e experiência na área

de História. Uma questão, entretanto que não dá para ignorar, é que o livro didático, sua fabricação, distribuição e utilização estão envolvidos em uma profunda complexidade. É preciso considerar que o livro didático, assim como Cavalcanti (2006) já havia alertado, é composto por inúmeros autores, e que todos esses autores não trabalham sozinhos. Além disso, os conteúdos elaborados e as abordagens que são desenvolvidas, assim como a estruturação desse livro, precisam estar em concordância com a política do programa, para que os mesmos possam ser selecionados e incluídos no Guia do livro didático. Ou seja, todas essas questões influenciam na forma como os conteúdos são abordados.

De todo modo, o que mais se observou nos livros didáticos de história foi que a maioria utilizou mais que uma imagem para fazer referência à figura de Tiradentes, e que muitas dessas imagens foram usadas em atividades. As imagens chamaram atenção, visto que nos livros didáticos de história elas têm um papel relevante. Rüsen (2011, p.119) afirma que “[...] durante muito tempo elas foram usadas somente para fins ilustrativos, porém na produção mais recente de livros didáticos alcançaram uma importância crescente e uma autonomia em relação ao texto”.

Sendo assim, as imagens ao serem utilizadas nos livros didáticos, devem de acordo com Rüsen (2011, p.120),

[...] construir a fonte de uma experiência histórica genuína: devem admitir e estimular interpretações, possibilitar comparações, mas sobretudo fazer compreender aos alunos e alunas a singularidade da estranheza e o diferente do passado em comparação com a experiência do presente, e apresentar o desafio de uma compreensão interpretativa.

Ao olharmos para as imagens que apareceram nos livros didáticos, considerando os apontamentos de Rüsen (2011), é possível perceber que apesar de todas as imagens que foram exibidas nos materiais terem sido elaboradas após a República ter sido proclamada, e muitas delas terem sido produzidas por artistas republicanos, elas aparecem em sua maioria para ilustrar apenas a participação e “sacrifício” de Tiradentes no movimento da Conjuração Mineira. Nas narrativas didáticas, não se observa uma relação da imagem com o período em que ela foi produzida. A maioria das imagens, em virtude até mesmo do espaço que ocupam nas páginas dos livros, podem despertar uma fascinação estética por parte dos alunos. Todavia, a exposição dessas imagens reforçam apenas a história e memória de Tiradentes atrelada ao movimento mineiro que ocorreu no final do XVIII.

O livro didático de história, assim como a própria historiografia, é um campo aberto para múltiplas narrativas, discursos e interpretações. Em um contexto geral, alguns dos livros

didáticos que foram investigados demonstram uma preocupação em proporcionar uma reflexão, não só sobre a vinculação de Tiradentes com a Conjuração Mineira – temática em que Tiradentes tem sido retratado –, mas também a sua relação com o regime republicano.

Isso é importante, mas talvez e muito provavelmente não seja o suficiente para produzir uma compreensão da construção da memória republicana de Tiradentes. Pois como mencionamos, são apenas alguns livros que trazem informações sobre a discussão da apropriação e construção da memória de Tiradentes. Não sabemos por quantos alunos e em quantas escolas esses livros didáticos estão sendo utilizados. É numerosa a quantidade de estudantes e professores que têm acesso aos livros, não só das coleções que trabalham com essa abordagem de Tiradentes, como os que não a apresentam.

Portanto, o que se conclui, a partir dos livros que foram analisados nesse capítulo, é que somente a partir do que foi encontrado nos livros didáticos, que retrataram a figura de Tiradentes, dificilmente os alunos irão compreender a apropriação da figura de Tiradentes pela República, a sua transformação em herói republicano e nacional, assim como os possíveis motivos de existir um feriado em sua homenagem.

CAPÍTULO 3

A (RE)PRODUÇÃO DA MEMÓRIA DE TIRADENTES NA MÍDIA DIGITAL

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na investigação realizada nos sites de notícias sobre a produção/reprodução da memória de Tiradentes nas narrativas que circularam na web, no dia do feriado de 21 de abril, entre o período de 2014 a 2018. Nele, portanto, discutiremos: (3.1) aspectos sobre o advento das mídias digitais e o seu reflexo na ampliação da produção/reprodução e divulgação do conhecimento histórico para o “grande público”; (3.2) a representação do herói Tiradentes nas narrativas produzidas nos portais de notícias por diferentes perfis de profissionais.

3.1 Mídias digitais: espaço aberto para a construção de histórias e memórias

Os múltiplos entrecruzamentos entre mídia e sociedade têm produzido transformações importantes. No que diz respeito à produção e divulgação do conhecimento histórico, os meios de comunicação, sobretudo no que se refere às mídias digitais, têm assumido um papel extremamente relevante nos últimos anos. Até a década de 1990 – antes da difusão da internet –, a história produzida nas academias por profissionais da área ficava restrita a um determinado público e a questão da relação entre historiador/história e historiografia/público ocorria massivamente pela produção de livros impressos. Hoje, com a “cultura digital” promovida pelo advento das mídias digitais e pela difusão da internet, é possível perceber uma significativa transformação no cenário da produção e divulgação do conhecimento histórico, explica Jurandir Malerba (2017, p. 3).

Na atualidade, a mídia digital se configura em grande medida como um lugar público de produção e reprodução do conhecimento histórico. Nas narrativas que são produzidas no meio digital, nas mais diversas plataformas, podemos observar conteúdos que fazem parte da construção da história e da memória nacional, assim como, de outros contextos históricos, sendo abordados não só por historiadores de ofício, mas por uma variedade de outros atores externos à academia.

Malerba (2017, p. 9-10), nesse sentido, destaca que atualmente com a ampliação dos meios digitais,

[...] mais e mais pessoas comuns estão usando a tecnologia online para acionar o passado (e também falar de história) [...]. Tal constatação pode ser

comprovada pela onda de trabalhos históricos que jorram no ciberespaço. Os autores desses trabalhos vão desde intelectuais até administradores de empresas e motoristas de ambulâncias, dispersos por todo o globo.

A produção e/ou reprodução e divulgação do conhecimento histórico, como se pode observar, vem se manifestando a partir de “[...] novas variedades de lugares e atores, fazendo com que os historiadores de ofício se deparem com uma produção que avança velozmente sobre temáticas e objetos, tornando a história uma mercadoria cobiçada pelos recursos midiáticos” (SILVA, 2007, p. 196).

A difusão e acesso à internet, por meio da versão da web 2.0, redimensionou a vida social e os meios de comunicação tradicionais. Esse advento, segundo Serge Noiret (2015) foi o grande marco da era digital na sociedade contemporânea. A partir dela novas formas de narração histórica se tornaram acessíveis a qualquer pessoa capaz de acessar as redes com dispositivos eletrônicos. Ao ser apresentada como uma plataforma composta por aplicativos, mídias sociais e tecnologia de informação, a web 2.0 promoveu o intenso uso das tecnologias por atores individuais e coletivos.

Com a difusão crescente da internet “[...] simples usuários sem formação específica passaram a ter acesso a mídias sofisticadas, que permitem interatividade, acesso a informação e entretenimento quase sem limites” (BERVOT; BELLONI, 2009, p. 1091). O acesso às plataformas digitais por meio de diferentes dispositivos eletrônicos ampliou os meios de comunicação e garantiu a mídia digital o importante papel de mediação entre a realidade e o público, possibilitando assim um maior nível de interação entre os mais variados públicos de diversos lugares.

O ambiente digital se apresenta na sociedade contemporânea como um terreno dinâmico. Nele, profissionais de diferentes áreas, amadores e leigos podem produzir e divulgar uma variedade de conteúdos sobre diversas temáticas e objetos. A mídia digital se configura como um espaço aberto. Nela não é necessário ser um historiador de ofício, para narrar e/ou discutir conteúdos históricos voltados a acontecimentos, símbolos, personagens históricos, entre outros elementos que constituem a identidade e nacionalidade de diferentes comunidades.

Segundo Fabiana Sgorla (2009, p. 61) “[...] os múltiplos entrecruzamentos entre mídia e sociedade têm produzido, hoje, transformações importantes no modo de presença dos atores sociais individuais e coletivos na contemporaneidade, nas práticas diárias, nas relações, na cultura e na identidade deles”. O mundo digital “[...] condicionou profundamente a presença do passado em nossas sociedades e favoreceu novas percepções do público para a passagem

do tempo na história e a presença da lembrança” (NOIRET, 2015, p. 28). O domínio digital tem permitido a conexão de novas interconexões entre o passado, nosso presente e nosso futuro.

Maria do Rosário Gregolin (2007, p. 16-17) afirma que,

[...] na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente [...]. Estamos o tempo todo, submetidos aos movimentos de interpretação/reinterpretação das mensagens midiáticas.

A vida atualmente é orientada por dispositivos eletrônicos. Estamos, segundo Sônia Maria Meneses Silva (2007), vivendo em um momento de superinformação ensejado pelos discursos midiáticos, e a internet em meio a esse processo, vem atuando como forte difusora de uma nova construção do fazer pensar historicamente. O conteúdo elaborado e que circula no espaço digital, atinge simultaneamente uma vasta audiência. De modo consequente, o conhecimento histórico que vem sendo produzido e reproduzido nas plataformas digitais por historiadores, em sua maioria não de ofício, tem viabilizado uma expansão do público consumidor de história, para além do público acadêmico.

A tecnologia digital está a cada dia mais difundida perante o público. Anita Lucchesi e Bruno Leal Pastor de Carvalho (2016) destacam a mídia digital nos dias de hoje, como uma entre as várias formas em que o público está envolvido com o passado. Nessa perspectiva, Noiret (2015, p. 45) explica que “[...] alcançar universalmente diversos indivíduos e grupos, e compartilhar experiências históricas do passado, nunca foi tão fácil e a disposição de quem quer que seja”. Logo, portanto, as narrativas concebidas integralmente em e para o ambiente digital, vêm sendo compreendida como um novo modelo para apresentar e criar narrativas digitais com conteúdo histórico para o “grande público”.

De todo modo, Silva (2007) esclarece que para alguns esse conhecimento midiático, quando produzido sem a presença de historiadores não é história, ou pelo menos não se apresenta como um conhecimento de primeira grandeza, como aquele produzido com fundamentações teóricas e metodológicas por historiadores. No entanto, por mais que esse conhecimento que vem sendo realizado por profissionais não especializados na área – do ponto de vista

científico –, não se apresente como sendo um conhecimento de primeira grandeza, ainda assim ele vem conquistado uma grande audiência entre diferentes públicos.

Posto isto, é importante considerar que a maneira como o conhecimento histórico é reproduzido nas narrativas que circulam na internet mostram, de uma forma ou de outra, a presença pública do passado no corpo social, o que contribui para pensar no modo como nos relacionamos com o passado, nossa memória e nossa história. Os conteúdos históricos presentes nas narrativas que circulam no meio digital provocam uma reflexão sobre o lugar que a história que tem sido produzida nas academias por profissionais especializados, vem ocupando nas narrações históricas que são reproduzidas no espaço digital pelos mais diversos perfis de profissionais. Outra questão, que emerge em meio a esse contexto, e que desperta uma curiosidade, é a identidade profissional dos autores das (re)produções do conhecimento histórico que estão circulando nas plataformas da web. Afinal, quem são os profissionais que estão discutindo fatos, símbolos e figuras históricas nas narrativas que são elaboradas em e para as plataformas digitais?

No primeiro capítulo, a discussão promovida em torno dos debates historiográficos produzidos sobre a construção da representação heroica de Tiradentes permitiu compreender que na busca por legitimação para se estabelecer enquanto um regime político, a República tratou de “fabricar” o seu herói. A criação de uma festa cívica, a idealização de um rosto, a nomeação de praças e avenidas de várias cidades brasileiras e a elaboração de uma história oficial que colocava em evidência a relação entre a figura de Tiradentes – revelada no final do século XVIII na Conjuração Mineira – e a República proclamada no final do século XIX, foram os meios que os republicanos encontraram para fazer de Tiradentes o herói da República. A tentativa de vincular Tiradentes com os ideais da República foi tão bem sucedida que de herói republicano, Tiradentes terminou sendo elevado ao posto de herói nacional.

Entretanto, nos questionamos se a história e a memória de Tiradentes construídas pelo regime republicano estão sendo apresentadas nas narrativas produzidas nas notícias que circulam na web, em concordância com as discussões produzidas pela historiografia, e se os profissionais que estão narrando sobre Tiradentes na Web estão levando em consideração o rigor científico da historicidade desenvolvida em torno da memória e da história de Tiradentes.

Tiradentes, por ser uma figura histórica e conseqüentemente pública, estabelece uma relação entre o presente e o passado nacional, e é tido, nesse trabalho, como um importante elemento para pensar a divulgação do conhecimento histórico no meio digital. Em meio a esse

contexto e pensando ao mesmo tempo na historicidade presente na construção republicana do herói Tiradentes, somos movidos pela inquietude de verificar nesse capítulo o conhecimento histórico produzido sobre a figura de Tiradentes no ambiente digital.

A mídia digital, assim como o livro didático, é um lugar de produção e armazenamento de memória. As narrativas produzidas nos sites de informação que circulam/circularam na internet sobre Tiradentes nos dias do feriado nacional, nos últimos anos, podem expressar sentidos e compreensões que são produzidos entre o público que tem acesso a essas informações.

Os conteúdos das notícias que tratam diretamente de Tiradentes, ou que têm as marcas da sua história como plano de fundo, revelam a presença pública do passado, da história e da memória de Tiradentes. A mídia para trabalhar com a figura de Tiradentes efetua um recorte do presente, neste caso o feriado nacional do dia 21 de abril, e sobre esse recorte uma narrativa é organizada. E na narrativa que é produzida, Marcos Alexandre (2001, p. 120) chama a atenção para o fato de que,

[...] cada palavra, por mais descritiva que pretenda ser, contém uma carga de emoção. A objetividade da linguagem jornalística ou científica apresenta-se com uma roupagem de distância, ou em termos emocionais, de imparcialidade. Os comunicadores quase sempre querem produzir aprendizagem nos receptores.

Sendo assim, com o intuito de analisar a maneira como as narrativas que circularam/circulam na internet apresentaram a história e a memória do herói Tiradentes, optamos por desenvolver uma investigação nos mais variados *sites* de informação, para, assim, averiguar o modo como os textos produzidos nos portais de notícias retrataram a figura histórica de Tiradentes no dia 21 de abril – data dedicada em sua homenagem no calendário brasileiro –, entre o período de 2014-2018.

As notícias que circularam nas plataformas de informação sobre Tiradentes, no respectivo período, são apontadas aqui como um caminho para se pensar, não só a função e os usos dessas mídias na divulgação da história como conhecimento produzido academicamente, mas também para refletir se elas permitem compreender a construção republicana do herói Tiradentes. Entender ou ter informações do trabalho realizado pela república para tornar Tiradentes um herói, possibilita uma melhor compreensão da figura de Tiradentes e da existência do feriado do dia 21 de abril.

Portanto, tendo consciência da função que a mídia digital, em específico as notícias publicadas na internet pelos veículos de informação, cumpre no tempo presente e, movidos

pelo interesse de verificar a maneira como o conhecimento produzido pela historiografia sobre Tiradentes é reproduzido nas plataformas de informação digital, trabalhamos com um documento/arquivo que fica hospedado na internet. Quanto às informações sobre os desdobramentos da investigação que foi desenvolvida sobre Tiradentes nos sites de notícias, essas serão apresentadas logo na sequência.

3.2 O feriado de 21 de abril e a representação de Tiradentes nas narrativas produzidas por portais de notícias

As investigações sobre a representação de Tiradentes, nos discursos produzidos nos sites de informação no dia do feriado de 21 de abril, entre o período de 2014-2018, resultaram no levantamento e análise de trinta e cinco reportagens. Todas elas publicadas em noticiários registrados na web.

No momento em que realizamos a investigação, buscamos por notícias que tratavam diretamente de Tiradentes ou que tinham as marcas da sua história como plano de fundo. A busca por notícias sobre o Tiradentes e a sua relação com o feriado do dia 21 de abril foi efetivada no site de buscas do Google. O termo comum de busca utilizado foi: “notícias sobre Tiradentes e o feriado do dia 21 abril”.

É válido destacar que encontrar notícias no dia do feriado nacional que abordavam a figura de Tiradentes e o feriado de 21 de abril, não foi uma tarefa simples, pois quase não havia narrativas que tratavam sobre esse personagem histórico nos portais de notícias. Quando encontrávamos alguma notícia geralmente ela estava informando os locais que estariam abertos e fechados no dia do feriado, ou então, nela constava a expectativa do intenso tráfego de carros nas rodovias brasileiras, entre outros temas similares. Todavia, mesmo em meio a esse cenário de investigação, encontramos e selecionamos trinta e cinco narrativas informativas que se encaixavam na proposta do que procurávamos.

Logo após as primeiras buscas realizadas no ano de 2014, percebemos que o número de notícias que apresentavam relatos sobre Tiradentes no dia do feriado era inexpressivo, se comparado com o grande número de plataformas de informação disponíveis na web. Sendo assim, optamos, então, por utilizar a partir de 2015 a ferramenta de notícias do Google na investigação.

A partir desta ferramenta criamos um alerta de notícias. Nesse alerta o termo de busca utilizada foi a palavra “Tiradentes”. Deste modo, durante todo o mês de abril de cada ano, todos os links dos portais de notícias em que constava o nome de Tiradentes nas informações, eram enviados para a caixa de e-mail da pesquisadora.

Durante os cinco anos de investigação, foram encontrados e selecionados para análise vinte e oito portais de notícias, sendo eles: *Gazeta do Povo*; *Central Regional de Notícias*; *RPC TV*; *Folha de São Paulo*; *Revista Veja*; *UOL*; *Sul de Minas*; *Brasil 247*; *Gazeta da Cidade*; *JCNET*; *O Tempo*; *Rodosoft Tecnologia*; *Terra*; *TV Brasil*; *Amambai Notícias*; *Diários de Goiás*; *Os Dias*; *Diários dos Campos*; *Último Segundo*; *ESAB*; *G1/Gshow*; *Jornal do Brasil*; *Diário de Pernambuco*; *Brasil de Fato*; *Isto é*; *Jornal de Beltrão*; *Guia São João*.

Alguns desses veículos de informação digital como é o caso da *Folha de São Paulo* e a *Gazeta do Povo*, produziram narrativas informativas sobre Tiradentes no dia do feriado nacional, em quase todos os anos. Os outros sites de comunicação citados produziram relatos – de acordo com a especificidade desse estudo –, apenas uma vez e/ou duas vezes no máximo, durante os cinco anos em que a investigação foi realizada. Por isso, temos trinta e cinco notícias e vinte e oito portais de informação.

Por conseguinte, cabe ressaltar que todas essas plataformas de notícias que foram citadas, por estarem fixadas na internet, podem ser acessadas por qualquer pessoa e em qualquer lugar. Para isso, basta ter acesso a um dispositivo eletrônico com internet.

Entretanto, é importante mencionar que, por se tratarem de informações digitais, alguma das notícias podem não estar mais disponíveis ao acesso, como é o caso de algumas notícias selecionadas para o estudo. Em alguns casos, os portais digitais de notícias podem excluí-las ou ocultar, como é o caso da narrativa sobre Tiradentes publicado pela *Revista Veja* digital no ano de 2014.

Todavia, tendo consciência dessa possibilidade de exclusão ou ocultação das publicações nos portais de notícias, realizamos desde o início das investigações, um trabalho de mapeamento e enquadramento de todas as narrativas que foram selecionadas, para assim não correr o risco de não conseguir mais ter acesso aos conteúdos que foram publicados e que estavam circulando nas plataformas digitais de informação.

Isto posto, ao realizar o mapeamento das reportagens selecionadas, notamos que os textos escritos por jornalistas, editoras, colunistas, pedagoga, historiadores entre outros perfis de profissionais, retrataram Tiradentes de diferentes maneiras. Nas reportagens, como poderá ser observado, Tiradentes é representado desde herói a fanfarrão. De todo modo, o que se pode perceber no contexto geral é que a maneira como Tiradentes é representado nos veículos de notícias digitais, abre caminho para múltiplas interpretações sobre a história e a memória de Tiradentes, enquanto um “herói nacional”.

Sobre as trinta e cinco narrativas selecionadas que circularam/circulam nas plataformas digitais de informação, é válido destacar que elas estão subdivididas, ou seja, elas

serão expostas e analisadas nesse estudo, de acordo com o levantamento que foi sendo realizado durante os cinco anos de pesquisa.

No ano de 2014, entre os diversos portais de notícias que foram verificados, encontramos e selecionamos sete narrativas que discutiram a representação da figura de Tiradentes e o feriado nacional, no dia 21 de abril (quadro 2).

Quadro 2 - Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2014

ARQUIVO	VEÍCULO DE INFORMAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA	AUTOR	DATA
http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1443456-novo-governo-de-minas-mantem-populacao-excluida-da-celebracao-da-inconfidencia.shtml	Folha de São Paulo	Governo de Minas mantém população fora da celebração	Paulo Peixoto	21 abr.2014
http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2014/04/parana-tv-depois-de-oito-meses-estatua-de-tiradentes-volta-praca.html	Gazeta do Povo	Estátua de Tiradentes volta ao marco zero de Curitiba	Pedro BrodBeck	21 abr.2014
http://www.crn1.com.br/noticias/32907.html	Central Regional de Notícias (CRN)	Conheça um pouco da História de Tiradentes, o Mártir da Independência do Brasil	Jussara Barros	21 abr.2014
http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2014/04/parana-tv-depois-de-oito-meses-estatua-de-tiradentes-volta-praca.html	RPC TV (filial rede Globo)	Depois de 8 meses estátua de Tiradentes volta à praça	RPC TV	21 abr.2014
http://noticias.uol.com.br/opinia/coluna/2014/04/21/heroi-tiradentes-nunca-se-colocou-a-favor-da-abolicao-da-escravidao-e-deve-ser-alvo-de-piadas.htm	UOL	Herói nunca se colocou a favor da abolição da escravidão e deve ser alvo de piada	Luiz Carlos Villalta	21 abr.2014
http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/historia/a-luta-de-tiradentes	Revista Veja	A luta de Tiradentes	Rodrigo Constatino	21 abr.2014
http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/04/advogado-contesta-versao-e-diz-que-tiradentes-morreu-careca-em-mg.html	Sul de Minas (filial rede Globo MG)	Advogado contesta versão e diz que Tiradentes morreu careca em MG	Editora	21 abr.2014

Fonte: Dados da pesquisa

A Folha de São Paulo e a RPC TV (filiada a Rede Globo) divulgaram em seus portais de notícias, informações sobre dois cerimoniais que estariam ocorrendo no dia do feriado nacional no ano de 2014. A Folha informou sobre a tradicional cerimônia realizada anualmente na praça da cidade de Ouro Preto. Já, a RPC divulgou notícias sobre a cerimônia que estava sendo realizada no dia no feriado, na Praça de Tiradentes em Curitiba, para celebrar o retorno da estátua de Tiradentes que havia sido retirada há oito meses para ser restaurada.

No portal da *Folha de São Paulo*, o colunista Paulo Peixoto relatou o fato do governo de Minas ter deixado à população e os turistas de fora da tradicional celebração da Inconfidência Mineira. A praça onde a celebração seria realizada havia sido ocupada com grades e palanques. Participariam das festividades somente as autoridades, convidados e integrantes de corais, músicos e seguranças.

Ao tratar do tradicional cerimonial em homenagem ao herói Tiradentes e aos ideais de liberdade do movimento mineiro, Peixoto teceu críticas à classe política do Estado, principalmente a figura do governador, que estava adotando a mesma atitude do ex-governador Aécio Neves, e atual candidato a cadeira presidencial do Brasil, nas eleições que iriam ocorrer em outubro de 2014.

No que diz respeito à *RPC TV*, a editoria do portal de notícias, ao dar destaque ao cerimonial que ocorreu em comemoração à volta da estátua de Tiradentes na Praça de Curitiba, se referiu a Tiradentes como o mártir mineiro e informou detalhes sobre a participação de policiais militares e civis no cerimonial. Por meio de entrevistas realizadas com algumas pessoas da cidade de Curitiba, a *RPC TV* buscou mostrar a falta que a estátua estava fazendo no local. Além disso, a editora trouxe informações sobre uma cápsula que havia sido colocada dentro da estátua, e que havia sido descoberta apenas no momento em que ocorreu a sua retirada para ser restaurada.

Já a *Gazeta do Povo* apresentou em seu site informações semelhante a da *RPC TV*, visto que a Gazeta deu destaque em sua página a informações detalhadas sobre a reposição da estátua de Tiradentes na Praça de Curitiba. Pedro Brodbeck, jornalista e autor da reportagem, apresentou um breve histórico da estátua, sua construção e trouxe alguns esclarecimentos sobre o processo de restauração e retorno ao marco da praça curitibana.

Como se pode observar, as narrativas desses sites de notícias em nenhum momento apresentam elementos sobre a construção republicana da figura de Tiradentes e a sua relação com o feriado do dia 21 de abril. Tiradentes aparece apenas no “plano de fundo” das narrativas

No veículo de informação digital da *Central Regional de Notícias* (CRN), encontramos uma narrativa produzida por Jussara Barros. A autora, graduada em Pedagogia, apresentou em seu relato no portal de notícias, uma breve descrição de caráter biográfico, no que diz respeito a Tiradentes, dando a conhecer que o apelido “Tiradentes” adveio da profissão de dentista. No entanto, a autora afirma que o ofício que promoveu a sua figura ao posto de herói nacional foi a de soldado.

O que nos chama a atenção é que Barros retrata Tiradentes na manchete da reportagem como um mártir da Independência, entretanto, no corpo no texto, ela explica o sacrifício de Tiradentes na Inconfidência Mineira e, em nenhum momento ela deixa clara a relação do mártir com a Independência do Brasil. A autora também não apresenta a relação de Tiradentes com a República proclamada em 1889, visto que foi a partir daí que a imagem de Tiradentes foi promovida a herói.

No site da *Revista Veja*, o colunista Rodrigo Constantino deu grande destaque à figura de Tiradentes. Nas primeiras linhas Constantino faz uma breve apresentação de Tiradentes, o qual considera um mártir. A Inconfidência Mineira é abordada pelo colunista como um movimento que não lutou apenas por mudanças naquele momento histórico. Conseqüentemente, Constantino objetiva mostrar que a luta de Tiradentes não foi apenas para mudar a realidade que a sociedade mineira e brasileira vivia. A luta de Tiradentes tinha um significado maior para o colunista, pois estava calcada na construção de um futuro próspero.

No portal de notícias *Sul de Minas* (filial Rede Globo), a editora relata no dia do feriado nacional, o caso do advogado Mario Cadonazo da cidade de Varginha – MG. De acordo com a notícia, o advogado escreveu um livro, no qual questiona as divergências históricas existentes em torno da imagem do “herói” Tiradentes. Cadonazo questiona a história de Tiradentes contada pelos livros didáticos e defende que o “mártir” não morreu barbudo e cabeludo como contam as publicações de história. Para o advogado, isso era praticamente impossível para um condenado no contexto da época.

Na seqüência, a editora afirma que o objetivo do livro de Cadonazo é fazer com que a verdadeira história seja conhecida, mostrando que ela é uma versão muito diferente das apresentadas nos livros didáticos. Uma vez que, para o profissional, a imagem de Tiradentes foi criada como uma jogada de Marketing da Coroa Portuguesa, na tentativa de eleger um herói nacional.

Vejamos que a afirmação do advogado Cadonazo, de que a imagem de Tiradentes foi criada pela Coroa Portuguesa na tentativa de produzir um herói nacional, diverge das discussões apresentadas pela historiografia no primeiro capítulo. A produção historiográfica

mostrou que a construção de Tiradentes enquanto um herói republicano e conseqüentemente nacional está estreitamente relacionado com a República proclamada em 1889 e não com a Coroa Portuguesa. A Coroa já tinha em D. Pedro I a sua figura representativa. O processo de heroificação de Tiradentes ocorreu aproximadamente cem anos após a sua morte – quando o Brasil já era uma República - e as imagens que surgiram de Tiradentes, e que de uma forma ou de outra, estão presentes nos livros didáticos, foram em sua maioria idealizada por artistas republicanos, após a queda do regime monárquico.

No site da *UOL*, a narrativa publicada e escrita pelo historiador Luiz Carlos Villalta chama a atenção, visto que Villalta trata Tiradentes como um personagem e coloca em dúvida a sua figura de herói. Segundo o historiador, Tiradentes é um daqueles heróis que colocaram na memória popular, ou seja, ele é resultado de uma construção social. Villalta também destaca que a importância de Minas não é suficiente para justificar a entronização de Tiradentes como um herói nacional. Ademais, o historiador ironiza Tiradentes apontando a sua fama de fanfarrão e explica que ele nunca se colocou a favor da abolição da escravidão no Brasil.

Diante do que foi exposto nas narrativas produzidas pelos veículos de informação digital no dia 21 de abril, do ano de 2014, se observa uma ausência de informações e de consenso no que diz respeito à figura de Tiradentes e dos motivos que incentivaram a comemoração do feriado nacional de 21 de abril. Não se notou nas notícias publicadas uma preocupação expressiva por parte de quem as produziu com a manutenção da memória da figura de Tiradentes, enquanto um símbolo de identidade nacional e nem mesmo com a sua construção heroica.

As informações são um tanto desencontradas e se distanciam dos debates historiográficos produzidos sobre Tiradentes. Nos portais de notícias a relação de Tiradentes com a República não é abordada. O reconhecimento da figura de Tiradentes é associado ao movimento da Inconfidência e de forma superficial com a Independência. O historiador Luiz Carlos Villalta é o único que aponta a figura de herói de Tiradentes como resultado de uma construção política e social, deixando assim lacunas para pensar o processo de construção em que está envolvido o personagem histórico. Observa-se, portanto, que somente a partir das narrativas que foram publicadas nos portais de notícias é difícil compreender a figura de Tiradentes e a função social da celebração do dia 21 de abril na sociedade brasileira.

Diferente do que ocorreu nas reportagens de 2014, no ano de 2015 algumas questões chamaram a atenção, no que diz respeito às narrativas produzidas pelos portais de notícias. A sociedade brasileira, no início de 2015, estava em meio a um contexto político um tanto

delicado. Os resultados das urnas nas eleições de outubro de 2014 desagradavam uma parcela significativa do corpo social. Algumas ondas de manifestação ocorriam pelo país contra a presidente da república que havia sido eleita democraticamente. Por conseguinte, os contornos desse cenário político estiveram refletidos, de uma forma ou de outra, em algumas das notícias que circularam sobre Tiradentes.

No levantamento realizado em veículos de informação digitais, foram selecionadas dez narrativas (quadro 3). Desse total, quatro relacionaram a figura de Tiradentes com o contexto político brasileiro dos meses iniciais do ano de 2015.

Quadro 3 – Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2015

ARQUIVO	VEÍCULO DE INFORMAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA	AUTOR	DATA
https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/177907/Elite-brasileira-atual-enforcaria-Tiradentes.htm	Brasil 247 (Site independente)	Elite Brasileira atual enforcaria Tiradentes?	Editora	21 abr. 2015
http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/04/1619416-charge-de-laerte-e-criticada-e-elogiada-por-leitores.shtml	Folha de São Paulo	Charge de Laerte é criticada e elogiada por leitores	Editora	22 abr. 2015
http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/04/1619935-charge-de-laerte-do-dia-de-tiradentes-gera-debate-entre-os-leitores.shtml	Folha de São Paulo	Charge de Laerte do Dia de Tiradentes gera debate entre os leitores	Editora	23 abr. 2015
http://www.gazetadacidade.com/brasil/morte-de-tiradentes-completa-223-anos-nesta-terca-feira-21/	Gazeta da cidade (MG)	Morte de Tiradentes completa 223 anos nesta terça-feira	Editora	21 abr. 2015
http://www.jcnet.com.br/Geral/2015/04/com-tiradentes-insatisfeito-e-libertador-classe-media-ja-reagia.html	JCNET (Bauru)	Com Tiradentes insatisfeito e libertador, classe média já reagia	Cintia Milanez	21 abr. 2015
http://www.otempo.com.br/sob-protestos-mg-entrega-medalhas-em-ouro-preto-1.1027249	O Tempo (Belo Horizonte)	Sob Protestos MG entrega medalhas em Ouro Preto	Editora	21 abr. 2015
http://www.rodosoft.com.br/outr os/dia-21-de-abril-dia-de-de-tiradentes-voce-sabe-porque/	Rodosoft tecnologia (site independente)	Dia 21 de abril, dia de Tiradentes. Você sabe quem foi Tiradentes?	Danielle Cosme	21 abr. 2015

http://saude.terra.com.br/saude-bucal/atualidades/dentista-das-antigas-tiradentes-implantava-dentes-com-arame,ff2b962d956ff39284dba826123ec1f0i10sRCRD.html	Terra	Dentista das antigas: Tiradentes implantava dentes com arame	Editora	21 abr. 2015
http://tvbrasil.etc.com.br/espaco-publico/episodio/historiadora-heloisa-starling-analisa-os-desafios-do-brasil-republicano	TV Brasil / Espaço Público	Historiadora Heloisa Starling analisa os desafios do Brasil Republicano	Espaço Público	21 abr. 2015
http://www.amambainoticias.com.br/geral/21-de-abril-dia-de-tiradentes	Amambai Notícias (MT do Sul)	21 de Abril dia de Tiradentes	Editora	21 abr. 2015

Fonte: Dados da pesquisa

No dia 21 de abril do ano de 2015 a *Folha de São Paulo* em sua versão impressa, divulgou uma charge do cartunista Laerte (figura 11). Na charge, vê-se Tiradentes no patíbulo, com o laço da corda sendo amarrado por dois soldados, quando da plateia alguém grita: “vá pra cuba”.

Figura 11 - Charge de Laerte publicada na versão impressa da Folha de São Paulo



Fonte: Portal de notícias da Folha de São Paulo digital

A publicação dessa charge pela *Folha de São Paulo* rendeu discussões não só na *Folha de São Paulo*, mas em outros veículos de informação digital, tanto no dia do feriado de 21 de abril, quanto nos dias posteriores à data comemorativa.

No mesmo dia em que a folha divulgou a charge do Cartunista Laerte, o portal de notícias *Brasil 247* comentou a charge, e estabeleceu relações entre ela e as manifestações populares que estavam acontecendo no Brasil. Na nota publicada em seu site, o portal de

informação trouxe uma breve narrativa com a seguinte manchete: “Elite brasileira atual enforcaria Tiradentes?”. A “elite brasileira atual” é mencionada, certamente pelo fato dela estar à frente das manifestações que vinham ocorrendo em vários estados do território brasileiro. E Tiradentes, nesse caso, faria uma alusão a presidente e ao seu partido político – Partido dos Trabalhadores (PT) – alvo das manifestações.

Para a editoria do site *Brasil 247*, a charge estabelece uma estreita relação entre o momento da execução de Tiradentes e as manifestações ocorridas contra o governo no início do ano de 2015, uma vez que a narrativa destacava a expressão “vá pra Cuba”, muito utilizada nas manifestações que estavam ocorrendo nos últimos dois meses contra o governo.

O portal também menciona que na tradicional cerimônia que havia sido celebrada em Ouro Preto, na manhã daquele dia, o governador mineiro Fernando Pimentel do PT havia lembrado que Tiradentes foi um injustiçado e criticou os “justiceiros” que atentam contra a democracia – nesse caso, os manifestantes. De todo modo, ao encerrar a discussão em seu site, o portal de notícias deixa o seguinte questionamento: “será que o PT passa agora pelo mesmo processo pelo qual passou Tiradentes?”.

A charge de Laerte também foi assunto da roda de conversa do programa televisivo *Espaço Público* da *TV Brasil*, que foi ao ar no dia 21 de abril. Cabe destacar que o programa também ficou disponibilizado na plataforma digital da *TV Brasil*.

No dia do feriado, o programa *Espaço Público*, apresentado pelo jornalista Paulo Leite Moreira, relembrou a morte de Tiradentes e discutiu alguns aspectos da História do Brasil. Para discutir esses assuntos, o programa contou com a participação da historiadora Heloisa Starling e do jornalista Florestan Fernandes.

A historiadora e professora da Universidade Federal de Minas Gerais, foi convidada pelo apresentar Moreira a refletir a charge de Laerte e o atual cenário político do país naquele momento. Desse modo, ao discutir o feriado do dia 21 de abril, Starling fez em sua fala uma retomada da trajetória do Brasil republicano e comentou que a charge de Laerte - um dos maiores cartunistas do país -, trouxe a baila o grau de intolerância política que parecia existir na sociedade brasileira, e que conseqüentemente trazia de alguma forma os seus reflexos nas manifestações que estavam ocorrendo.

Em seguida, a historiadora comentou a apropriação de Tiradentes pela República e por diversas classes. Na fala de Starling fica claro que Tiradentes foi uma das figuras mais célebres do século XVIII, visto que, em virtude da sua participação no movimento da Inconfidência Mineira, um apelo de igualdade, coragem e liberdade recaíram sobre sua imagem. Após a Proclamação da República, os republicanos utilizaram a coragem de

Tiradentes e a tragédia que havia recaído sobre ele no movimento mineiro como artifício para torná-lo um símbolo republicano. A historiadora também teceu comentários a respeito dos conceitos de “república” e “democracia”, aplicados no contexto brasileiro.

Posto isto, a charge de Laerte repercutiu não só nesses veículos de comunicação digitais, mas também na própria *Folha de São Paulo*. Em razão das repercussões que houve em torno da charge, que havia sido publicada na versão impressa do noticiário, a Folha publicou nos dias 22 e 23 de abril de 2015, em seu portal digital de notícias, comentários positivos e negativos de leitores sobre a charge, demonstrando a repercussão que ela havia causado entre os leitores.

No dia 22 de abril, a Folha divulgou em seu portal quatro comentários de leitores. Dois desses comentários elogiavam a charge de Laerte e os outros dois teciam críticas. Os dois comentários críticos à charge de Laerte seguiam mais ou menos a mesma linha de interpretação, e nele os leitores apontavam o erro cometido por Laerte ao produzir aquela charge, já que eles estavam seguindo nas manifestações o exemplo de Tiradentes. A tese dos que criticavam estava amparada na comparação de que se Tiradentes havia lutado contra a Coroa Portuguesa que abusava e oprimia o povo, nos dias atuais as pessoas estavam indo para rua fazer a mesma coisa contra os abusos da presidente Dilma e os escândalos do PT.

Na contramão desses comentários críticos, dois outros leitores elogiaram a coragem e genialidade de Laerte em produzir uma charge como aquela justamente no dia 21 de abril. Para esses leitores, se Tiradentes vivesse nos dias atuais e lutasse pelos interesses do Brasil, certamente seria taxado de comunista a serviço de cuba, e com o apoio da imprensa muitos iriam para as avenidas protestar contra ele.

No dia seguinte, 23 de abril, a Folha publicou novamente em seu portal de notícias mais três comentários de leitores repercutindo ainda a charge de Laerte. No portal foram publicados neste dia, dois comentários contrários à charge e um comentário a favor. Nos comentários contrários, os leitores apontaram o erro de interpretação e superficialidade de conhecimento histórico de Laerte em produzir aquela charge. Os leitores criticaram a “petulância” do cartunista em tentar forçar um paralelo entre Tiradentes, herói de um movimento genuíno e patriota, com o governo do PT, que havia se apoderado do país há 12 anos.

No que diz respeito ao comentário a favor da charge, o leitor comenta que não vê motivos para tanta ofensa por causa do conteúdo que o cartunista produziu. Para ele, as pessoas estão muito intolerantes e se ofendem por qualquer coisa, inclusive com uma charge.

O espaço que a Folha deu aos seus leitores para se posicionarem sobre a Charge do cartunista Laerte chama atenção. Ela mostra uma interação dos usuários com o portal de notícias e, ao mesmo tempo, revela como a figura de Tiradentes mexeu com os ânimos das pessoas. Além disso, essa participação e interesse popular pela história e pela figura de Tiradentes indicam, de alguma forma, “[...] a vontade de participação popular na construção da memória coletiva e nos discursos de história por meio do digital” (NOIRET, 2017, p. 38).

Seguindo com as análises, no dia 21 de abril a narrativa produzida pela repórter Cíntia Milanez, e publicada no portal de notícias *JCNET* estabeleceu uma relação entre a Inconfidência, Tiradentes e as manifestações que estavam ocorrendo no Brasil em 2015. No início da narrativa, a autora comenta o desejo do movimento mineiro em implantar uma república em Minas Gerais, dando destaque ao fato de que esse foi o primeiro movimento que ocorreu para tentar libertar o Brasil. Em seguida, a repórter associa a Inconfidência com as manifestações ocorridas nos meses de março e abril de 2015, apontando que o feriado “veio a calhar” como uma oportunidade para discutir o desejo de mudança no Brasil, que esteve refletido tanto na Inconfidência Mineira, quanto na figura de Tiradentes.

Nas linhas que seguem, Milanez discorre resumidamente os desdobramentos do movimento da Inconfidência Mineira e cita que depois de um século da Conjuração Tiradentes veio a se tornar um herói. Nenhum comentário a mais é feito sobre a relação da Inconfidência e as manifestações de rua que estavam acontecendo no Brasil, e nem sobre a representação de Tiradentes enquanto um herói nacional.

Quanto ao portal de informação digital *O Tempo*. No dia do feriado, o portal publicou uma nota com comentários a respeito da tradicional cerimônia de entregas de medalhas que estaria sendo realizada naquele dia na cidade de Ouro Preto. A editoria do portal mencionou superficialmente o nome de Tiradentes. A preocupação do portal estava mais em discutir a cerimônia e as polêmicas que recaíam sobre ela do que com o próprio símbolo da celebração, no caso, o “herói” Tiradentes.

As polêmicas existentes recaíam sobre o fato de no período estar ocorrendo manifestações do movimento “vem pra rua” contra a presidente do Brasil e o seu partido político. O governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, do mesmo partido da presidente, havia prometido que naquele ano a cerimônia seria aberta ao público. Sendo assim, o portal de notícias acreditava que o movimento de manifestantes não iria facilitar a vida do governador no dia do feriado.

O veículo de informação digital *Amambai de Notícias*, também fez uma publicação sobre Tiradentes no dia 21 de abril. O portal em uma narrativa sucinta apontou Tiradentes

como um ativista político que se transformou em herói nacional. A história de Tiradentes de acordo com a narrativa está totalmente relacionada com a Inconfidência Mineira. Todavia, no texto é citado que o reconhecimento da bravura de Tiradentes só se deu em 1890, aproximadamente cem anos após o movimento mineiro e que nos dias atuais Tiradentes, além de herói, é também patrono cívico da sociedade brasileira. Sobre a República e sua relação com Tiradentes nada foi mencionado.

Já o Portal de notícias da *Gazeta da Cidade* publicou em seu site, uma narrativa no dia do feriado, relacionando a figura de Tiradentes com o movimento da Conjuração Mineira. O portal apresentou um breve histórico de Tiradentes, destacando que o ofício que mais lhe promoveu foi o de soldado. Em seguida, o texto informativo relatou os desdobramentos da Inconfidência, desde os objetivos que resultou na tentativa do levante até a morte de Tiradentes em 21 de abril de 1792.

A notícia publicada pelo portal possibilita uma interpretação de que Tiradentes e o feriado do dia 21 de abril são celebrados nos dias atuais em razão unicamente da participação e morte de Tiradentes no movimento da Inconfidência Mineira.

No que diz respeito ao portal de notícias *Rodosoft Tecnologia*, este publicou em seu site no dia do feriado uma narrativa sobre Tiradentes, produzida pela jornalista Danielle Cosme, que trouxe na manchete o seguinte questionamento: “Dia 21 de abril, dia de Tiradentes. Você sabe quem foi Tiradentes?”.

A maneira como o herói aparece na manchete gera no leitor uma expectativa de que aquela notícia irá esclarecer de fato quem foi Tiradentes. Desse modo, com a intenção de explicar quem foi Tiradentes, Danielle Cosme relata que Tiradentes entrou para a história do Brasil como um herói nacional em virtude de sua participação na Inconfidência Mineira, pois no movimento Tiradentes lutou pela independência do Brasil frente à exploração de Portugal. Em seguida, Cosme comenta os desdobramentos do movimento mineiro e o descontentamento da população frente às leis portuguesas.

Em meio a esse contexto, a jornalista discorre sobre a morte de Tiradentes e afirma que ele só foi reconhecido como um grande herói na luta pela independência do Brasil após a sua morte, e, somente em 1965, Tiradentes foi declarado patrono cívico da nação brasileira e o dia 21 de abril, data que lembra sua morte, foi declarado feriado nacional.

A narrativa de Cosme, pelo que se observa, não fala de Tiradentes e a sua relação com a República. No debate historiográfico realizado no primeiro capítulo é possível observar que Tiradentes se tornou um herói após a República ter sido proclamada no Brasil. O feriado, apesar de ter sido institucionalmente oficializado em 1965, já vinha sendo celebrado no Brasil

desde o final do século XIX. De modo geral, o que se observa é uma ausência de precisão nas informações apresentadas pela jornalista, o que de certo modo contribui para que ocorram interpretações equivocadas por parte dos leitores, sobre Tiradentes e o feriado nacional.

A última narrativa encontrada que consta no quadro de notícias de 2015, se diferenciou das demais notícias, uma vez que buscou abordar no dia 21 de abril, algumas técnicas utilizadas por Tiradentes durante o período em que ele havia exercido a profissão de dentista.

O portal de notícias *Terra* apresentou Tiradentes em sua narrativa atrelado ao movimento da Conjuração Mineira. O grande destaque da publicação foi a abordagem da profissão de dentista de Tiradentes. A editora do portal apresenta um histórico resumido de sua profissão e das técnicas que ele utilizava para cuidar dos dentes das pessoas.

Diante, portanto, das narrativas que foram selecionadas e analisadas no ano de 2015, é possível observar que, assim como nas notícias de 2014, existe uma ausência de consenso sobre quem foi Tiradentes e os motivos de existir um feriado em sua homenagem. De todas as dez notícias que foram averiguadas, a única narrativa que discutiu a figura de herói Tiradentes e a sua apropriação pela República, demonstrando que entre ambas existe uma forte relação, é a abordagem realizada pela historiadora Heloisa Starling no programa *Espaço Pública* da *TV Brasil*.

Entre as notícias que foram publicadas nas plataformas digitais, a charge do Cartunista Laerte e as manifestações populares que ocorreram no início do ano de 2015 estiveram em destaque e foram mencionadas na maioria das publicações que circularam nos portais de informação. De toda forma, um diferencial, que pode ser percebido nas notícias que foram publicadas nas plataformas digitais no ano de 2015 em paralelo com as de 2014, é que em meio à situação política deplorável na qual o país estava vivendo, alguns portais de notícias buscaram no dia do feriado de 21 de abril, rememorar a figura de Tiradentes, olhando para a situação política que o Brasil se encontrava naquele momento.

Se no ano de 2015, entretanto, no feriado nacional encontramos narrativas que abordaram questões políticas, associando em alguns casos a figura de Tiradentes às manifestações de descontentamento que aconteciam pelo país, no ano de 2016 o resultado foi diferente. Naquele ano, a situação política no Brasil aflorou ainda mais com um fato político marcante: o impeachment da presidente. Esse fato já vinha se desenrolando desde os primeiros meses do ano. No entanto, ao realizar um levantamento das notícias publicadas em 2016, logo percebemos que as informações tratavam superficialmente Tiradentes no feriado nacional, e em nada relacionava a figura do herói com o contexto político daquele momento.

A investigação realizada no feriado de 21 de abril do ano de 2016, também revelou um número inferior de notícias que abordaram a figura de Tiradentes se comparado aos anos de 2014 e 2015. No levantamento de notícias realizado, foram encontrados e selecionados apenas seis portais que haviam publicado narrativas sobre Tiradentes (quadro 4).

Quadro 4 – Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2016

ARQUIVO	VEÍCULO DE INFORMAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA	AUTOR	DATA
http://diariodegoias.com.br/blog/samuel-straioto/24974-por-que-celebramos-o-feriado-de-tiradentes	Diários de Goiás	Por que celebramos o feriado de Tiradentes?	Samuel Straioto	21 abr. 2016
http://osdias.com.br/cultura-entretenimento/dia-21-de-abril-feriado-de-tiradentes/	Os Dias	Dia 21 de Abril - Feriado de Tiradentes	Redação Os dias	21 abr. 2016
http://www.diariodoscamos.com.br/cidades/2016/04/homenagens-a-tiradentes-marcam-o-dia-21-de-abril/2135489/	Diário dos Campos	Homenagens a Tiradentes marcam o 21 de Abril	Luana Souza	21 abr. 2016
http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-04-21/21-de-abril-por-que-comemoramos-o-dia-de-tiradentes.html	Último Segundo (Educação)	Por que comemoramos o dia de Tiradentes?	Agência Brasil	21 abr. 2016
https://www.esab.edu.br/21-de-abril-dia-de-tiradentes/	ESAB (Escola Superior Aberta do Brasil)	21 de Abril - Dia de Tiradentes	ESAB	21 abr. 2016
http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/tiradentes-reveja-os-principais-momentos-deste-heroi-nacional-em-liberdade-liberdade.html	G1/ Gshow	Tiradentes: reveja os principais momentos deste herói nacional em "Liberdade, Liberdade"	G1.com	21 abr. 2016

Fonte: Dados da pesquisa

A primeira narrativa que encontramos sobre Tiradentes no ano de 2016 foi publicada no portal de notícia: *Diários de Goiás*. A narrativa de autoria do colunista e especialista em História cultural Samuel Straioto relaciona a figura de Tiradentes com os militares, citando o fato de que, além de ele ser herói nacional, Tiradentes também é considerado patrono dos militares brasileiros. Na sequência, Straioto cita Tiradentes como um mártir mineiro e relata que o título de patrono cívico da nação atribuído a Tiradentes e a comemoração do feriado nacional, é resultado da promulgação da lei de nove de dezembro de 1965.

O colunista apresenta, em seguida, alguns aspectos da vida de Tiradentes, bem como a sua profissão de dentista, seu envolvimento com o movimento da Inconfidência Mineira e sua

morte em 21 de abril de 1792, na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, Straioto destaca que a morte de Tiradentes ocorreu em 1972, mas a bravura e coragem dele só foram reconhecidas em 1867, quando foi erguido um monumento em Minas Gerais em sua homenagem.

Tiradentes, também de acordo com o colunista, é considerado um dos bravos guerreiros que lutou pela independência do Brasil, e como consequência o dia 21 de abril se tornou feriado em sua homenagem. Tiradentes queria que a pátria fosse livre e por isso foi escolhido para liderar a Inconfidência, tanto que as palavras finais de Tiradentes era o desejo de que o Brasil fosse separado de Portugal.

A escrita de Straioto publicada no site *Diários de Goiás* traz informações que possibilitam interpretações que divergem das discussões produzidas pela historiografia sobre Tiradentes e o feriado de 21 de abril. A historiografia aparece de maneira muito superficial na narrativa de Straioto, e possibilita uma compreensão equivocada de Tiradentes enquanto herói nacional. O autor oculta a relação de Tiradentes com a República, sendo que é essa relação que oportuniza perceber que a revalorização da figura de Tiradentes não foi resultado apenas de um monumento erguido em sua homenagem e nem de uma lei que oficializou de maneira formal o feriado de 21 de abril.

Entre o final do século XIX e início do século XX, os republicanos realizaram um intenso trabalho para se apropriar da figura de Tiradentes, transformando-o em um herói da República e da nação. Tanto que, em 1890, um ano após a República ter sido proclamada o dia 21 de abril começou a ser celebrado no Brasil. A celebração dessa data, em meio aquele contexto, foi uma entre as formas encontradas pelos republicanos para promover a imagem de Tiradentes enquanto um herói na sociedade brasileira.

No dia do feriado nacional no ano de 2016, o portal de notícias *Os Dias* também publicou um texto sucinto sobre Tiradentes e o dia 21 de abril. De acordo com a narrativa produzida, o feriado do dia 21 é uma homenagem a Tiradentes, em razão de ele ser um dos bravos guerreiros que lutou pelo desejo de independência do Brasil no movimento da Inconfidência Mineira. Na narrativa também aparece que Tiradentes ficou conhecido como herói nacional quando foi enforcado e esquartejado em 21 de abril de 1792, no centro do Rio de Janeiro, e que o nome de Tiradentes está escrito no Panteão da Pátria e da Liberdade Brasileira, conhecido como “livro dos heróis da Pátria”, desde 21 de abril de 1992.

Diante do exposto, o que se observa é que, assim como no site de notícias *Diários de Goiás*, a narrativa produzida e publicada na plataforma de informação digital *Os dias*, possibilita interpretações que divergem das discussões produzidas pela historiografia sobre Tiradentes e o feriado de 21 de abril.

No que diz respeito à publicação realizada pelo portal de notícias *Diário dos Campos*, Tiradentes aparece no plano de fundo, da narrativa produzida pela jornalista Luana Souza. Ao noticiar como foi a comemoração das polícias militares na cidade de Ponta Grossa – PR, a autora cita que Tiradentes é considerado o patrono das forças armadas, e que, em virtude disso, policiais, corpo de bombeiros e guardas municipais, na presença de autoridades e de várias pessoas da comunidade, haviam se reunido para nesse dia celebrar e enaltecer os feitos históricos de Tiradentes. Sobre esses feitos históricos nada é citado.

Como se pode observar, a narrativa é sucinta. Em vista disto, fica difícil compreender quem foi Tiradentes e os motivos de existir um feriado nacional, a partir somente da narrativa publicada nesse portal de notícia.

O portal de notícias *Último Segundo* se propôs discutir no feriado nacional os motivos de comemarmos o dia de Tiradentes. No entanto, na narrativa os motivos de existir um feriado nacional para Tiradentes não fica tão compreensível. No texto produzido pela Agência Brasil¹⁸ é apresentado resumidamente o contexto brasileiro antes da independência e é mencionado que Tiradentes havia nascido em meio aquele cenário de opressão e exploração de Portugal sobre a Colônia do Brasil. Inconformado com a exploração portuguesa, Tiradentes, que já havia realizado diversos ofícios, passou a desejar que a pátria brasileira fosse livre. Sendo assim, Tiradentes decidiu se reunir com outras pessoas que tinham o mesmo objetivo que ele para libertar o Brasil daquela situação. Como consequência, de acordo com o site *Último Segundo*, Tiradentes foi escolhido para comandar o movimento da Inconfidência Mineira. Porém, o movimento foi denunciado e Tiradentes terminou enforcado em praça pública. Segundo o portal de notícias, as últimas palavras de Tiradentes foram: “jurei morrer pela independência do Brasil, cumpro a minha palavra! Tenho fé em Deus e peço a Ele que separe o Brasil de Portugal”.

Existem diversas lacunas na narrativa desse portal de informação que contribuem para uma não compreensão de Tiradentes e sua associação ao feriado do dia 21 de abril. Algumas informações divergem da historiografia produzida não só sobre Tiradentes, mas também sobre a Conjuração Mineira. Todavia, um fato que merece atenção é que a narrativa produzida pelo portal *Último Segundo* não é inédita. O mesmo texto foi produzido e publicado no ano de 2013 pelo portal de notícias Agência do Brasil. Nesse caso, o veículo de informação apenas republicou a narrativa de outro portal de notícias, sem nenhuma alteração.

¹⁸ A Agência Brasil é outro veículo de Informação digital que possui uma plataforma para produzir e publicar notícias na internet.

Já a *Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB)* publicou em seu portal de notícias uma nota no dia 21 de abril, na qual comentou sobre Tiradentes e o feriado nacional. Conforme o site, o feriado foi criado para homenagear Tiradentes, que ficou registrado no Brasil como herói nacional. A narrativa cita a Inconfidência Mineira e afirma que a história de Tiradentes está totalmente ligada a ela. Por participar do movimento que acabou não se concretizando, Tiradentes foi condenado às piores punições, no entanto, o reconhecimento de sua bravura e coragem na Inconfidência ocorreu somente em 1890.

A narrativa é bem sucinta como se pode perceber, e as informações possibilitam uma compreensão um tanto superficial sobre Tiradentes e o feriado nacional, por parte do leitor que teve acesso apenas a essa notícia. A interpretação que se tem é que o reconhecimento da figura de Tiradentes está associado somente ao movimento da Conjuração Mineira.

No portal de notícias *GI/Gshow*, o texto publicado no dia do feriado abordou a novela brasileira “Liberdade, Liberdade”. A novela, que trazia as marcas da história de Tiradentes, foi transmitida no ano de 2016, entre os dias de terça-feira à sexta-feira, no horário das onze da noite, pela TV Globo. A narrativa em linhas gerais é um convite ao leitor para acompanhar um pouco do que foi a trajetória de Tiradentes por meio do seriado, inspirado no livro *Joaquina a filha de Tiradentes*, de autoria de Maria José de Queiroz.

A notícia, como se vê, não demonstra preocupação em abordar quem foi Tiradentes, mas tem a intenção de divulgar o seriado que estava no ar e que atingia altos índices de audiência. A narrativa, não diz muito sobre Tiradentes, mas mostra uma importante personalidade histórica brasileira sendo retratada em outro canal de comunicação. Apesar de a novela ter um caráter comercial e não um compromisso com a realidade, ela atraiu um grande público que buscou, por meio dela, conhecer um pouco da história de Tiradentes.

Isto posto, diante das publicações que foram produzidas, reproduzidas e publicadas nos portais de notícias disponíveis na internet no ano de 2016, verificamos que maioria das notícias buscaram produzir uma aprendizagem em seus receptores sobre quem foi Tiradentes e os motivos do dia 21 de abril ser feriado no Brasil. As narrativas selecionadas que abordaram a figura do herói Tiradentes no dia do feriado nacional associaram, em sua maioria, a imagem de Tiradentes ao conceito de Inconfidência Mineira e Independência do Brasil. Em nenhuma das narrativas encontramos informações que permitem pensar, mesmo que superficialmente, a relação de Tiradentes com a República proclamada em 1889.

Por conseguinte, se no ano de 2016 as narrativas apresentaram em sua maioria a figura de Tiradentes atrelada apenas ao conceito de Inconfidência e Independência. No ano de 2017, nos deparamos com um quadro bem diversificado de informações. Tiradentes, além de ser

associado com os eventos da Inconfidência e da Independência, também foi relacionado, mesmo que de maneira superficial, com a República e com questões do meio político atual.

No total foram encontradas e selecionadas para análise no ano de 2017, oito narrativas que abordaram o herói brasileiro Tiradentes (quadro 5).

Quadro 5 – Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2017

ARQUIVO	VEÍCULO DE INFORMAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA	AUTOR	DATA
http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/joaquim-se-desprende-do-didatismo-para-reimaginar-tiradentes.ghtml	G1	'Joaquim' se desprende do didatismo para reimaginar Tiradentes	Neusa Barbosa	20 abr. 2017
http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/04/21/tiradentes-da-inconfidencia-do-seculo-xviii-a-crise-politica-do-seculo-xxi/?from_rss=pais	Jornal do Brasil	Tiradentes: da Inconfidência do Século XVIII à crise política do século XXI	Rebeca Letieri	21 abr. 2017
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/04/20/internas_viver,700227/cineasta-pernambucano-mostra-versao-humanizada-de-tiradentes-no-longa.shtml	Diário de Pernambuco	Cineasta pernambucano mostra versão humanizada de Tiradentes no longa 'Joaquim'	Breno Pessoa	20 abr. 2017
https://www.brasildefato.com.br/2017/04/21/tiradentes-por-que-um-feriado-em-sua-homenagem/	Brasil de Fato	Tiradentes: por que um feriado nacional em sua homenagem?	Rafaella Dotta	21 abr. 2017
http://istoe.com.br/governo-de-minas-gerais-homenageia-nelson-mandela-no-dia-de-tiradentes/	Isto é	Governo de Minas Gerais homenageia Nelson Mandela no feriado de Tiradentes	Agência Brasil	21 abr. 2017
http://www.jcnet.com.br/Geral/2017/04/tiradentes-pelos-olhos-das-ruas-que-o-homenageiam.html	JCNET	Tiradentes pelos olhos das ruas que o homenageiam	Cintia Milanez	21 abr. 2017
http://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/258345/policia-militar-de-francisco-beltrao-prestou-homenagem-a-tiradentes	Jornal de Beltrão	Polícia Militar de Francisco Beltrão prestou homenagem a Tiradentes	Darce Almeida	21 abr. 2017
http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/04/1877495-alvo-de-delatores-pimentel-diz-que-justica-foi-solapada-por-acusacoes.shtml	Folha de São Paulo	Alvo de delatores, Pimentel diz que justiça foi solapada por acusações.	Carolina Linhares	21 abr. 2017

Fonte: Dados da pesquisa

O destaque nas narrativas que foram publicadas nos portais de notícias no dia do feriado nacional de Tiradentes foi o filme “Joaquim” do cineasta brasileiro Marcelo Gomes. O filme, que estreou nos cinemas brasileiros no dia 20 de abril de 2017, explorou as lacunas e lendas existentes em torno da vida de Tiradentes.

O filme do cineasta pernambucano, com uma linguagem fortemente poética, buscou contar com imaginação e fantasia a história dos acontecimentos que fizeram de Tiradentes um líder e um mártir para a sociedade brasileira, já que Pouco se sabe com exatidão sobre a história de Tiradentes.

Entre os oito portais de notícias que foram selecionados, quatro deles mencionaram o filme de Marcelo Gomes nas narrativas que foram publicadas no dia do feriado, sendo eles: *GI*; *Jornal Brasil*; *Diário de Pernambuco*; *JCNET*.

O veículo de informação digital *GI* dedicou toda a narrativa ao filme de Marcelo Gomes. A publicação de Neusa Barbosa¹⁹ colocou em destaque que o filme “Joaquim” representou o Brasil no festival de Berlim, e, em seguida, apontou que o filme do cineasta Marcelo Gomes empenhou-se em despertar a imaginação do espectador ao mostrar a interação do personagem principal – Tiradentes – com as camadas oprimidas e com a elite.

Cabe destacar que a narrativa deixou claro que o filme trata de uma fantasia histórica, mas que ao mesmo tempo tem os olhos voltados para o presente, contemplando o mal estar contemporâneo no país. Como se pode observar, a narrativa publicada no site do *GI* não demonstrou preocupação em discutir diretamente a história e a memória do herói de Tiradentes, bem como o feriado nacional. Todavia, como o filme e o feriado tinham tudo a ver um com o outro, o dia 21 de abril foi uma data muito oportuna, e o site de notícias por sua vez aproveitou o momento para abordar e ao mesmo tempo divulgar o filme que havia acabado de estrear no Brasil.

Diferente do *GI*, o portal de notícias *Jornal do Brasil* não só mencionou o filme de Gomes, mas também buscou discutir questões relacionadas à trajetória do herói Tiradentes, associando-as com o contexto político do Brasil daquele momento. Ademais, o site de informação também pontuou a relação do herói com a República.

A narrativa produzida pela jornalista Rebeca Letieri – e que teve como referência a historiadora Mariana Gonçalves – apontou que a derrama não foi o único fator que desencadeou a organização da Inconfidência Mineira. O afastamento da elite do poder também motivou a organização do movimento mineiro. A questão dos altos impostos e do

¹⁹ Não foi encontrado o seu perfil profissional.

afastamento da elite do poder, apontada por Letieri, é associada na narrativa com o cenário do Brasil no ano de 2017.

Outro elemento apontado pela jornalista que estabelece relação com o presente é a delação de Joaquim Silvério à Coroa Portuguesa. A delação de Silvério é comparada a delação premiada que vinha ocorrendo nas investigações dos políticos brasileiros e que ainda se faz muito presente.

Sobre Tiradentes e o feriado, Letieri explica que o herói é visto de forma controversa entre os historiadores, porém o que todos esses profissionais concordam é que Tiradentes foi apropriado e recriado pela República na tentativa de dar um novo significado a identidade nacional. Sobre o filme, a jornalista relata que nele Tiradentes é retratado antes da Inconfidência Mineira, o que evidencia que ele era um homem comum antes de realizar um ato heroico.

Na narrativa produzida pelo jornalista Breno Pessoa e publicada no portal *Diários de Pernambuco*, o filme de Marcelo Gomes também é mencionado. Entretanto, antes de mencionar o filme, o jornalista chama a atenção para a existência de poucas celebrações no dia do feriado de 21 de abril, e afirma que Tiradentes tem uma imagem que ficou registrada no imaginário popular.

No que diz respeito ao filme, o jornalista informa que Marcelo Gomes produziu o longa-metragem inspirado na vida de Tiradentes, e que, para além de um exercício reflexivo, o longa propõe uma visão menos idealizada do alferes, visto que no filme ele é retratado como um indivíduo comum. De acordo com Pessoa, objetivo do filme era realizar uma crônica comparativa entre o Brasil colonial e contemporâneo.

O jornalista também informa em entrevista que Gomes relatou que acredita que Tiradentes construiu a consciência política a partir de suas frustrações individuais, além disso, ele também explicou que a intenção do filme é fugir do viés de homenagem. No entanto, o cineasta não esconde seu fascínio em torno da figura de Tiradentes.

O *JCNET* como mencionado anteriormente também citou o filme na narrativa produzida pela jornalista Cintia Milanez, que foi publicada no portal do site de notícias. Entretanto, apesar da jornalista tecer alguns comentários sobre o filme “Joaquim”, o foco principal da narrativa estava no relato sobre o conhecimento que as pessoas que habitam na Rua Tiradentes e na Rua Inconfidência, localizada na cidade de Bauru- SP, tinham da história de Tiradentes.

Em Bauru, a Rua Tiradentes e a Rua Inconfidência são separadas por 500 metros, ambas em homenagem a Tiradentes. Diante desse fato, Milanez decidiu investigar se as

peessoas que moram nessas ruas conhecem a história do homenageado. Para isso, a jornalista entrevistou dois moradores de cada rua.

Na entrevista realizada na Rua Tiradentes, uma senhora aposentada de 65 anos afirmou para a jornalista que não sabe quem foi Tiradentes, ela apenas a lembra os tempos de escola. A outra pessoa que foi entrevistada é vizinho dessa mesma senhora, ele também afirmou que não sabe quem foi Tiradentes, só sabe quem é ele de nome.

Já na Rua Inconfidência, Milanez narrou que um casal de aposentados quase deram uma aula de história e afirmaram que Tiradentes foi o mártir da independência, posto que foi ele quem deu início ao processo de independência do Brasil.

Em seguida, a jornalista tece algumas considerações e declara que a história correta é a de que, Tiradentes foi enforcado e esquartejado em razão do seu envolvimento com a Inconfidência Mineira, e que em homenagem ao mártir o dia 21 de abril é feriado nacional.

Por fim, a jornalista comenta o filme “Joaquim” e enfatiza que o filme, já em cartaz, teve *première* mundial em fevereiro daquele ano, na disputa pelo Urso de Ouro no Festival de Berlim.

A abordagem realizada e relatada por Milanez em sua narrativa contém informações equivocadas sobre Tiradentes, no entanto, ela chama a atenção. Vejamos que jornalista foi a um determinado lugar que remete uma lembrança à figura de Tiradentes e, a partir de lá, com os moradores do local, ela refletiu a história de Tiradentes. De todo modo, a história do herói, ou melhor, parte da história que remete ao Tiradentes, foi apresentada de forma sucinta na narrativa. Em nenhum momento é citada a construção republicana da figura de Tiradentes após a República ter sido proclamada. Tiradentes é mencionado somente como um mártir. Além disso, sua história é associada apenas com o movimento mineiro e a independência.

Se esses sites de notícias que foram analisados – *GI; Jornal Brasil; Diário de Pernambuco, JCNET* –, ao abordar a figura de Tiradentes deram destaque e/ou mencionaram o filme de Marcelo Gomes, os outros portais de notícias selecionados – *Jornal de Beltrão; Brasil de Fato; Isto é; Folha de São Paulo* –, além de citar Tiradentes em suas narrativas, também apresentaram alguns comentários sobre as festividades que estavam acontecendo em homenagem ao “herói brasileiro” no país.

O portal de informação digital *Jornal de Beltrão* informou, a partir de uma narrativa produzida pelo jornalista Darce Almeida, que na manhã do feriado Tiradentes havia sido homenageado pela polícia militar na cidade de Francisco Beltrão. De acordo com a narrativa do jornalista, autoridades locais marcaram presença durante o ato. Em entrevista, o comandante da polícia militar relatou que essa solenidade contribui para uma reflexão da

profissão militar, pois no juramento o militar se compromete em colocar a sua vida para defender a sociedade. Sendo assim, Tiradentes aparece como um exemplo que se deve cultivar. Também em entrevista o major complementou a fala do comandante, de modo que destacou que figuras que fizeram tanto pelo país no passado merecem ser lembradas, e, em seguida, comparou a sua profissão com o que foi Tiradentes para a sociedade.

O *Jornal de Beltrão* foi o único que trouxe informações sobre o ato solene que aconteceu na cidade de Francisco Beltrão. Nos portais de notícias *Brasil de Fato*, *Isto é*, e a *Folha de São Paulo*, a festividade alvo de comentários foi a tradicional celebração de entrega das medalhas realizada anualmente no dia do feriado na cidade de Ouro Preto.

O portal de notícias *Brasil de Fato* publicou em sua plataforma, no dia do feriado nacional, o texto produzido pela jornalista Rafaella Dotta. Na publicação, Dotta explica que Tiradentes é o único personagem brasileiro que possui um feriado em sua homenagem. Todavia, a jornalista pontua que o herói brasileiro também tem uma história um tanto misteriosa. Uma vez que a cabeça dele foi roubada, os cabelos compridos são uma invenção e, além disso, Tiradentes foi considerado vilão pela Coroa Portuguesa até 1889, momento em que passou a ser reconhecido como um rebelde que lutou pela liberdade do país.

Em seguida, amparada no historiador João Furtado, a jornalista argumenta que os inconfidentes não tinham um grande projeto para o país e nem os mesmos pensamentos sobre a escravidão. Sobre a morte de Tiradentes, Rafaella Dotta relata que ele foi morto como líder, por ter sido um dos maiores propagandistas das ideias da Inconfidência. Entretanto, a autora faz uma ressalva, informando que há quem diz que sua morte foi para servir de exemplo.

Por fim, a jornalista informa a realização da festividade da entrega das medalhas em Ouro Preto, Praça Tiradentes, em todos os anos no dia 21 de abril.

Em sua narrativa, Rafaella Dotta não menciona Tiradentes como herói nacional e nem republicano. Tiradentes é citado como um personagem, e personagem como se sabe, pode ser definido pelo seu papel social, ou pode ser visto como uma figura fictícia. A jornalista também aponta algumas controvérsias existentes em torno da representação de Tiradentes e cita o reconhecimento de sua figura a partir de 1889, ano em que a República foi proclamada. Porém, em nenhum momento a autora menciona a República e a sua relação com Tiradentes. O “herói brasileiro” na narrativa é associado apenas ao movimento da Inconfidência Mineira.

Na publicação realizada pelo portal de notícias *Isto é*, notamos algo peculiar. Tiradentes é citado apenas na manchete da notícia. A narrativa mostra uma preocupação em apresentar informações somente sobre a tradicional festividade de Ouro Preto. Tiradentes, principal figura e motivo da festa, é esquecido no desenvolvimento da narrativa.

A notícia publicada na plataforma digital da *Isto é*, informa que no dia do feriado acontece em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, a tradicional entrega das medalhas. Na cerimônia que será realizada naquele ano, serão homenageadas personalidades que contribuíram para o desenvolvimento de Minas e do Brasil. A narrativa produzida pela Agência Brasil – um portal de informações – e publicada pelo site *Isto é*, apresenta na sequência um breve histórico da cerimônia, e explica que o recebedor do grande colar é o orador da cerimônia. No ano de 2017, como o grande colar seria dedicado a Nelson Mandela, o representante dele e orador da Cerimônia seria o embaixador sul africano.

Essa cerimônia de acordo com o portal de notícias foi instituída em 1952 por Juscelino Kubitschek - JK. O decreto de oficialização dessa cerimônia transfere simbolicamente, por um dia, a capital mineira para Ouro Preto.

Diferente do portal de notícias *Isto é*, a *Folha de São Paulo* deu destaque a tradicional festividade de Ouro Preto, mas também abordou a figura de Tiradentes, uma vez que o personagem histórico foi lembrado pelo governador do Estado de Minas Gerais durante o discurso que ele proferiu na festividade.

A notícia produzida pela jornalista Carolina Linhares informa que o governador de Minas, acusado por delatores de receber propina da Odebrecht²⁰, afirmou que a liberdade e a justiça foram solapadas por teias de acusações que lembram a Conjuração Mineira. Em discurso, o governador Fernando Pimentel lembrou-se da morte de Tiradentes e enfatizou que na fundação da nacionalidade brasileira Tiradentes foi protagonista involuntário de um espetáculo e não de um processo justo. A fala proferida pelo governador foi dita em meio a gritos de “fora Temer”²¹.

Nas entrelinhas do discurso narrado pela jornalista Carolina Linhares, é perceptível que no discurso do governador está presente uma comparação entre a situação que o Brasil se encontrava e as acusações aos inconfidentes.

A partir somente da narrativa produzida pela *Folha de São Paulo* na sua plataforma digital, fica um pouco difícil compreender quem foi Tiradentes e os motivos de existir um feriado nacional em sua homenagem. No entanto, o que chamou a atenção nessa publicação é,

²⁰ A organização ou grupo Odebrecht se configura como um conglomerado empresarial brasileiro de capital fechado que atua em diversas partes do mundo nas áreas de construção e engenharia, química e petroquímica, energia, entre outros.

²¹ Michel Temer, presidente do Brasil em 2017, havia assumido a presidência em virtude do processo de impeachment que ocorreu contra a ex-presidente Dilma. Por ser vice no governo da presidência, ele terminou no final do processo assumindo o maior posto da política brasileira.

a busca por legitimação do discurso do governador de Minas, que teve como base de apoio a representação de Tiradentes.

Após a proclamação da República, os republicanos buscaram na imagem e na história de Tiradentes a legitimação e promoção das ideias e do discurso republicano na sociedade brasileira. Outras figuras políticas como Getúlio Vargas e Juscelino Kubistchek também utilizaram a memória de Tiradentes para legitimar as suas falas em determinados momentos. E, em 2017, um ano em que o corpo social vivia um momento conturbado na política brasileira, vemos uma figura política buscando legitimar seu discurso e ideia de governabilidade na memória e história de Tiradentes.

De modo consequente, se nos anos anteriores vimos algumas narrativas que foram publicadas no dia 21 de abril, associarem às questões polêmicas que emergiram em torno da política na sociedade a figura do herói Tiradentes, no ano de 2018 essa relação ficou ainda mais explícita nas publicações que foram realizadas nas plataformas digitais.

Em relação aos anos anteriores, encontramos um número inferior de narrativas publicadas que apresentaram uma abordagem de Tiradentes. No ano de 2018, foram encontradas e selecionadas apenas quatro portais de notícias (quadro 6). No entanto, os textos das notícias que foram publicadas não são tão sucintos como vimos até aqui. Além disso, neles é possível perceber a relação de Tiradentes com a República e com temas políticos atuais aparecendo de maneira mais expressiva.

Quadro 6 – Narrativas sobre Tiradentes nos portais de notícias em abril de 2018

ARQUIVO	VEÍCULO DE INFORMAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA	AUTOR	DATA
https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/20/em-pronunciamento-temer-se-compara-a-tiradentes.htm	UOL Notícias	Em pronunciamento Temer se compara a Tiradentes	Luciana Amaral	20 abr.2018
https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/militares-transformaram-tiradentes-em-heroi-nacional.shtml	Folha de São Paulo	Militares transformaram Tiradentes em herói nacional	Editora	21 abr.2018
http://www.guiasaojoao.com.br/noticias/o-dia-de-tiradentes-e-comemorado-em-21-de-abril-e-e-considerado-um-feriado-nacional-no-brasil-1347	Guia São João	O dia de Tiradentes é comemorado em 21 de abril, e é considerado um feriado nacional	Editora	21 abr.2018

https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/quem-realmente-foi-tiradentes-e5q5z5vs4oz1s8k5d39tu4fuk/	Gazeta do Povo	Quem, realmente, foi Tiradentes?	Isabella Mayer de Moura	21 abr.2018
---	----------------	----------------------------------	-------------------------	-------------

Fonte: Dados da Pesquisa

É importante lembrar a tensão política existente na sociedade brasileira no ano de 2018. A eleição, que aconteceria no mês de outubro, para a escolha de um novo presidente, estimulava nos eleitores uma heterogeneidade de sentimentos. Para alguns a escolha de um novo presidente era indiferente, para outros a sensação de descontentamento e ao mesmo tempo de esperança, gerava um embate entre grupos apoiadores de candidatos que se declaravam de esquerda ou de direita.

A política brasileira seguia um caminho conturbado desde a última eleição presidencial que havia ocorrido em 2014. Os resultados não agradaram alguns grupos, e a partir daí o que se viu foi certo clima de intolerância e insegurança no corpo social. Em meio a esse cenário, existiam aqueles que pregavam a união das classes, aqueles que pediam a volta do regime militar, e grupos menos expressivos defendiam o retorno da monarquia.

Sendo assim, como se pode observar, até mesmo pelas manchetes expostas no quadro cinco, as notícias publicadas nos sites de notícias refletiram em suas narrativas, mesmo que indiretamente, o contexto brasileiro no ano de 2018.

O primeiro portal de notícia encontrado que abordou a história de Tiradentes, em sua plataforma digital, foi a *Folha de São Paulo*. A narrativa publicada nesse site afirmou que foram os militares que transformaram Tiradentes em herói nacional. Para justificar essa afirmação, o texto informa que o dia 21 de abril se tornou feriado nacional após a República ter sido proclamada.

Em seguida, é relatado que, ao assumirem o poder, os líderes republicanos buscavam pela figura de um herói nacional que pudesse atrair o apoio da sociedade brasileira para a nova forma de governo político. Em meio a esse contexto, a figura escolhida pelos republicanos foi a de Tiradentes. A construção do herói nacional Tiradentes, entretanto, não ficou restrita ao início da República. Ao longo do século XX, os militares voltaram a invocar a figura de Tiradentes, no momento em que ocorreram mudanças que provocaram significativo impacto no cenário político no Brasil. A título de exemplo, logo após a Era Vargas, Tiradentes foi declarado patrono das polícias civis e militares. Já em 1965, um ano após a ditadura militar estar instalada, Tiradentes foi alçado ao posto de herói nacional.

A publicação também apresenta, resumidamente, algumas informações sobre a participação de Tiradentes no levante da Inconfidência Mineira e apresenta uma série de imagens de que foram elaboradas sobre ele.

Em linhas gerais, a publicação da *Folha de São Paulo*, em sua plataforma digital, traz informações importantes para compreender Tiradentes. No entanto, essas informações são expostas, naquele momento, com clara representação de sua linha editorial. A narrativa estabelece uma relação da figura de Tiradentes com a Conjuração Mineira e com a República, evidenciando que a representação de Tiradentes enquanto herói nacional e o feriado do dia 21 de abril são frutos de construções políticas.

Todavia, o modo como às informações são apresentadas possibilita uma interpretação de exaltação não só dos militares, mas de uma forma ou de outra, também do regime militar – que tem sido invocado por alguns grupos nos dias atuais. Na narrativa, é enfatizado que o reconhecimento da figura de Tiradentes e transformação da sua representação em herói nacional são resultado de uma política que tinha os militares no poder e que, conseqüentemente, sempre buscaram legitimar seus atos e ideologias políticas, no enaltecimento da figura do herói nacional.

Já no que diz respeito, à narrativa produzida pela repórter Luciana Amaral, e publicada no portal de notícias *UOL*, a repórter abordou indiretamente o herói Tiradentes em seu texto, ao apresentar informações sobre o pronunciamento do até então presidente do Brasil, Michel Temer, que havia sido realizado na noite que antecedia a comemoração do feriado nacional de Tiradentes.

Em seu texto, Luciana Amaral noticiou que o presidente – alvo de investigações do Supremo Tribunal Federal –, se comparou com Tiradentes, o líder da Inconfidência Mineira, durante o seu pronunciamento. Na narrativa consta que Temer iniciou a sua fala citando alguns versos do poema *O romanceiro da Inconfidência*, de autoria de Cecília Meireles. Os versos do poema foram citados, segundo o presidente, para que ele pudesse falar de “liberdade”.

Sendo assim, de acordo com a publicação do portal de notícias, Temer afirmou que mais do que foi sonhado pelos inconfidentes, existia naquele momento a liberdade de imprensa, de democracia, do direito de ir e vir, e do direito de pensar e expressar-se. Na seqüência, Temer declara que é fácil “bater” e criticar o presidente, difícil é fazer o que ele faz, e sai em defesa dos atos e resultados do seu governo.

Por fim, a publicação apresenta alguns detalhes sobre a investigação que o STF está realizando, e afirma que o Planalto não tem visto com bons olhos as investigações que estão sendo realizadas. Em seguida, o portal disponibiliza o pronunciamento de Temer na íntegra.

O que se observa na narrativa produzida pela repórter é a tentativa de Michel Temer utilizar o dia 21 de abril e os anseios de Tiradentes e dos inconfindentes, para dar legitimidade e justificar as suas ações políticas, que por sinal têm sido o centro de críticas. Uma possível interpretação da narrativa produzida por Luciana Amaral é a de que o presidente se coloca como aquele que tem realizado conquistas que foram, de certa forma, desejada pelos inconfindentes no passado. Ademais, nenhuma informação a mais sobre Tiradentes e sua história e memória são mencionados.

Assim como o portal de notícias da *Folha de São Paulo*, o veículo de informação digital *Guia São Jorge* publicou em seu site no dia do feriado nacional uma narrativa esclarecendo a história de Tiradentes e associou a representação de herói nacional de Tiradentes com a República proclamada no Brasil em 1889.

No portal de notícias *Guia São Jorge*, é mencionado que o feriado do dia 21 de abril é uma homenagem à figura do herói nacional Tiradentes. Em seguida, são apresentados alguns aspectos da vida de Tiradentes no Período Colonial e na organização da Inconfidência Mineira.

A publicação, ao expor esse contexto, afirma que Tiradentes foi reconhecido como herói nacional e mártir da independência, quando a República foi proclamada, por meio de um golpe, no ano de 1889. Um dos primeiros atos que os republicanos realizaram foi à transformação do dia da execução de Tiradentes em uma festa cívica.

O site também traz uma curiosidade sobre Tiradentes. Conforme a narrativa “[...] durante a ditadura militar (1864-1985)²², Tiradentes foi retratado com barba e cabelos compridos para se assemelhar a Jesus Cristo” (GUIA SÃO JORGE, 2018).

Existem questões que chamam a atenção na abordagem realizada sobre a figura de Tiradentes pelo portal de notícias *Guia São Jorge*. A primeira observação é a de que a narrativa associa a figura de Tiradentes com a Inconfidência e a República, o que possibilita uma interpretação de que sua imagem de herói, assim como a instituição do feriado do dia 21 de abril, foi resultado de uma construção política e social.

Outra observação é que o portal também apresenta informações equivocadas sobre Tiradentes. Na narrativa é informado que durante a ditadura militar, Tiradentes foi retratado

²² Acreditamos que possa haver um erro de digitação, pois o regime militar começou em 1964 e não em 1864.

de modo similar a Jesus Cristo. Ao olharmos para os debates historiográficos, notaremos que os primeiros retratos de Tiradentes começaram a ser produzidos quando a República foi proclamada, e que desde o início essa representação entre Tiradentes e Cristo já era realizada.

A última publicação encontrada nos portais de notícias investigados no feriado nacional, no ano de 2018, sobre Tiradentes e o dia 21 de abril, foi publicada pelo veículo de informações digital Gazeta do Povo. A publicação produzida pela jornalista Isabella Mayer de Moura, traz na manchete da notícia o questionamento: quem, realmente, foi Tiradentes? Nas linhas a seguir, por meio de sua narrativa, a jornalista apresenta uma resposta para esse questionamento.

A percepção do heroísmo existente na figura de Tiradentes é resultado de uma campanha que foi realizada após a República ser proclamada, já que os republicanos necessitavam da figura de um herói que despertasse na população o apoio ao regime que havia acabado de ser instalado, explica Isabella Moura. Tendo como referência o historiador e professor Marcos Aurélio de Paula Pereira, da Universidade de Brasília, a jornalista apresenta o contexto e processo de transição política da Monarquia para a República, no final do século XIX e início do século XX, e tece alguns comentários sobre a construção do herói Tiradentes pelos republicanos.

A jornalista também chama a atenção para uma probabilidade de falta de percepção do feriado do dia 21 de abril no ano de 2018 – já que o feriado foi em um sábado –, e para um possível esquecimento da figura de Tiradentes nos dias atuais, visto que, “[...] depois de rapidamente estudarmos sobre sua participação na Inconfidência Mineira e sua morte dramática decorrente disso, poucos de nós voltamos a olhar para esse personagem mítico da história brasileira” (Gazeta do Povo, 2018).

No texto informativo da jornalista Isabella não há afirmações generalizadas. Ela se propõe falar sobre quem realmente foi Tiradentes e cumpre o seu objetivo. A narrativa produzida – resultado de uma conversa com o professor e historiador Marcos Aurélio –, apresenta a história e memória de Tiradentes enquanto um herói nacional atrelado à República que foi proclamada em 1889. Isabella não deixa de mencionar a Inconfidência Mineira, entretanto, ela mostra que os republicanos viram no Tiradentes do movimento mineiro a figura que necessitavam para ser o seu herói.

Em linhas gerais, o que se observa nas reportagens publicadas nos portais de notícias do ano de 2018, é que, apesar delas tratarem e associarem elementos da política atual com a figura de Tiradentes e o feriado de 21 de abril, as narrativas se diferenciaram umas das outras e demonstraram nas entrelinhas a subjetividade de quem as produziu.

A questão da linguagem é um item importante de se observar quando se está diante de uma narrativa produzida pela mídia digital, explica Alexandre (2001). De acordo com o autor, as mídias lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais. A maneira como a figura de Tiradentes é representada nessas notícias produz significações para grupos populares.

A comunicação, sob a perspectiva da representação social, é o fenômeno pelo qual uma pessoa influencia ou esclarece outra que, por sua vez, pode fazer o mesmo em relação à primeira. Seus elementos básicos são o emissor, o receptor, a mensagem, o código e o veículo (ALEXANDRE, 2001, p. 118).

Apresentado, portanto esses portais de notícias e suas narrativas sobre Tiradentes, é importante considerar que antes do compromisso com a historicidade dos fatos, os veículos de notícias digitais têm o compromisso com a informação. As plataformas de informação digital são diferentes das plataformas de revistas científicas. Os textos, além de serem sucintos, evidenciam a linguagem e a objetividade de conteúdo, que são características próprias desse gênero textual.

De todo modo, mesmo levando em consideração as características das narrativas que foram divulgadas nos portais de notícias, foi possível observar que havia nas publicações muitas informações confusas e equivocadas sobre Tiradentes. A importância e o destaque que foram atribuídos à figura de Tiradentes entre o fim do século XIX a meados do século XX, quase não apareceram nos textos informativos que foram encontrados e analisados entre o período de 2014-2018. Essa carência de valorização e manutenção da memória de Tiradentes enquanto um símbolo de identidade nacional, possivelmente é resultado das mudanças que vêm ocorrendo no corpo social no decorrer dos tempos.

O crescente avanço tecnológico e o intenso uso de aparelhos eletrônicos tem proporcionado uma maior dinamicidade entre as novas gerações. Em uma modernidade conceituada por Zygmunt Bauman (2001) como “leve”, “líquida” e “fluída”, a figura símbolo da república pode não ser considerada fundamental, como ocorreu em épocas passadas. E a mídia eletrônica, por sua vez, cumpre o seu papel equivocadamente, ao revelar informações confusas e distantes dos fatos já concretamente analisados pela historiografia, confundindo a população e pouco esclarecendo a relação de Tiradentes com a república, fundamento do motivo da existência do feriado nacional.

Ao olhar para o modo como os portais de notícias retrataram a figura do herói Tiradentes durante o período investigado, chegamos à conclusão de que a maioria das publicações caminha em uma via contrária do que a historiografia tem produzido.

A produção historiográfica, a partir dos seus debates, tem demonstrado as contradições que recaem sobre a compreensão de Tiradentes, no que diz respeito ao seu título de herói e a comemoração do dia 21 de abril. Esses debates historiográficos são realizados, não com a intenção de deslegitimar o título de herói que a ele foi atribuído. O propósito é compreender a maneira como a sua memória foi construída no bojo da história nacional pela República, para torná-lo uma figura representativa da república.

A apropriação e reconstrução da memória e da representação de Tiradentes tem todo um passado histórico que está intimamente relacionado com a proclamação da República e com o estabelecimento deste regime político no Brasil. Passado esse que se encontra silenciado na maioria das narrativas que foram produzidas e publicadas nos sites de notícias analisados nesse estudo.

É possível perceber que as narrativas produzidas na maioria dos sites de informação expressam, de uma forma ou de outra, a falta de aprofundamento histórico e de consciência histórica da memória de Tiradentes por parte da maioria dos profissionais que elaboraram os textos que foram publicados. Se de um lado é perceptível a inexpressiva presença de historiadores nessas publicações, por outro lado, também é visível a ausência de preocupação com o rigor científico da informação por parte dos profissionais que produziram os textos informativos que circulam/circularam nos portais de notícias. Talvez esse seja um indicativo e esteja uma oportunidade dos historiadores saírem de suas muralhas acadêmicas e se aproximarem mais do público.

O que se verifica é que as discussões produzidas pela historiografia são omitidas e /ou desconhecidas pela maioria dos autores das narrativas que circulam nos portais de notícias. Nas publicações transparece a ideia de que o título de “herói” de Tiradentes é resultado apenas do seu envolvimento com a Conjuração Mineira e, que foi por causa e somente deste movimento que Tiradentes foi apropriado pela República como símbolo e concretizado em torno da criação de um feriado nacional.

A mídia digital se consagra na atualidade como um instrumento de grande audiência no corpo social. As representações que se instalam nas reportagens e que circulam na internet constroem diretivas que orientam a manutenção da identidade nacional, como é o caso da figura de Tiradentes.

A internet, enquanto uma plataforma permite que seus usuários adicionem informações livremente em suas páginas. No entanto, é preciso ter consciência de que a mídia digital, principalmente, no que diz respeito aos sites de notícias, tem um papel social de levar informação com responsabilidade, pois a memória e a história presente nas narrativas que circulam nos sites chegam a um grande público e esse público conseqüentemente termina propagando essas informações entre seus pares.

A internet é um espaço público hoje, isso é evidente! É muito difícil evitar que conteúdos históricos que não levam a uma real compreensão do passado, como é o caso da construção de Tiradentes, sejam divulgados. No entanto, esse mesmo meio digital, onde amadores e os mais diversos perfis de profissionais estão trabalhando com a história, possibilita também que os historiadores ampliem a divulgação do conhecimento produzido na academia aos mais diferentes públicos da sociedade. Mas como isso pode ser feito? Com os historiadores ocupando também, espaços como esses que investigamos, já que naturalmente eles possuem uma ampla audiência. A divulgação do conhecimento histórico científico, se realizado com qualidade e responsabilidade no meio digital, inclusive nas plataformas de caráter informativo, pode ter um papel relevante na formação da consciência histórica. Um exemplo disso pode ser observado no aparecimento da História Pública, que, de certa forma, tem esse papel de aproximar as discussões produzidas no interior das academias ao público mais amplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elegermos os debates produzidos no âmbito acadêmico, as narrativas elaboradas que compõem os livros didáticos de História e os textos informativos publicados em portais de notícias para discorrer sobre os elementos que oportunizaram a apropriação e a transformação da figura de Tiradentes em herói republicano e nacional, não fizemos isso com a intenção de deslegitimar o título de herói de Tiradentes, mas de avaliar se a maneira como sua figura está sendo representada na atualidade permite compreender a história de Tiradentes, os motivos de existir um feriado nacional em sua homenagem e a função social dessa celebração na sociedade brasileira.

As representações são entendidas nesse estudo como um elemento fundamental para pensar a construção da figura de Tiradentes, pois “as representações e ações supõem uma eficácia as ideias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que, ao se apropriarem deles, os investem de significados plurais e concorrentes” (CHARTIER, 1991, p. 188).

A partir da discussão apresentada no primeiro capítulo sobre a representação de Tiradentes produzida pela historiografia, foi possível compreender que logo após a República ter sido proclamada no Brasil, os republicanos se apropriaram da figura de Tiradentes e sobre ela elaboraram enredos, significados e lugares de memória, com a intencionalidade de oferecer a sociedade um herói em comum: que representasse a concepção de República, e que, ao mesmo tempo, despertasse na população o apoio ao novo regime que despontava na política brasileira após a queda da monarquia.

A busca por uma identidade nacional entre o final do século XIX e início do século XX, aliada a necessidade de elaboração de referências coletivas, favoreceu a criação de elementos que podem ser considerados promotores de um sentimento de pertencimento e de numerosas interações sociais. Em meio a esse contexto, a reconstrução republicana da história e da memória de Tiradentes vinculada aos interesses da República exigiu um envolvimento político, intelectual e de divulgação na época para promover de diversas formas a figura de Tiradentes, para que a população pudesse conhecer e se reconhecer na sua imagem. A pintura, a elaboração de uma história nacional, monumentos, ruas, o ensino, e a introdução de uma festa cívica no calendário brasileiro em sua homenagem, foram ferramentas essenciais para os republicanos estabelecerem um frequente diálogo com o público.

Isto posto, ao lançarmos o nosso olhar para o presente, é possível perceber que a sociedade no decorrer do seu desenvolvimento criou novas formas de comunicação. Sendo assim, investigamos nos livros didáticos de história e nos portais de notícias, a maneira como as respostas produzidas pela historiografia – aos questionamentos levantados sobre Tiradentes, e que foram pontuados no início dessa pesquisa –, são reproduzidas nesses dois mecanismos que possuem uma ampla audiência no Brasil.

Thais Nívia de Lima e Fonseca (2016) destaca que a escola, tendo os livros didáticos como instrumentos centrais, segue como principal divulgadora do conhecimento histórico acadêmico. Já, a mídia digital, por sua vez, se caracteriza, hoje, como um, entre os principais meios, para comunicar e estabelecer uma aproximação com o grande público. As mídias, como apontam Evelyne Bérvoort e Maria L. Belloni (2009) fazem parte dos processos de socialização das novas gerações.

Ao pesquisarmos a retratação da figura de Tiradentes nos conteúdos que compõem os livros didáticos de história que estão sendo utilizados por milhares de estudantes dos anos finais do ensino fundamental, foi possível observar que a compreensão historiográfica produzida sobre a representação de Tiradentes aparece de forma tímida nesses livros. A discussão apresentada no segundo capítulo evidenciou que a história e a memória de Tiradentes na maioria dos livros didáticos são associadas apenas ao movimento da Inconfidência Mineira e/ou da Independência. A relação da figura de Tiradentes com o regime republicano pouco apareceu nesse material e, quando apresentada foi abordada de maneira inexpressiva nos livros didáticos. Logo, diante dos resultados apresentados no segundo capítulo, conclui-se que, se depender unicamente do livro de história, dificilmente os alunos irão concluir o ensino fundamental compreendendo quem foi Tiradentes e os motivos de existir um feriado nacional em sua homenagem.

Quanto à mídia digital, ao examinarmos a manutenção da figura de Tiradentes enquanto um herói nacional nas reportagens que circularam na rede no dia 21 de abril, entre o período de 2014-2018, se notou uma ausência de preocupação com o rigor científico de informação, não só no que diz respeito à figura Tiradentes, mas com o próprio sentido do feriado nacional. Os resultados apresentados no terceiro capítulo, em torno das análises da representação de Tiradentes nos portais de notícias, revelaram o distanciamento existente entre a interpretação historiográfica e a compreensão apresentada nas plataformas de informação digital sobre a representação de Tiradentes e a celebração do feriado nacional.

Os textos publicados nos portais de notícias no dia 21 de abril, entre o período de 2014-2018 apresentaram, na maioria das vezes, versões e explicações variadas, confusas e

equivocadas sobre a representação da figura histórica de Tiradentes na sociedade brasileira. O grande número de reportagens que divulgaram os comércios que estaríamos abertos e fechados no feriado – para que as pessoas pudessem curtir seu momento de lazer –, no decorrer dos cinco anos de investigação, também chamou a atenção, visto que a quantidade de publicações com essas informações sobrepõe em larga escala, as poucas notícias que trataram do personagem histórico homenageado nesta data.

Este resultado, por mais simples que seja, indica que as pessoas da geração do século XXI não estão muito preocupadas em se apegar a pontos de referências históricas, mesmo que construídas conforme interesses em determinado momento. Não existe uma tradição histórica de valorização de “herói nacional” no Brasil, mas apenas os marcos históricos. O passado, as tradições e as crenças que foram criadas como ponto de referência e inspiração parecem estar em um estado de liquefação.

As notícias que a imprensa produziu e que circularam na internet expuseram os efeitos que as mudanças ocorridas em um processo de longa duração provocam na forma de pensar. Além disso, é perceptível que as representações que se instalaram nas reportagens, e que circularam na internet, constroem diretivas que revelam a carência da manutenção simbólica e de identidade nacional presente na figura de Tiradentes.

As observações realizadas durante a investigação da representação de Tiradentes nos portais de notícias e nos livros didáticos de História apontam para a necessidade de reflexões não só sobre a figura de Tiradentes e o feriado de 21 de abril, mas de outros eventos históricos brasileiros. Quando se pensa em eventos como o 7 de setembro e o 15 de novembro, se percebe uma ausência de compreensão e de enraizamento cultural e histórico desses acontecimentos na formação brasileira. Talvez, a explicação para isso esteja na falta de envolvimento direto da população durante o processo e concretização desses eventos no Brasil.

Contudo, em se tratando de Tiradentes, se a historiográfica por meio dos debates que são produzidos no interior das academias permite compreender a construção histórica sobre a sua figura e, se essa compreensão está sendo transmitida de forma inexpressiva para o público que está além das muralhas acadêmicas, acreditamos que o aparecimento da história pública seja uma oportunidade dos historiadores tentarem se aproximar do seu público, que não é somente o acadêmico.

A história e a memória de Tiradentes, até certo ponto são compreendidas do ponto de vista científico. Todavia, se essa compreensão não chega, ou se chega de modo superficial até

o grande público, é porque falta o estabelecimento de um diálogo entre os profissionais especializados para com eles.

Apesar de a história pública ser uma definição em aberto e ainda ser um campo de debate que está se firmando no Brasil, a compreensão sobre história pública que tendemos seguir nessa pesquisa está relacionada com a produção e divulgação do conhecimento histórico.

A investigação realizada na produção historiográfica, nos portais de notícias e nos livros didáticos de história acerca de Tiradentes – uma importante figura pública brasileira –, abriu caminhos para refletir sobre a maneira como o conhecimento no que diz respeito a esse personagem histórico está sendo divulgado e transmitido para o “grande público”.

A história pública, portanto, é apontada nesse estudo, como uma entre as possibilidades de refletirmos a divulgação do conhecimento histórico sobre Tiradentes, por meio da “[...] produção de materiais para circulação e consumo de uma audiência mais ampla do que nossos pares acadêmicos” (MAUAD, et al., 2016, p. 13). Fazer história pública significa difundir o conhecimento histórico para amplas audiências, com o público e para o público. Talvez esteja na história pública o caminho para pensar a possibilidade de uma compreensão social sobre a apropriação e transformação da figura de Tiradentes em um símbolo de identidade nacional.

REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano Queiroz. Pintando o herói da República: a construção do imaginário mitificado de Tiradentes e o ensino de História. **ANPUH XXV**, Fortaleza, 2009, p. 1-10.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história. In: **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 21-39.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul/dez, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BALLAROTTI, Carlos Roberto. A construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade. **Antíteses**. Londrina, v. 2, n. 3, p. 201-225, jan.-jun./2009.

BAUMAN, Zygmunt. Prefácio: ser leve e líquido. In: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7-22.

BÉRVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luíza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.** Campinas, v. 30, n. 19, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (org). **História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, p. 185-204, 2005.

_____. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 471-473, 2004.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: **Café História – história feita com cliques**. Publicado em: 6 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>>. Acesso em: 21 dez. 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. A Nova Historiografia e o imaginário da República. **ANOS 90**, v. 1, n. 1, p. 11-21, 1993.

CASSIANO, Célia Cristina Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. **História**, São Paulo, v.23, n. 1-2, p. 33-48, 2004.

CAVALCANTI, Erinaldo. Livro didático: possibilidades e desafios para o ensino de História. **Revista História Hoje**, v.5, n. 9, p.262-284, 2006.

CHOPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa - **Revista da Faculdade de Educação da USP**. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 564-565, set./dez. 2004.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 137-191, jan.-abr. 1991.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. História Pública e Ensino de História: o conhecimento histórico do professor, dos alunos e dos outros. In:BUENO, André et al (orgs). **Aprendendo História**: ensino. União da Vitória: Edições Especiais Sobre Ontens, 2019, p. 88-94.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. O livro didático e a pedagogia do cidadão: o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **História**, n. 13, João Pessoa, p. 121-131, 2005.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única: ou De A Shared Authority à cozinha digital, vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-69.

FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. **Da infâmia ao altar da pátria**: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. 2001. 355f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 439-462, 2002.

_____. A comemoração do 21 de abril: o cenário do jogo político (1930-1960). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 437-486, jan./dez. 2005.

_____. Ensino de história, mídia e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 149-163.

HALL, Stuart. **A identidade e a cultura na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidade. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, Nov. 2007.

HEYMANN, Luciana; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme de; FONTES, Paulo. História pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 229-230, jul./dez. 2014.

HERMANN, Jacqueline. Canudos destruído em nome da República: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 81-105, 1996.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-24.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. **MANA**, v. 3, n. 18, p. 471-509, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaços de experiências” e “horizonte de expectativas”: duas categorias históricas. In: **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora PUC Rio, 2006. p. 235-327.

LEAL, Elisabete da Costa. Calendário republicano e a festa cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. **História**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 64-93, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 17, p. 2-23, 2005.

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 149-163.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, p. 1-20, 2017.

_____. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, p. 17-50, ago. 2017.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MAXWELL, Kenneth. Conjuração Mineira: novos aspectos. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 3, n. 6, p. 4-24, mai./ago.1989.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.

MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes**: o corpo do herói. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina de. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNDL. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, n. 8, p. 123-144, 2004.

MORIN, Edgar. **O Método III**: o conhecimento do conhecimento. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

NOIRET, Serge. História pública digital. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v.11, n. 1, p. 28-51, mai. 2015.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **LIINC em Revista**, v. 1, n. 1, p. 1-13, mar. 2005.

RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. São Paulo: Manole, p. 69-105, 2011.

RESENDE, Augusto Henrique Assis. O uso político da Conjuração Mineira: São João Del-Rei (1877-1889). **Revista Expedições**, v. 4, n. 2, p. 169-19, 2013.

RUSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 109-127.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-35.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. O Currículo da disciplina de História no Colégio Pedro II – Império. **Cadernos de História da Educação**, v.14, n.1, p. 55-70, jan./abr. 2015.

SGORLA, Fabiana. Discutindo o “processo de midiaticização”. **Mediação**. Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun, p. 59-68, 2009.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **História da Conjuração Mineira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. Os historiadores e os “fazedores de história”: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática. **OPIS**, v. 7, n. 9, p. 187-198, jul-dez, 2007.

SOUSA, Rui Bragado. Criando heróis e mitos: o elemento simbólico na construção do nacionalismo no Brasil e Uruguai (Tiradentes e Artigas). **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 151, p. 63-73, 2013.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 9, n. 15, p. 7- 23, 2001.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. A disciplina de história no império brasileiro. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 17, p. 1-10, mar. 2005.

ZAMBONI, Ernesta. Projeto pedagógico dos Parâmetros Curriculares Nacionais: identidade nacional e consciência histórica. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 367-377, 2003.

APÊNDICES

Apêndice A - Livros didáticos de História PNLD 2017-2019

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá**: organizadora Editora Moderna. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2014.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Teláris**: história. 2 ed. São Paulo: Ática, 2015.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História**: das origens do homem à era digital. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

CAMPOS, Flávio; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF. **História nos dias de hoje**. 2 ed. São Paulo: Leya, 2015.

COTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

JÚNIOR BOULOS, Alfredo. **História**: sociedade e cidadania. 3º Ed. São Paulo: FTD, 2015.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane de. **Projeto Apoema**: História. 2º Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. **Vontade de saber história**. 3ed. São Paulo: FTD, 2015.

RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Piatã**: História. Curitiba: Positivo, 2015.

SANTIAGO, Pedro; PONTES, Maria Aparecida; CERQUEIRA, Célia. **História**: Coleção Integralis. São Paulo, IBEP, 2015.

VAINFAS, Ronaldo (et al.). **História.doc**. São Paulo: Saraiva, 2015.

VAZ, Maria Luiza; PANAZZO, Silvia. **Jornadas.hist**: História. 2 ed. São Paulo:Saraiva, 2012.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Projeto Moisaico**: história. São Paulo: Scipione, 2015.

Apêndice B - Reportagens publicadas em portais de notícias entre o período de 2014-2018

ALMEIDA, Darce. **Polícia Militar de Francisco Beltrão prestou homenagem a Tiradentes**. Disponível em: <http://www.jornaldebeltrao.com.br/noticia/258345/policia-militar-de-francisco-beltrao-prestou-homenagem-a-tiradentes> Acesso em: Abril de 2017.

AMAMBAINOTÍCIAS. **21 de Abril dia de Tiradentes.** Disponível em: <http://www.amambainoticias.com.br/geral/21-de-abril-dia-de-tiradentes> Acesso em: Abril de 2015.

AMARAL, Luciana. **Em pronunciamento Temer se compara a Tiradentes.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/20/em-pronunciamento-temer-se-compara-a-tiradentes.htm> Acesso em: Abril de 2018.

BARBOSA, Neusa. **'Joaquim' se desprende do didatismo para reimaginar Tiradentes.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/joaquim-se-desprende-do-d.ghhtml> Acesso em: Abril de 2017.

BARROS, Jussara. **Conheça um pouco da História de Tiradentes, o Mártir da Independência do Brasil.** Disponível em: <http://www.crn1.com.br/noticias/32907.html> Acesso em: Abril de 2014.

BRASIL 247. **Elite Brasileira atual enforcaria Tiradentes?.** Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/177907/Elite-brasileira-atual-enforcaria-Tiradentes.htm> Acesso em: Abril de 2015.

BRODBECK, Pedro. **Estátua de Tiradentes volta ao marco zero de Curitiba.** Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2014/04/parana-tv-depois-de-oito-meses-estatua-de-tiradentes-volta-praca.html> Acesso em: Abril de 2014.

CONSTANTINO, Rodrigues. **A luta de Tiradentes.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/historia/a-luta-de-tiradentes> Acesso em: Abril de 2014.

COSME, Danielle. **Dia 21 de abril, dia de Tiradentes. Você sabe quem foi Tiradentes?.** Disponível em: <http://www.rodosoft.com.br/outros/dia-21-de-abril-dia-de-de-tiradentes-voce-sabe-porque/> Acesso em: Abril de 2014.

DOTTA, Rafaella. **Tiradentes: por que um feriado nacional em sua homenagem?.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/21/tiradentes-por-que-um-feriado-em-sua-homenagem/> Acesso em: Abril de 2017.

ESAB. **21 de Abril Dia de Tiradentes.** Disponível em: <https://www.esab.edu.br/21-de-abril-dia-de-tiradentes/> Acesso em: Abril de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO: **Charge de Laerte é criticada e elogiada por leitores.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/04/1619416-charge-de-laerte-e-criticada-e-elogiada-por-leitores.shtml> Acesso em: Abril de 2015.

_____. **Charge de Laerte do Dia de Tiradentes gera debate entre os leitores.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/04/1619935-charge-de-laerte-do-dia-de-tiradentes-gera-debate-entre-os-leitores.shtml> Acesso em: Abril de 2015.

_____. **Militares transformaram Tiradentes em herói nacional.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/militares-transformaram-tiradentes-em-heroi-nacional.shtml> Acesso em: Abril de 2018.

GAZETA DA CIDADE. **Morte de Tiradentes completa 223 anos nesta terça-feira.** Disponível em: <http://www.gazetadacidade.com/brasil/morte-de-tiradentes-completa-223-anos-nesta-terca-feira-21/> Acesso em: Abril de 2015.

GUIA SÃO JOÃO. **O dia de Tiradentes é comemorado em 21 de abril, e é considerado um feriado nacional.** Disponível em: <http://www.guiasaojoao.com.br/noticias/o-dia-de-tiradentes-e-comemorado-em-21-de-abril-e-e-considerado-um-feriado-nacional-no-brasil-1347> Acesso em: Abril de 2018.

G1/GSHOW. **Tiradentes: reveja os principais momentos deste herói nacional em "Liberdade, Liberdade".** Disponível em: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/tiradentes-reveja-os-principais-momentos-deste-heroi-nacional-em-liberdade-liberdade.html> Acesso em: Abril de 2016.

ISTO É. **Governo de Minas Gerais homenageia Nelson Mandela no feriado de Tiradentes.** Disponível em: <http://istoe.com.br/governo-de-minas-gerais-homenageia-nelson-mandela-no-dia-de-tiradentes/> Acesso em: Abril de 2017.

LETIERI, Rebeca. **Tiradentes: da Inconfidência do Século XVIII à crise política do século XXI.** Disponível em: http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/04/21/tiradentes-da-inconfidencia-do-seculo-xviii-a-crise-politica-do-seculo-xxi/?from_rss=pais Acesso em: Abril de 2017.

LINHARES, Carolina. **Alvo de delatores, Pimentel diz que justiça foi solapada por acusações.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/04/1877495-alvo-de-delatores-pimentel-diz-que-justica-foi-solapada-por-acusacoes.shtml> Acesso em: Abril de 2017.

MILANEZ, Cíntia. **Com Tiradentes insatisfeito e libertador, classe média já reagia.** Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Geral/2015/04/com-tiradentes-insatisfeito-e-libertador-classe-media-ja-reagia.html> Acesso em: Abril de 2016.

_____. **Tiradentes pelos olhos das ruas que o homenageiam.** Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Geral/2017/04/tiradentes-pelos-olhos-das-ruas-que-o-homenageiam.html> Acesso em: Abril de 2017.

MOURA, Isabella Mayer de. **Quem, realmente, foi Tiradentes?.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/quem-realmente-foi-tiradentes-e5q5z5vs4oz1s8k5d39tu4fuk/> Acesso em: Abril de 2018.

OS DIAS. **Dia 21 de Abril - Feriado de Tiradentes.** Disponível em: <http://osdias.com.br/cultura-entretenimento/dia-21-de-abril-feriado-de-tiradentes/> Acesso em: Abril de 2015.

O TEMPO. **Sob Protestos MG entrega medalhas em Ouro Preto.** Disponível em: <http://www.otempo.com.br/sob-protestos-mg-entrega-medalhas-em-ouro-preto-1.1027249> Acesso em: Abril de 2015.

PEIXOTO, Paulo. **Governo de Minas mantém população fora da celebração.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1443456-novo-governo-de-minas-mantem-populacao-excluida-da-celebracao-da-inconfidencia.shtml> Acesso em: Abril de 2014.

PESSOA, Breno. **Cineasta pernambucano mostra versão humanizada de Tiradentes no longa 'Joaquim'.** Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/04/20/internas_viver,700227/cineasta-pernambucano-mostra-versao-humanizada-de-tiradentes-no-longa.shtml Acesso em: Abril de 2017.

RPC TV. **Depois de 8 meses estátua de Tiradentes volta à praça.** Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2014/04/parana-tv-depois-de-oito-meses-estatuade-tiradentes-volta-praca.html> Acesso em: Abril de 2014.

SOUZA, Luana. **Homenagens a Tiradentes marcam o 21 de Abril.** Disponível em: <http://www.diariodoscamos.com.br/cidades/2016/04/homenagens-a-tiradentes-marcam-o-dia-21-de-abril/2135489/> Acesso em: Abril de 2016.

SUL DE MINAS. **Advogado contesta versão e diz que Tiradentes morreu careca em MG.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/04/advogado-contesta-versao-e-diz-que-tiradentes-morreu-careca-em-mg.html> Acesso em: Abril de 2014.

STRAIOTO, Samuel. **Por que celebramos o feriado de Tiradentes?.** Disponível em: <http://diariodegoias.com.br/blogs/samuel-straioto/24974-por-que-celebramos-o-feriado-de-tiradentes> Acesso em: Abril de 2016.

TERRA. **Dentista das antigas: Tiradentes implantava dentes com arame.** Disponível em: <http://saude.terra.com.br/saude-bucal/atualidades/dentista-das-antigas-tiradentes-implantava-dentes-com-arame,ff2b962d956ff39284dba826123ec1f0i10sRCRD.html> Acesso em: Abril de 2015.

TV BRASIL. **Historiadora Heloisa Starling analisa os desafios do Brasil Republicano.** Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/espacopublico/episodio/historiadora-heloisa-starling-analisa-os-desafios-do-brasil-republicano> Acesso em: Abril de 2015.

ÚLTIMO SEGUNDO. **Por que comemoramos o dia de Tiradentes?.** Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-04-21/21-de-abril-por-que-comemoramos-o-dia-de-tiradentes.html> Acesso em: Abril de 2016.

VILLALTA, Luis Carlos. **Herói nunca se colocou a favor da abolição da escravidão e deve ser alvo de piada.** Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2014/04/21/heroi-tiradentes-nunca-se-colocou-a-favor-da-abolicao-da-escravidao-e-deve-ser-alvo-de-piadas.htm> Acesso em: Abril de 2014.